

**EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A AUTONOMIA:
CONSTRUÇÃO DE POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS**

EDUARDO BOAVENTURA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade (Área de Pedagogia da Motricidade Humana)

RIO CLARO
Estado de São Paulo-Brasil
Março de 2007

**EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A AUTONOMIA:
CONSTRUÇÃO DE POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS**

EDUARDO BOAVENTURA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a IRENE CONCEIÇÃO ANDRADE RANGEL

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade (Área de Pedagogia da Motricidade Humana)

RIO CLARO
Estado de São Paulo-Brasil
Março de 2007

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria Lúcia, ao meu pai Gersio e à minha irmã Patrícia, que tanto me apóiam nos estudos.

À Carolina, minha companheira desde os tempos de graduação. Obrigado pelo carinho, pelo incentivo e lembranças no andamento da dissertação.

Aos amigos da república, Beliche, Doug e CB, que me receberam novamente para a estadia em Rio Claro. Valeu pelos felizes momentos da vida universitária.

À professora Suraya, pelo rico convívio no grupo de estudos e na disciplina da pós.

Agradeço aos professores participantes desta pesquisa, que com suas experiências e estudos forneceram uma imensa contribuição para a Educação Física escolar.

E à minha orientadora, muito obrigado pelas dicas, correções e todos os momentos fundamentais do início à conclusão do meu mestrado.

RESUMO

Um dos princípios da Educação é a aquisição e o desenvolvimento da autonomia dos alunos aliados à conquista da cidadania plena, sendo que o componente curricular Educação Física pode permitir uma grande contribuição para este objetivo. E frente às dificuldades em geral encontradas nas redes públicas de ensino, faz-se necessária a realização de um trabalho de construção pedagógica com professores de Educação Física a fim de que os alunos obtenham maiores possibilidades de desenvolver a autonomia e todos os aspectos que ela engloba, ou seja, o objetivo do trabalho foi o de construir junto a professores de Educação Física atuantes na rede pública de ensino possibilidades metodológicas e estratégias didáticas para o desenvolvimento da autonomia dos alunos. A metodologia utilizada para tal fim foi a pesquisa-ação, que se constituiu de cinco reuniões com cinco professores participantes, caracterizados por um grupo jovem com tempo de atuação na escola variado entre um a sete anos após a formação inicial. Ao início das reuniões, foi aplicado um questionário com questões a respeito do tema autonomia, com a finalidade de identificar dados para comporem o ponto de partida das reuniões da pesquisa-ação. Os dados obtidos das discussões dos encontros foram agrupados em categorias e envolveram: os entendimentos de autonomia; as estratégias utilizadas; os papéis dos professores e da escola; as posições críticas e as dificuldades encontradas. No geral, os conceitos obtidos giraram em torno de que o aluno autônomo é aquele mais independente e capaz de realizar boas escolhas e resolver problemas, sempre consciente de suas ações. As principais estratégias para desenvolver a autonomia dos alunos englobaram os espaços de escolha para os alunos, as reflexões e a vivência de diferentes conteúdos. Para isto, o professor jogar junto com os alunos, levá-los a passeios e trazer apresentações para a escola ligadas ao conteúdo proposto são estratégias confirmadas que potencializam o desenvolvimento da autonomia dos alunos. Fazer com que sejam mais responsáveis delegando papéis de arbitragem e organização de festivais também é relatado como uma maneira de se alcançar positivamente a autonomia. Dificuldades e críticas foram bem pontuadas, as quais atrapalham o bom andamento do ensino, como a resistência dos alunos aos estudos da dimensão conceitual e aos conteúdos menos visíveis em nossa cultura. Também o grande número de alunos por sala, o número de aulas de Educação Física na semana e a aprovação automática tornam mais difíceis a atuação com melhor qualidade. Todos estes aspectos dificultam o desenvolvimento dos alunos, mas vimos que muitas estratégias e concepções foram construídas, permitindo aos professores atuantes experimentar e obter uma efetiva prática pedagógica que contemple o princípio da autonomia na Educação.

Palavras-chave: Educação Física, Escola e Autonomia.

ÍNDICE

	Página
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	01
<i>I.1 Objetivo.....</i>	<i>04</i>
CAPÍTULO II – REVISÃO DE LITERATURA.....	05
<i>II.1 Autonomia e Educação.....</i>	<i>05</i>
<i>II.2 O ensino reflexivo: uma possibilidade.....</i>	<i>10</i>
<i>II.3 A autonomia segundo Jean Piaget.....</i>	<i>14</i>
<i>II.4 Professores e alunos: desenvolvendo a autonomia.....</i>	<i>22</i>
<i>II.5 A cidadania atrelada à autonomia.....</i>	<i>24</i>
<i>II.6 Paulo Freire: uma pedagogia da autonomia.....</i>	<i>27</i>
<i>II.7 A autonomia na Educação Física.....</i>	<i>29</i>
CAPÍTULO III – METODOLOGIA.....	36
CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO.....	40
<i>IV.1 Categoria 1 - Entendimentos de autonomia.....</i>	<i>42</i>
<i>IV.2 Categoria 2 - Estratégias / Como fazer.....</i>	<i>47</i>
<i>IV.3 Categoria 3 - Papéis dos professores e da escola.....</i>	<i>69</i>
<i>IV.4 Categoria 4 - Posições críticas.....</i>	<i>73</i>
<i>IV.5 Categoria 5 - Dificuldades encontradas.....</i>	<i>77</i>
CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
CAPÍTULO VI – REFERÊNCIAS.....	89
ABSTRACT.....	96
ANEXO I – Questões iniciais.....	97
ANEXO II – Transcrição na íntegra das reuniões.....	98

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Um dos aspectos que engloba os princípios gerais da Educação é o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, sendo muito investigada neste campo por educadores e outros profissionais da área. Sabe-se que ela está atrelada à conquista do exercício pleno da cidadania, sendo a escola um dos instrumentos para isto, bem como a disciplina de Educação Física.

A autonomia é de grande importância para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, e que pode e deve ser alcançada, dentre outras maneiras, principalmente através da escola, das práticas pedagógicas dos professores e inclusive das aulas de Educação Física.

Frente às complexas dificuldades encontradas nas redes públicas de ensino, como escassez de políticas educacionais para a qualificação do

trabalho do professor, grande número de alunos por classe, com diferentes bagagens culturais e de conhecimento, faz-se necessária a realização de um trabalho de construção pedagógica com professores de Educação Física a fim de que os alunos obtenham maiores possibilidades de desenvolver a autonomia e todos os aspectos que ela engloba.

Por meio desta disciplina, o professor pode exercer uma prática pedagógica que tente superar tais problemas, realizando então a construção da autonomia dos alunos, quando, por exemplo, permite-lhes resolver problemas, encorajando-os a refletir, discutir e tomar decisões.

Um problema identificado de acordo com minha prática, estudos e observações como professor de Educação Física, no 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, diz respeito à grande dificuldade dos alunos em organizarem-se em atividades em geral, como as escolhas de times e divisões de equipes, além deles terem excessiva dependência das decisões do professor, fator determinante para a realização desta pesquisa.

Diante deste quadro emerge a necessidade do professor em trabalhar o desenvolvimento da autonomia dos alunos e o incentivo a auto-organização de cunho democrático por parte deles, atingindo assim a autonomia e a cidadania, bem como permitir a participação de todos.

A Educação visa possibilidades de transcender atitudes relativas ao cidadão autônomo e democrático para além dos conteúdos propostos nos contextos de aula, buscando relacioná-los com questões sociais, como por exemplo, o estímulo às participações políticas por meio de reivindicações para o poder público de melhorias dos direitos de lazer, esporte e educação, todos

estes relacionados com a Educação Física, tal como construções de centros esportivos, parques e escolas. Ou seja, o professor de Educação Física pode exercer este papel educando os alunos a serem os cidadãos autônomos e críticos capazes de se organizarem para exercerem a cidadania, além de cultivar a idéia da importância e conservação dos patrimônios públicos.

Muitas vezes o professor pode exercer estratégias de ensino que favoreçam a heteronomia de seus alunos, como demasiadamente centrar para si as decisões durante as aulas, dando ordens, punições ou mesmo recompensas, criando um ambiente autoritário e coercitivo. O professor precisa estar sempre atento diante de atitudes autoritárias e de exclusão que possa vir a exercer, procurando sempre educar visando às decisões e atitudes democráticas, ensinando a importância da participação de todos. Sendo assim, contribuirá para o desenvolvimento do cidadão pleno e autônomo.

No decorrer deste trabalho foram buscados estudos na literatura sobre a autonomia tanto no contexto geral da Educação como na disciplina escolar de Educação Física, a fim de fornecer referenciais teóricos para o enriquecimento da análise dos debates entre os professores de Educação Física participantes da pesquisa e atuantes no ensino. A revisão de literatura foi dividida conforme a autonomia aparece em diferentes contextos e temas, trazendo no final a concepção desejada que pode ser alcançada através da Educação Física escolar.

A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, que se constituiu de reuniões com os professores a fim de construir possibilidades metodológicas, identificando juntamente os conceitos, as críticas e as dificuldades levantadas

de acordo com o debate e a experiência. Frente a isso, possibilidades de construção, desenvolvimento e potencialização da questão da autonomia dos alunos pode vir a ser efetivada.

A partir das respostas prévias advindas dos questionários iniciais com questões a respeito do tema da pesquisa, o pesquisador orientou o debate, construindo coletivamente com os professores participantes estudos, reflexões, trocas de experiências, possibilidades de intervenção, aplicação de conteúdos e atividades e criações de estratégias didáticas, lembrando que, na concepção de pesquisa-ação todos os participantes são pesquisadores ativos do trabalho.

Sendo assim, esta pesquisa permite aos professores de Educação Física e outros leitores atuantes na Educação reflexões sobre a autonomia como um princípio educacional, além da possibilidade de aplicações em suas aulas de atividades e estratégias didáticas que permitam a aquisição e o desenvolvimento da autonomia.

1.1 Objetivo

O objetivo desta pesquisa foi o de construir junto a professores de Educação Física atuantes na escola possibilidades metodológicas para o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

CAPÍTULO II

REVISÃO DE LITERATURA

II.1 Autonomia e Educação

“*Nomia*” vem do grego regra e em termos de definições gerais, entende-se autonomia como a faculdade de se governar por si mesmo, tomar consciência do que se faz, refletir, decidir por si mesmo e superar a heteronomia, a qual significa ser governado por outrem e que a fonte das regras são variadas, ou seja, externas ao sujeito.

Houaiss (2001) descreve-a como autogoverno, independência, emancipação, liberdade e soberania.

Sem refletir sobre sua prática, o professor pode traçar certos objetivos em seu planejamento que, infelizmente, não condizem com sua

prática pedagógica. Isto é o que poderia ser chamado, segundo Perrenoud (2001), de “*habitus*”, e sua definição contempla aquilo que as pessoas fazem e pensam sem saber o porquê, como por exemplo, seguir algo já estruturado que muitas vezes encontra-se fora de contexto, ou que já possui outras necessidades e exigências, como é o caso da escola, da metodologia de ensino, dos alunos e das aulas.

Frente ao sistema de ensino complexo das escolas contemporâneas, o professor precisa elaborar propostas, julgar e avaliar, correr riscos, mobilizar recursos e tomar decisões em seu trabalho cotidiano que implicam no desenvolvimento da autonomia de seus alunos.

Segundo Saviani (2001), nas teorias não críticas da Educação a escola torna-se indiferente diante da sociedade, colaborando com as desigualdades sociais presentes. Nesta perspectiva de escola com tendências tradicionais, o ensino é depositado nos alunos, tirando-lhes a autonomia ao fazer com que sejam meros receptores de conhecimentos transmitidos pelo professor. Há então uma necessidade de formação para a autonomia a fim de permitir a aquisição de um sentido mais amplo da vida, diferente daquele exposto na sociedade de classes. Nesta ampliação não encontrada na vida cotidiana destacam-se as superações de individualismos tão presentes na ideologia dominante, os quais permitem um grande distanciamento entre o sujeito e a sociedade.

Para superar este quadro necessita-se saber que a escola pode contribuir para a construção de uma sociedade democrática, e uma forma de potencializar esta transformação é quando o professor, juntamente com seus

alunos, selecionem conteúdos contextualizados e indissociados da realidade social. Esta concepção de prática, na qual os alunos participam ativamente do processo de aulas e aprendem conhecimentos significativos para a vida, aponta de forma mais efetiva para uma atuação consciente e autônoma na sociedade (LIBÂNEO, 1985).

Percebe-se que esta participação ativa do aluno no processo de escolhas de conteúdos são características do planejamento participativo, que é uma das possibilidades para se adquirir autonomia. Nele se encontra uma grande possibilidade do professor em permitir que os alunos adquiram responsabilidades e tomem decisões importantes, deixando de alienarem-se frente às aulas que assistem e vivenciam na escola.

Deixando de ser submisso ao poder emitir opiniões, as quais sempre orientadas democraticamente pelo professor, o aluno começa a conquistar independência e a viver o sentido da cidadania. Conforme Rodrigues e Galvão (2005), a proposta de um planejamento participativo que envolve tomadas de decisões sobre conteúdos, metodologias a serem aplicadas no desenvolver da aula e mecanismos de avaliação, é uma estratégia eficiente para estimular a atitude autônoma do aluno. Deve-se ressaltar que esta não é exercida de maneira individualista, mas sim a partir de decisões coletivas. Mais adiante veremos exemplos desta estratégia no contexto específico da Educação Física escolar.

Para entendermos as estratégias didáticas que os professores podem utilizar, é importante ressaltar os significados da Didática, que segundo Libâneo (1994), é a orientação da aprendizagem, compreende os conteúdos, o

ensino e a aprendizagem e estuda o processo de ensino, fazendo a mediação escolar dos objetivos sócio-políticos e pedagógicos, orientando o trabalho docente com vistas à atuação e inserção do aluno nas diversas esferas da vida social.

Dentre suas classificações, encontramos a Didática ativa, pertencente às correntes das pedagogias renovadas, entendida como direção da aprendizagem, onde o professor considera o aluno como sujeito da aprendizagem, estimulando-o a buscar por si mesmo os conhecimentos e experiências. Essa didática aproxima-se significativamente dos ideais de autonomia dos alunos, uma vez que se baseia em métodos e técnicas de trabalhos em grupos, cooperativos, individuais, pesquisas e projetos visando sempre a formação de um pensamento autônomo.

A maneira de atuar carrega consigo certas exigências ao professor, pois dentre seus objetivos principais consiste o de levar seu aluno a pensar, desenvolver a reflexão, entender o que faz, raciocinar cientificamente e ter uma independência de pensamento.

Ainda em relação ao trabalho docente, encontramos em seus objetivos principais a busca de estratégias para assegurar aos alunos domínios duradouros dos conhecimentos científicos e de *“criar as condições e os meios para que os alunos desenvolvam capacidades e habilidades intelectuais de modo que dominem métodos de estudo e de trabalho intelectual visando a sua autonomia”* (LIBÂNEO, 1994, p.71). São consideradas tanto uma autonomia das aprendizagens como das formas independentes do pensamento. A direção do ensino e da aprendizagem requer que o aluno pense por si mesmo, saiba

formular questões e tirar suas conclusões. Todas estas expectativas que o professor tem sobre os alunos aplicam-se a ele mesmo, dominando a disciplina que ministra e habituando-se a pensar independentemente.

Neste processo de ensino há ações conjuntas de professores e alunos que são movidos a entender os conteúdos transmitidos de forma consciente e criativa, aplicando-os com intelectualidade própria. Os conteúdos não são apenas materiais da mente do professor que os quer passar para os alunos, mas sim meios de desenvolver a independência e a crítica frente à realidade, para serem confrontados com valores e para que tomem atitudes e convicções nos processos de participação democrática na sociedade.

O professor considera neste processo a interação entre a transmissão e a assimilação ativa de conhecimentos e habilidades, pois visa que o aluno aproprie-se deles de forma autônoma. Para isso, saber em que nível de conhecimento o aluno encontra-se é de fundamental importância para que as atividades de aula correspondam às condições prévias dos alunos.

As capacidades cognoscitivas tornam-se indispensáveis para a independência, atingidas através do desenvolvimento das habilidades de observação, compreensão, análise, saber relacionar fatos e idéias e generalizar, todas estas características do estudo ativo.

Dentre todas estas idéias, o ensino vem *como “uma combinação adequada entre a condução do processo de ensino pelo professor e a assimilação ativa como atividade autônoma e independente do aluno”* (LIBÂNEO, 1994, p.89). Ou seja, é encarado como uma atividade de mediação

das condições e meios com finalidades do aluno assimilar e construir ativamente o conhecimento.

Segundo Barros (2004), por conta desta sociedade ser complexa, emerge-se uma necessidade de haver constantes aprendizados de novos conhecimentos, bem como uma capacidade de organizá-los e relacioná-los de acordo com diferentes exigências e contextos sociais, ou seja, surge um novo paradigma do pensamento e da ciência da sociedade científica e tecnológica.

A Educação, a escola, as metodologias de ensino e os professores também são extremamente complexos e, portanto, exigem novas formas de pensar, contextualizar e estabelecer relações. Estas são características deste atual paradigma, no qual, segundo Pascal e Morin (apud BARROS, 2004) faz-se necessário globalizar o conhecimento e o pensamento num conjunto organizado.

O professor diante deste quadro precisa de formação consistente, acadêmica e pedagógica, de modo que, com autonomia, criatividade e competência, possa fazer bem feito seu trabalho e formar para a compreensão e intervenção na sociedade. Suas decisões apenas serão adequadas quando de posse de conhecimentos profissionais, os quais envolvem: quem ensinar, o quê ensinar, por quê ensinar e principalmente como ensinar.

II.2 O ensino reflexivo: uma possibilidade

Outro ponto importante para que a prática pedagógica contemple estas necessidades emergentes é a questão da formação e ensino reflexivos, a

qual permite que o professor reveja o currículo, pois este também sofre alterações conforme as mudanças culturais, políticas, populacionais, científicas e tecnológicas.

Partindo juntamente com um currículo flexível, o intuito de formar cidadãos autônomos na sociedade pode obter mais chances de ser atingido, pois sem estas concepções os professores correm o risco de serem repetidores e reprodutores de conteúdos e metodologias de ensino.

Rangel e Betti (1996) apontam que, para um professor orientar seus alunos ao exercício da criticidade e autonomia, também precisa o ser, e para tais objetivos existe a necessidade de se haver um currículo baseado no ensino reflexivo, o qual contempla pesquisas, discussões, trocas de experiências, reflexões antes, durante e após a ação. Historicamente, houve dois tipos de currículos na formação profissional em Educação Física, o tradicional-esportivo e o de orientação técnico-científica.

Ambos apresentam problemas, no primeiro, por exemplo, há uma separação entre teoria e prática, ou seja, não se procura aliá-las, mas sim distanciá-las, onde se entende que teoria são as aulas teóricas dadas em sala e uma ênfase na prática, a qual é entendida pelas aulas dadas na quadra ou pátio.

O currículo técnico-científico também apresenta problemas, pois ele é radicalmente baseado na racionalidade técnica e não considera os diferentes contextos que a prática apresenta, acarretando em dificuldades para o profissional aplicar os pressupostos teóricos na sua prática pedagógica.

Podemos perceber a preocupação em apresentar possibilidades para um novo currículo, baseado no ensino reflexivo, onde neste há um olhar diferente para a prática, a qual é privilegiada em todos os anos de graduação e mesmo nas aulas de Educação Física escolar.

O saber-fazer é um elemento muito importante, porém os professores necessitam saber verbalizar e teorizar sobre sua prática e profissão, e para isso precisam de uma formação inicial com ênfase na reflexão, bem como receber programas sérios de formação continuada e de capacitação. Desta maneira terão maiores possibilidades de permitir que seus alunos reflitam, sejam críticos e autônomos.

Neste sentido, Pérez Gómez (1997) discorre que a reflexão implica em uma imersão consciente, em um pensar e repensar do homem no mundo de sua experiência, e para tal supõe uma análise que orienta a ação. Ao compreender isto, o professor também adquire uma autonomia frente às divergências, dificuldades e conflitos de valores que a escola, o ensino e os estudantes apresentam.

Sendo assim, a qualidade docente passa pela prática didática, a qual justifica-se na medida em que promove um processo de trabalho a longo prazo, em que se realizam valores educativos para a comunidade humana.

Passa também pela formação do professor, que pode ser: tradicional, onde o ensino se prevalece conservador, reprodutor e subordinado aos interesses econômicos; técnico, onde o ensino é visto como ciência, instrumental, herdado do positivismo e sustentado pela racionalidade técnica, com vistas ao treinamento, à instrumentalização e à preparação profissional,

acarretando em posturas de aceitação e de alienação; e a radical, ou crítica, onde o professor é um emancipador, autônomo e profissional que reflete criticamente sobre a prática cotidiana.

Este último é melhor preparado para contextualizar sua prática e enfrentar a complexidade da Educação e os conflitos de valores. Sua atividade prática reflexiva implica numa análise que orienta suas ações, fazendo-o pensar durante elas e também a posteriori.

A formação, a prática e a reflexão críticas evitam que os professores apliquem indiferentemente mesmos esquemas e estratégias às divergentes situações. A investigação-ação também se torna essencial para melhorar a qualidade do ensino e da prática profissional docente, que é um processo de ação e de reflexão cooperativa entre a equipe escolar.

Conforme Schön (1992), os professores devem desenvolver nas crianças competências, conhecimentos e o desempenho do saber-fazer. O Saber escolar consiste nos conhecimentos que os professores possuem e transmitem para os alunos. É categorial, privilegiado e sistematizado. A reflexão-na-ação consiste, por exemplo, na capacidade do professor em individualizar seus alunos, prestando atenção em cada um deles, ajudando-os a articular o conhecimento que carregam em suas ações com o saber escolar.

Podemos considerar aqui uma grande dificuldade em se individualizar cada aluno, pois na realidade das escolas um professor de Educação Física da rede pública, por exemplo, para lecionar vinte aulas semanais precisa ter dez salas, ou seja, uma média de 350 a 400 alunos, devido ao grande número de alunos por sala.

Vejamos que este é um grande desafio para o papel do professor, mas também pode levar a efetivar uma prática coerente com os diferentes contextos que a escola e os alunos apresentam, contribuindo assim para evitar o fracasso e a evasão escolar. Quanto ao professor ser efetivamente reflexivo, o autor sugere que após cada aula, deve-se pensar no que aconteceu, no que observou e reconhecer o erro.

Ao refletir, procurar liberdade e dar vozes aos alunos, o professor precisa estar ciente de que se confrontará com a burocracia escolar, pois estas ações visam o encurtamento da distância entre o saber escolar e a compreensão dos alunos.

O ensino reflexivo então traz grandes possibilidades para a compreensão do que se faz em aula. O entendimento do porquê da atividade ou estratégia utilizada permite ao aluno adquirir mais autonomia, pois o mesmo pode não fazer o que é proposto na escola somente por causa do vontade dos adultos.

A fim de continuar a compreensão sobre a importância da autonomia no contexto da educação, vários grandes pensadores estudaram-na ou elaboraram teorias que auxiliam em sua compreensão. Vejamos alguns deles:

II.3 A autonomia segundo Jean Piaget

Neste item foram apresentados alguns estudos de Piaget, os quais, dentre as suas várias finalidades e aplicações, permitem ao professor

entender como o aluno aprende, facilitando portanto o trabalho para se desenvolver a autonomia.

Jean Piaget dedicou grande parte da sua vida a submeter à observação científica e rigorosa o processo de aquisição de conhecimento pelo ser humano, particularmente a criança, criando um campo de estudos denominado Epistemologia Genética, uma teoria de conhecimento centrada no desenvolvimento da criança. Constatou que os comportamentos contemplam o crescimento físico do sistema nervoso e endócrino e dependem do ambiente e da maturação.

De acordo com Zabala (1998), os princípios psicopedagógicos da concepção construtivista são suficientemente validados para dar suporte à prática pedagógica do professor. Piaget pressupõe que em nossas estruturas cognitivas permeiam-se os esquemas de conhecimento, os quais dependem dos conhecimentos prévios e dos níveis de desenvolvimento.

Na aprendizagem dentro desta concepção, o aluno é considerado protagonista e participa ativamente do processo. Isto não se contrapõe ao papel ativo do educador, pois é ele o responsável por introduzir novos conteúdos e desafios para o aprendiz, conforme os níveis de conhecimento de cada um. Assim, o professor mantém bons níveis de motivação, ensinando sempre algo novo que o aluno é capaz de assimilar e, de forma autônoma, utilize-os em outras situações. Por estas concepções sua teoria encontra-se nas correntes das pedagogias renovadas, como a Escola Nova.

Segundo Piaget e Inhelder (1974), o processo de aquisição de conhecimento pela criança se dá por descobertas e o aprendizado é construído

pelo aluno, trazendo à discussão o conceito de adaptação. Mattos e Neira (2004) explicam que este conceito piagetiano ajuda a compreender a criança na conquista da motricidade. Este fenômeno, em que passam todos os indivíduos em desenvolvimento, compreende a assimilação e a acomodação.

Entende-se por assimilação a imitação ou cópia de objetos do mundo exterior a esquemas mentais pré-existentes, o que não significa modificá-los. A modificação dos esquemas só ocorre por meio da acomodação, ou seja, conhecimentos mais elevados vêm transformar as estruturas mentais pré-existentes.

A fim de melhor compreender o desenvolvimento, Piaget (1974) dividiu-o em quatro períodos:

- Período Sensório Motor, dos 0 aos 2 anos, conhecido também como inteligência prática, onde a criança imita e explora o mundo através dos movimentos e da percepção;

- Período Pré-operatório, dos 2 aos 7 anos, caracterizado pelo surgimento da linguagem e dos jogos simbólicos, onde a criança transforma o real em função de seus desejos e fantasias. Nesta fase encontramos o auge do egocentrismo, por volta dos 6-7 anos, onde apesar das crianças brincarem juntas, as produções são individuais e concebem as regras como imutáveis, além de não conseguirem colocar-se no ponto de vista do colega;

- Período das Operações Concretas, dos 7 aos 11-12 anos, onde se inicia a construção da lógica e coordena-se pontos de vistas diferentes. A criança vai adquirindo uma autonomia pessoal frente ao adulto, começa a coordenar pontos de vista diferentes, cooperar e trabalhar em grupos;

- Período das Operações Formais, dos 11-12 anos em diante, caracterizado pelo pensamento formal, onde o adolescente passa por uma fase de interiorização, com interesses mutáveis, vive conflitos e inicia as reflexões, os grandes ideais, as generalizações e conclusões.

Piaget explica, dentre os estágios de desenvolvimento, que ocorre na criança um abandono gradual do egocentrismo devido à maturação do pensamento rumo ao domínio da lógica e da autonomia, acarretando na aquisição da noção de responsabilidade individual, indispensável para a autonomia moral e intelectual da mesma. Para o autor, autonomia significa tomar a decisão de agir da melhor maneira para todos, considerando os fatores relevantes e os pontos de vista dos outros.

Segundo Piaget (1994), *“toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda a moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras”* (p.23). Geralmente as crianças recebem as regras já elaboradas pelos adultos, porém nem sempre adequadas às suas necessidades e interesses. Na prática das regras, há quatro estágios elaborados por Piaget de acordo com uma pesquisa sobre o jogo de bolinhas, com crianças de três a doze-treze anos. São eles:

- O 1º estágio é o motor e individual, onde se fala de regras motoras e não das coletivas, ou seja, o principal prazer é pelo movimento;

- O 2º estágio é o egocêntrico, por volta dos 6-7 anos, o qual através da imitação todas as crianças jogam para si, individualmente, apesar de estarem juntas, ou seja, não ligam para a competição em si;

- O 3º estágio é o da cooperação nascente, por volta dos 8 e 9 anos, onde surge a necessidade de unificação das regras, mas ainda com uma variação considerável no que se refere às regras gerais do jogo, ou seja, nesta fase ainda não existe um consenso sobre as regras existentes do jogo, e também o principal interesse já não é mais o psicomotor, mas sim o social;

- E por último o 4º estágio, por volta dos 11- 12 anos, da codificação das regras, ou seja, o código das mesmas é conhecido por todos, e todos dão informações de notável concordância, sendo que o principal interesse é pelas regras.

Conforme Piaget (1994), *“a cooperação e a autonomia sucedem ao egocentrismo e a coação”* (p.63), e a partir dos 11 anos a regra é uma construção progressiva e autônoma, produto de uma livre decisão das próprias cabeças, e não mais coercitiva, exterior e imutável. Esta autonomia conquistada, na qual as crianças aprendem a construir regras, possui um sentido político e democrático.

Outra análise importante de Piaget foi a “Consciência das regras”, que a dividiu em três estágios:

- O 1º estágio é puramente motor, não sendo coercitivo;
- No 2º estágio encontramos o apogeu do egocentrismo, onde a regra é sagrada e inatingível, advinda do adulto;
- E no 3º e último estágio, a regra é considerada como uma lei imposta pelo consentimento mútuo, podendo ser transformada caso o consenso seja geral. Ou seja, há um surgimento de uma autonomia individual e coletiva diante das regras (PIAGET, 1994).

Verifica-se que a consciência da autonomia surge por volta dos 11 anos em numerosos e variados campos, porém muitos adultos ainda não conseguem estabelecer decisões democráticas e autônomas. Daí a figura do professor com o papel de permitir uma superação deste quadro, contribuindo para a construção de uma melhor sociedade, organizada e democratizada.

Quanto à autonomia moral, Piaget (1994) buscou também outros exemplos em suas pesquisas quando perguntava sobre a mentira às crianças e aos adolescentes, se era pior dizê-las a um adulto ou a outra criança. Ele constatou que nas crianças menores, o fato de falarem uma mentira a um adulto era pior, pois este pode vir a descobri-la.

Trazendo estes dados à questão da autonomia, Piaget discorre que para indivíduos autônomos moralmente as mentiras são ruins, independentemente se alguém as descubra. Ou seja, pode-se encontrar um aluno com mais chances de ser autônomo moralmente quando este assume serem as mentiras más por si mesmas. Porém, este fato vai concretizando-se efetivamente à medida que ele vai crescendo e se governando, o que o torna menos dependente dos adultos, além de, pelo fato de começar a considerar os pontos de vistas dos outros, vai ficando menos à vontade quando mentir.

Segundo Piaget (apud RIBEIRO, 1996), o adulto pode colaborar com o desenvolvimento da autonomia moral e intelectual da criança quando, por exemplo, reduz seu poder e evita ao máximo utilizar-se de punições ou recompensas, reforçando-a a construir seus próprios valores e conhecimentos, levando em conta outros pontos de vistas e o melhor para todos. É essencial incentivá-la a discutir com os colegas, pois isto faz com que possa coordenar e

modificar seu ponto de vista e suas compreensões, entendendo seu próprio erro quando houver, bem como deixar de acreditar sem a crítica em tudo o que é lhe dito.

Um fato importante que se deve ressaltar são as conseqüências que as punições podem acarretar. A primeira é o cálculo de riscos, ou seja, após a criança ser punida, ao repetir sua ação o fará com mais cuidado para não ser descoberta. A segunda é a conformidade cega, gerando na criança o sentimento que tudo o que deve fazer é obedecer, e por último, a revolta, caracterizando-se em comportamentos delinqüentes a partir do momento em que não queira mais satisfazer a vontade dos adultos e deseja viver por si própria.

Tanto as punições quanto as recompensas reforçam a heteronomia das crianças. Para amenizá-las, o professor pode, na medida do possível, dar possibilidades de escolha para os alunos. Por exemplo, quando a criança estiver em um grupo e começar a fazer bagunça ou barulho, deverá ficar fora dele, porém, se optar em permanecer, necessitará estar em silêncio. É a lei do respeito mútuo, fundamental para o desenvolvimento da autonomia.

O respeito mútuo implica em relações de cooperação as quais levam a uma moral autônoma, mas que também depende da assimilação racional dos motivos das normas aceitas. Quando o professor procurar desenvolver a autonomia dos alunos através da educação moral, não deve fazê-la por meio de belos discursos, mas sim permitir que a criança viva situações onde sua autonomia será exigida.

Se uma cultura valorizar posturas autoritárias, neste caso os professores ou mesmo o ambiente escolar em geral, dificilmente serão efetivas as ações pedagógicas que visam a autonomia dos alunos. Portanto, emerge-se a necessidade de todo o trabalho escolar ser feito em equipe, com decisões democráticas e participações de todos, diretores, coordenadores, professores, alunos, pais e comunidade em geral.

Neste sentido, La Taille (2006) traz que Piaget e Kohlberg defendem a moral autônoma como sendo possível devido ao papel da razão, ou seja, a autonomia moral vem de uma dimensão racional, o que permite aconselhar estratégias educacionais para educadores. Piaget disse que “*o desenvolvimento é naturalmente fruto da maturação biológica, das experiências de vida e de ensinamentos formais*” (p.15). Eles equilibram-se levando à auto-organização, a qual é um processo individual fruto do psíquico, mas se dá pela interação.

Coerente com Piaget, La Taille (2006) fala que adolescentes podem ser autônomos frente a uma regra moral sem figuras de autoridade, o que não significa que são completamente autônomos. Para isso, precisam da inteligência e reflexão a fim de superar a moral da obediência a algo exterior ao sujeito.

O convívio social sendo mais de cooperação, do fazer junto, potencializa a autonomia moral. Ao contrário, se tiver um líder que decide sozinho, nesse ambiente há o favorecimento da heteronomia. Este fato pode ocorrer tanto com a figura do professor como em alunos líderes, que por

exemplo, podem sempre ser os mesmos na divisão de times. Todos podem participar da escolha, ao contrário de apenas um centrar as decisões.

Já um exemplo para reforçar a autonomia intelectual pode ser quando o professor, ao invés de somente apontar os erros, incentive o aluno a pensar e refletir a fim de que entenda e corrija o próprio erro. Dessa maneira ele vai adquirindo autoconfiança e não pensará que o certo e a verdade só venham das proposições do adulto, pois existe uma grande diferença quando o aluno sabe o que está certo por convicção e não por obediência.

Mas somente a razão leva o indivíduo a ser autônomo? Um lado afetivo pode ajudar, sendo mola propulsora para o desejo de liberdade, de igualdade e do querer uma sociedade mais justa.

II.4 Professores e alunos: desenvolvendo a autonomia

Conforme Zabala (2003), os professores podem usar diversas estratégias nas interações educativas com seus alunos. O professor ora assume a postura da direção da atividade, ora tem que sugerir e às vezes exigir desafios, sempre com o objetivo de mediar o aluno e a cultura, atentando para os diferentes alunos e situações de aprendizagem. As atuações autônomas dos alunos pressupõem, em todos os níveis de ensino, um princípio básico: a compreensão do que faz e do porquê o faz, adquirindo consciência do processo educacional o qual está passando, seja ele tanto de uma única atividade como de uma aula e mesmo do semestre inteiro.

Nesta concepção, juntamente com bases nas pesquisas de Piaget, o ensino é visto como um processo de construção compartilhada de significados, que possui, através da ajuda dos professores e colegas mais experientes, uma grande finalidade: a autonomia dos alunos.

Sendo o ensino um processo, vale lembrar que a avaliação também o é, e um bom indicador sobre o aprendizado do aluno e sua respectiva independência e autonomia é quando o professor verifica não precisar mais possuir tanto controle e responsabilidade sobre a atividade que é proposta, ou seja, à medida em que passa o tempo durante as aulas, semanas ou bimestres, os alunos, ao executarem uma tarefa ou atividade, passam a ter maior controle, decisões e responsabilidades (COLL e MARTÍN, 2003).

Trazendo estes fatos ao contexto da especificidade da Educação Física, podemos exemplificar quando os alunos assumem a organização de um seminário, de um festival esportivo escolar e dos diferentes procedimentos iniciais de aulas práticas, como as atividades de aquecimento e a divisão de grupos ou equipes. À medida que aprendem a organizarem-se mais rapidamente, o professor já não terá mais que assumir sempre todas as decisões nas atividades.

O professor também deve considerar que, uma Educação para a autonomia pressupõe o exercício da cidadania. Vejamos então os seus significados:

II.5 A cidadania atrelada à autonomia

Entender o que é cidadania é de fundamental importância para a compreensão da autonomia, pois ambas estão intimamente ligadas, como por exemplo, saber que o aluno só conquista a cidadania plena quando é autônomo. Ou seja, há a necessidade do professor em trabalhar a construção da cidadania nas práticas escolares, que é um dos principais objetivos da educação.

Gramsci (1985) refletiu dois grandes conceitos bastante valorizados, o de cidadania e de hegemonia, e trouxe-os à discussão pedagógica, fornecendo um grande auxílio aos profissionais ligados à educação. Foi um defensor da conquista da cidadania como um objetivo da escola, superando a hegemonia, que é a relação de domínio de uma classe social sobre todo o conjunto da sociedade. Vimos que onde há domínio ou ordens impostas e manipuladas não existem seres plenamente autônomos.

Para ele, a função da escola é mediar a tomada de consciência, fazendo com que o aluno reconheça seu próprio valor histórico e adquira um autoconhecimento, condições básicas para a construção de um cidadão autônomo, conhecedor dos seus direitos e deveres e crítico em relação à formação e compreensão de idéias e da realidade que o cerca.

Segundo Pinsky (2001), cidadania envolve os direitos, deveres e atitudes relativos ao cidadão, o qual deve estabelecer a idéia de um contrato com os demais e com a sociedade. Ela engloba o direito às condições básicas de existência, acompanhada com o dever de zelar pelo bem comum e pelos

direitos como educação, saúde, habitação, moradia e segurança. Vejamos que há um sentido de responsabilidade coletiva, de ter uma consciência ao pertencer à sociedade e de direito a ter direitos. De acordo com Chauí (1995), estes direitos são conquistados e consolidados através da criação de movimentos sociais de lutas, de partidos e órgãos públicos, motivos estes que pressupõem a educação política de seus cidadãos.

Podemos então trazer estes conceitos ao contexto escolar, ou seja, não somente o professor, mas toda a equipe escolar, podem atuar de forma que os alunos assumam responsabilidades, decidam via participações nos colegiados e assembléias escolares e compreendam os seus deveres e direitos conquistados, caminhando assim no sentido de não apenas entender conceitos sobre cidadania e política, mas sim já exercê-los efetivamente nas práticas cotidianas do convívio escolar.

A idéia de cidadania caracteriza-se mais pela *“construção de instrumentos legítimos de articulação entre projetos individuais e projetos coletivos”* (MACHADO, 2001, p.47), o que significa assumir responsabilidades e ser ativo na sociedade visando os interesses de todos.

A fim de entender a cidadania e seus respectivos direitos, de acordo com Marshall (apud BETTI, 1999) podemos dividi-la da seguinte maneira:

1- Direitos de 1ª geração, do liberalismo clássico, que contemplam o direito à vida, liberdade, igualdade e os direitos políticos;

2- Direitos de 2ª geração, conquistados a partir do século XX, principalmente através das lutas sindicais, como os direitos trabalhistas, de educação, saúde, lazer e;

3- Direitos de 3ª geração, que dizem respeito ao meio ambiente, consumidor, mulheres, minoria étnicas etc.

A consciência e o conhecimento desses direitos fazem parte de um processo educativo que intencione formar cidadãos plenos e autônomos. Podemos observar que os direitos como Educação, lazer e também se pode incluir o esporte, estão intimamente ligados à escola e ao trabalho dos professores, cabendo a eles atentarem em suas práticas para a consolidação e o pleno exercício dos mesmos. O professor de Educação Física possui então várias possibilidades de trabalhar estes direitos, como os esportes e outros conteúdos a serem aprendidos nas aulas, os quais são específicos da disciplina que ministram.

Segundo Resende e Soares (1997), é importante traçar qual o sentido de cidadania se quer alcançar através da ação pedagógica dos professores, visando perspectivas como os valores democráticos e da sociedade em geral. Para o autor, por meio da reflexão e da prática da cultura corporal, quando bem socializada e direcionada, privilegia-se a formação da cidadania, juntamente com a aquisição da autonomia dos alunos, fundamental para saberem interagir e intervir nos processos de construção e direcionamento da sociedade.

Juntamente a esta reflexão deve-se haver uma dimensão coletiva na prática do professor, uma nova cultura profissional, de cooperação, de

trabalho em equipe frente às necessidades da ação educativa e da prática pedagógica. Encontramos a escola com um papel recente, o de formação e preparação para cidadania democrática, que é estritamente atrelada à questão da autonomia (PERRENOUD, 2001). Vejamos outros autores:

II.6 Paulo Freire: uma pedagogia da autonomia

O educador brasileiro mundialmente conhecido, Paulo Freire, desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político, defendendo a conscientização dos alunos através da educação, reconhecendo que somos seres condicionados, mas não determinados. Faz-se necessário que a prática valorize o aluno, tanto por meio das relações afetivas como as democráticas.

O autor está ligado às teorias críticas e pedagogias progressistas, como a libertadora e a da autonomia, com bases no pensamento marxista. Dentre suas finalidades encontramos a devida atenção aos interesses da maioria oprimida, sendo que sua didática faz com que o professor assuma a condução do processo de educação baseado nas discussões, assembléias e pela pesquisa participante, propondo temas sociais e políticos da realidade, a fim de superar as desigualdades encontradas na sociedade de classes (LIBÂNEO, 1994).

Freire (1996) apresenta elementos constitutivos para a compreensão da prática docente enquanto dimensão social da formação humana. Em favor da autonomia está a questão da formação docente atrelada à reflexão sobre a prática educativo-progressista, a qual envolve correção

ética, formação científica, respeito aos outros, capacidade de conviver com o diferente e enfaticamente a coerência entre o que dizemos e fazemos.

Vemos aqui novamente que a autonomia passa pela cognição, pelo entender para não ser alienado e distante das decisões que fazem rumo da vida dos cidadãos. Para isto, deve-se haver uma compreensão histórica, a fim do cidadão tornar-se autônomo e pleno, podendo decidir sobre os rumos da sociedade.

Segundo Nóvoa (1999), há uma preocupação sobre a distância dos discursos com a prática pedagógica e formação docente, pois isto faz com que haja uma perda no sentido da reflexão do professor em seu trabalho.

Para que se amenize este problema, encontramos o professor crítico e reflexivo, que busca pensar sua prática cotidiana, ficando melhor preparado para enfrentar os problemas e as contradições da realidade educacional.

Este pensar na ação e sobre a ação, segundo Gómez (1997), evita que se apliquem mesmos esquemas e estratégias de ensino às divergentes situações e contextos. Esta prática torna-se essencial para melhorar a qualidade do ensino e da prática profissional docente, a qual não deixa de ser um processo de ação e reflexão cooperativa, entendendo a reflexão como uma imersão consciente e um repensar do homem no mundo de sua experiência, e supõe uma análise que orienta suas futuras ações.

No caso da atividade profissional docente, esta possui algumas particularidades, como as realidades diferentes das escolas e dos alunos, complexas e mutantes de acordo com cada contexto. Vejamos então as

seguintes características que devemos compreender no caso específico da disciplina de Educação Física:

II.7 A autonomia na Educação Física

Conforme Resende (1994), a proposição conceitual cognitivista de Piaget pode ser aplicada como estratégia de ensino com a finalidade de materializarem-se transformações da sociedade, juntamente aliada a uma pedagogia mais crítica e progressista, como a de Paulo Freire, permitindo ao estudante tanto uma autonomia diante do quadro político e social quanto às atividades de criação e elaboração de jogos, esportes e outros conteúdos específicos da Educação Física.

De acordo com Duckur (2004), em sua pesquisa na qual visa dirigir-se à formação de alunos autônomos através das aulas de Educação Física, entende que um sujeito dotado de autonomia é aquele que plenamente é capaz, competente, habilidoso e consciente de suas funções sociais, compreendendo e agindo frente às contradições da vida na sociedade.

Uma Educação para a autonomia depende de um domínio da área de atuação do professor, o qual deve ter clareza diante de qual aluno quer formar e do tipo de sociedade que almeja alcançar.

Segundo Freire (2002), o professor que objetiva esta Educação para a autonomia não fica com um papel menor, com menos responsabilidades, pelo contrário, sua atenção será um tanto exigida, bem como uma boa formação teórica, atuando com melhores possibilidades e

estratégias de ensino como saber dar pistas às crianças, orientar a descoberta, motivar e ajudar na resolução dos problemas.

Outro ponto fundamental para a formação de indivíduos autônomos é a necessidade da aprendizagem sistemática dos saberes historicamente acumulados pela sociedade. No caso dos específicos da disciplina de Educação Física, como os jogos e as brincadeiras, um dos papéis do professor é o de intervir frente às dificuldades que estes conteúdos proporcionam, possibilitando estratégias a fim de solucioná-las, preferencialmente quando as soluções partem de decisões coletivas, atividade esta fundamental para o exercício da democracia (FREIRE, 2002).

Os autores Freire e Scaglia (2003) citam que certas autonomias realizadas em salas de aula devem ser transferidas para outras realidades, pois o papel da Educação não se restringe à escola. Esta transferência só ocorrerá a partir de uma reflexão, de uma atenção voltada para a consciência. Eles relatam também que os conteúdos e temas escolhidos pelo professor nada dizem por si só, porém dependem das estratégias metodológicas utilizadas.

Refletindo sobre a Educação Física na escola, os autores apontam que, além do ensino das técnicas específicas e da cultura sistematizada historicamente, objetiva-se uma formação para a autonomia e de um cidadão diante de um novo mundo, sendo que para isto faz-se necessário realizar uma Educação que vise às atitudes autônomas dos alunos.

Pelos conhecimentos específicos da nossa cultura, como o jogo e outros conteúdos da Educação Física, permitem-se situações de resolução de

problemas e tomadas de consciência por parte dos alunos, fazendo com que adquiram autonomia (SCAGLIA, 2004).

Por exemplo, não apenas jogar o esporte na escola, mas sim aprendê-lo em todas suas dimensões, para daí utilizá-lo de forma mais consciente e responsável no dia-a-dia fora do contexto escolar, tal como a realização de leituras críticas da mídia esportiva, a capacidade de organizar torneios e outros tipos de jogos e brincadeiras nos espaços de lazer, bem como apresentar a capacidade de executar os movimentos específicos da atividade.

Ao se considerar especificamente o princípio da autonomia na área educacional, torna-se necessário ao professor entender que os conteúdos trabalhados com seus alunos, nas suas diferentes dimensões, podem ultrapassar o ambiente escolar e serem levados aos ambientes informais, representando um grande desafio ao educador implementar esta transferência dos conhecimentos adquiridos na escola com criticidade e criatividade.

O professor de Educação Física tem uma grande oportunidade de trabalhar com seus alunos temas ligados ao lazer e à autonomia e todas as suas implicações, inclusive porque, em muitos dos espaços de lazer criados pelos órgãos públicos encontram-se possibilidades de vivências de práticas esportivas, passeios, caminhadas, *playgrounds* e outros mais.

O professor pode atentar para que seus alunos, de forma autônoma, consciente, crítica e criativa, saibam usufruir de seus tempos disponíveis, possibilitando a estes compreender, saber fazer e atuar ativamente frente às atividades que possam realizar, ou mesmo reivindicar espaços para o

poder público em busca de melhoria dos níveis de qualidade de vida e da conquista do direito ao lazer.

Os objetivos de utilização destes espaços podem ser os mais variados, como a procura de uma atividade para melhoria da saúde, como forma de diversão, de passatempo, de reunião com os amigos e mesmo pelo puro prazer de brincar. Percebe-se que as dimensões biológica, psíquica e social do ser humano estão, de certa forma, ligadas a estes momentos de usufruto de um lazer autônomo.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), a autonomia é um dos elementos considerados no processo de ensino e aprendizagem. Enfatiza-se que ela não é alcançada de maneira natural, pelo contrário, sua evolução e seu exercício são atingidos através de uma construção no processo de ensino e aprendizagem, incorporada na prática principalmente pelos conteúdos nas dimensões atitudinais, pois englobam decisões autônomas, conscientes e críticas.

As dimensões atitudinais compreendem os valores, as normas e as atitudes, ou seja, a formação do ser, e não somente o saber (conceito) e o saber fazer (procedimento). Os valores giram em torno do respeito aos outros, da solidariedade, da liberdade e das responsabilidades em geral. As normas são os padrões e regras de comportamentos a seguirmos, conforme os valores compartilhados. As atitudes consistem na predisposição das pessoas para atuarem de acordo com os valores e normas determinadas, como por exemplo, a cooperação, as participações em tarefas de grupo, a ajuda aos outros e ao meio ambiente (ZABALA, 1998).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais Mais do Ensino Médio (BRASIL, 2002) caminham juntos neste sentido, relatando que a autonomia pode ser estimulada e reforçada pelo professor através de discussões e reflexões com os alunos, da oferta de possibilidades de escolha como formação de times, elaboração de regras, responsabilidade por arbitragem em jogos e organização de espaços e materiais, dentre outros mais.

Segundo Rangel *et al* (2005), após todos os anos de escolaridade o aluno deveria saber como usufruir das atividades físicas sem depender de um especialista, ou seja, ser independente frente aos elementos que englobam o mundo da cultura corporal. Manifestar repúdio à violência nos estádios, saber apreciar espetáculos esportivos e de dança, entender algumas características das academias e suas diferentes práticas oferecidas, poder vivenciar um jogo como o vôlei de praia, ter condições de elaborar um programa regular de atividade física, entender relações de suplementos alimentares, anabolizantes e outros produtos farmacológicos com a atividade física e o esporte, compreender as relações entre os exercícios e possíveis lesões, saber como melhorar suas capacidades físicas, melhorar a saúde e estética, assumir posições críticas frente aos padrões de beleza e muitas outras atividades para a vida cotidiana são alguns dos exemplos de autonomia que os alunos podem adquirir pelos anos de Educação Física escolar.

Ela também é estimulada quando o aluno pode discutir e refletir em debates e conversas durante a aula, receber algumas responsabilidades, discutir melhores táticas de um jogo, elaborar e modificar regras, participar do planejamento, organizar campeonatos, gincanas e festivais. Todas estas são

estratégias que vêm novamente confirmarem-se como potencializadoras da independência do pensamento e das atitudes dos alunos.

Conforme Vaz (2005), diante dos desdobramentos das aulas de Educação Física os alunos devem tomar posições, pensar e refletir as relações de poder. Tendo como exemplo de conteúdo o jogo de futebol, o mesmo permite estas reflexões, contribuindo então para a cidadania ativa, além de possibilitar a exposição de opiniões e dificuldades dos alunos e alunas diante de uma cultura masculinizada, contribuindo assim para uma ressignificação do futebol e para práticas de igualdade.

Percebemos que muitos conteúdos específicos da Educação Física estão presentes no cotidiano dos alunos, emergindo a necessidade dos professores em atentarem para a efetivação de uma prática que vise a formação crítica, a qual indubitavelmente passa pelo ensino reflexivo.

O professor de Educação Física, ao descentralizar seu poder de decisões durante as aulas, proporciona noções de responsabilidades e comprometimentos dos alunos, permitindo:

- decisões em ambientes democráticos;
- criação;
- pesquisas;
- elaboração de textos e;
- apresentações de atividades e trabalhos para os demais colegas.

Para uma cidadania democrática, ressignificar o jogo e o esporte, mudar e construir regras que se adaptem aos menos habilidosos, às meninas,

aos obesos, são estratégias nas aulas de Educação Física de fundamental importância para que todos adquiram consciência e respeito pelas diferenças, sendo que para isto faz-se necessário haver um professor atuante, mediador, político e dirigente, ao contrário daquele que somente utiliza a não-diretividade no ensino.

Para o professor intervir com a finalidade de atingir estes objetivos, poderá apresentar situações-problema durante um jogo, por exemplo, propor a validade do gol ou cesta após todos os integrantes do time terem tocado na bola, gerando discussões sobre as mudanças, além de possibilitar a participação de todos e dificultar a atividade, fazendo-os criar novas e diferentes situações táticas.

De uma maneira mais indireta, o professor pode apenas apresentar o material e o espaço a ser utilizado e incentivar a criação de diferentes jogos, adaptá-los e ressignificá-los, potencializando sempre o aprendizado autônomo dos alunos.

A preocupação com os outros, a solidariedade, a responsabilidade coletiva, o posicionamento crítico frente à violência e as diferentes formas de discriminação são dimensões humanas essenciais para uma atuação autônoma dos homens no contexto social (OLIVEIRA, 2005).

Diante destes conceitos e idéias sobre a autonomia expostos na revisão de literatura, vamos à segunda parte do presente trabalho, que consistiu numa pesquisa-ação com professores de Educação Física.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Este trabalho tem como metodologia a pesquisa-ação. Segundo Thiollent (2003), ela pode ser definida como um tipo de pesquisa social com base empírica, associada com uma ação. Possui o objetivo de solucionar ou esclarecer um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes interagem de modo cooperativo e participativo, além de aumentar o nível de consciência e conhecimento dos grupos considerados.

De acordo com Ibernón (2000), na pesquisa-ação os professores elaboram suas próprias soluções em relação aos problemas práticos com que se defrontam, refletindo deliberativamente, ou seja, pensam, repensam e tomam decisões baseados no debate e nas discussões. Torna-se então uma

possibilidade de formação permanente, que parte da realidade, da escola e das aulas em busca da solução de problemas e melhorias da prática profissional.

De uma forma geral, os métodos qualitativos, tais como o da presente pesquisa, proporcionam um relacionamento mais flexível entre o pesquisador e os participantes, e lidam com informações mais subjetivas, amplas e com riqueza de detalhes.

Para este estudo foram convidados cinco professores de Educação Física atuantes no ensino fundamental, terceiro e quarto ciclos, da rede estadual do ensino de São Paulo e da municipal de Jundiaí-SP, apresentando-lhes a pesquisa a ser desenvolvida. A escolha deste ciclo de ensino justifica-se com base nos estudos realizados durante a revisão de literatura, pois o aluno, por volta dos dez e onze anos começa a ter uma maturidade para desenvolver a autonomia, já passado inclusive o auge da fase egocêntrica.

O grupo caracteriza-se com professores jovens, onde o tempo de atuação no magistério varia de um a sete anos após a formação inicial. Eles foram identificados pelos números de 1 a 5. O Prof. 1 atua no ensino há sete anos. O Prof. 2 há cerca de dois anos, o Prof. 3 há um ano, o Prof. 4 há dois anos e o Prof. 5 há um ano.

Após a formação do grupo disposto, foi aplicado um questionário inicial (em anexo) com questões a respeito do tema autonomia, contemplando, por exemplo, compreensões do tema e sugestões para os próximos encontros. A finalidade destas questões foi a de identificar nas respostas a concepção

prévia de autonomia para comporem o ponto de partida das reuniões da pesquisa-ação.

O segundo momento foi a realização de mais quatro encontros, sendo dois por semana, os quais foram gravados com um gravador cassete, com um total de 220 minutos de gravação, ou seja, aproximadamente uma hora por encontro.

Os dados dos mesmos foram transcritos na íntegra e grifadas as falas principais, as quais foram agrupadas em categorias para melhor visualização e análise. No capítulo IV, inicialmente foi feito uma análise geral dos professores e dos debates realizados nos encontros, voltando-se ao objetivo da pesquisa.

As categorias também englobaram o objetivo, que é o de construir possibilidades para desenvolver a autonomia dos alunos, e os aspectos que envolvem tal objetivo, tais como: os entendimentos de autonomia; as estratégias utilizadas; os papéis dos professores e da escola; as posições críticas e as dificuldades encontradas.

As discussões dos encontros então envolveram as idéias e conceitos de autonomia e as estratégias para desenvolvê-las, e no decorrer das falas surgiram também dados importantes sobre dificuldades e posições críticas dos professores.

Nos encontros, por conta da sugestão do grupo e do próprio conceito de professores-pesquisadores da pesquisa-ação, alguns professores levaram livros, textos e autores ligados ao tema para enriquecer o debate.

Após a análise dos dados em suas respectivas categorias, chegamos às considerações finais.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

O grupo de professores apresentou um bom entendimento do que é autonomia, trazendo conceitos e idéias inclusive da própria experiência e muitas vezes condizentes com as referências utilizadas na revisão de literatura.

Caracterizado por um grupo jovem, onde todos professores são concursados e efetivos, percebeu-se ao longo das reuniões e debates que os estudos e formação continuada são presentes.

Em muitos momentos houve concordâncias entre eles. Certas discordâncias por vezes surgiam nos debates, não chegavam a um consenso, o que foi um fator bastante enriquecedor, pois observa-se que cada um possui suas posições, entendimentos, críticas e dificuldades.

É interessante observar, em cada categoria, que se colocam o que é possível ser feito na realidade das escolas, onde muitas estratégias podem tanto ser comuns entre os professores, como bem variadas, e cada um, de acordo com seu contexto e particularidades, escolhe e utiliza estratégias para atingir seu objetivo.

As categorias foram divididas para auxiliar na análise e visualização dos dados. As que contém maior conteúdo são as duas primeiras, pois eram o maior foco das discussões por aproximarem-se mais do objetivo da pesquisa, que é o de construir possibilidades metodológicas para o desenvolvimento da autonomia dos alunos. Esse objetivo é muito bem contemplado na Categoria 2 (Estratégias / Como fazer), e para tal objetivo é necessário estar claro os entendimentos dos professores sobre a autonomia (Categoria 1), ou seja, como um requisito para posteriormente o aplicarem na prática.

As demais categorias também foram postas pois no decorrer das discussões em torno do objetivo surgiram dados muito interessantes que mereceram destaques. Foram eles as falas e debates sobre os papéis dos professores e da escola (Categoria 3), as posições críticas (Categoria 4) e as dificuldades encontradas (Categoria 5).

A compreensão e análise desses fatores podem auxiliar os professores para um trabalho efetivo no desenvolvimento da autonomia dos alunos.

Vejamos cada uma das categorias.

IV.1 Categoria 1 – Entendimentos de autonomia

Os professores nesta categoria expõem conceitos semelhantes entre si e que estão de acordo com a literatura pesquisada, significando um ótimo entendimento do que é a autonomia, para depois aplicarem estratégias a fim de desenvolvê-la e potencializá-las em seus alunos. Como exemplo, citamos o entendimento dos Profs. 3 e 5, que a relacionam com resolução de problemas:

Prof. 3 “Aluno autônomo é aquele capaz de resolver problemas sozinho e se organizar sem a dependência do professor. Alunos autônomos conseguem achar uma resolução para resolver aquele problema e continuar a atividade sem interferência do professor, de agir sozinho.”

Prof. 5 “Autonomia não é só a escolha de algo, mas também solução de problemas, isso é até mais importante. Tem tipos, escolha de algo, resolverem um problema.”

Estes entendimentos corroboram com Freire e Scaglia (2004), para quem, através dos conteúdos da Educação Física, os professores podem permitir aos alunos resolverem determinados problemas e situações de desafios.

Também afirmam a tomada de consciência dos alunos, e vejamos que essa consciência surge nesta categoria de conceitos com o Prof. 2, quando afirma o *“saber o porquê”* e com o Prof. 3:

“Autonomia está intimamente relacionada com a consciência.

Aluno ter a capacidade de tomar decisões e saber porquê está tomando aquela decisão”.

Estas afirmações vão ao encontro de outros autores expostos na revisão, tais como: Schon (1992), onde afirma que o entendimento do porquê da atividade permite ao aluno adquirir mais autonomia; Libâneo (1994), afirmando que o aluno deve pensar por si mesmo, o que também significa ter uma opinião própria tal como coloca o Prof. 1 *“opinião própria”* e Zabala (2003), aproximando-se bem desta idéia da consciência, pois para o autor o aluno precisa ter compreensão do que faz e do porquê o faz, adquirindo consciência do processo educacional pelo qual está passando.

Esta capacidade de resolução de problemas, a independência, a consciência dos motivos das atividades e estratégias do professor e do processo educacional, bem como saber o porquê de tomar tais decisões desenvolvem efetivamente a autonomia dos alunos, afirmados por pesquisadores e confirmados com os professores que estão na prática com os alunos enfrentando dificuldades, porém já compreendendo um princípio educacional, a autonomia dos alunos.

Surge também dos professores a relação entre autonomia e cidadania, com regras estabelecidas no coletivo e que apresentam limites, os quais significam que o aluno não pode fazer o que bem entender sem considerar os outros e as regras estabelecidas, que inclusive como dito anteriormente, deva entender o porquê destas regras, tal como a afirmação do Prof. 4 *“porque nem sempre se faz o que você quer”* e do Prof.1 *“autonomia está ligada ao limite”*. Nesse sentido o Prof.5 diz que:

“O aluno tem as próprias regras. O cidadão autônomo tem que seguir uma determinada regra, ele não pode fazer a sua própria (não considerando os outros). Você tem autonomia para escolher uma coisa, mas essa ação que você vai tomar não pode prejudicar o outro. A autonomia tem que ser coletiva, não pode decidir sozinho”.

Compreendendo determinadas regras, o cidadão tem mais possibilidades de libertar-se, inclusive pelo fato de poder pensar, criticar e emitir opiniões e ações sobre os rumos de interesse individual e coletivo. Vemos estes pensamentos pelo Prof. 3, quando diz que essa autonomia é para que o aluno *“num futuro, escolha bem um candidato, uma profissão, algo sozinho, comparar, criticar”* e pelo Prof. 5, onde fala em *“se libertar do sistema que foi implantado, saber que o governo não deixa o povo a pensar, a criticar”*.

A referência de Gramsci (1985) vem de acordo com estes fatores pelo fato de entender que onde há domínio e ordens impostas e manipuladas

não existem seres plenamente autônomos. Juntamente a este bloco de conceitos caminha o autor Machado (2001), dizendo sobre o assumir responsabilidades e ser ativo na sociedade visando o interesse de todos, e Pinsky (2001), que apresenta a cidadania como idéia de um contrato com os demais da sociedade, envolvendo a responsabilidade coletiva, superando portanto o individualismo.

Há também a idéia dos professores sobre a autonomia ligada à dimensão atitudinal, como coloca o Prof 5: *“autonomia pode ser um jeito de trabalhar valores, normas, a parte atitudinal”*. Isto relaciona-se com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), ao apontar que a autonomia não é alcançada de maneira natural e sim através das dimensões atitudinais, as quais envolvem os valores de respeito e ajuda aos outros, de cooperação e as participações em tarefas de grupo. Esta concepção é encontrada no Prof. 2, o qual fornece o dado de que *“para ter autonomia você precisa aprender a cooperar”* e confirmada pelo Prof. 3 com a idéia de que *“só respeitando os outros é que você vai começar a ter atitudes autônomas”*.

A questão das regras estão fortemente ligadas à autonomia. O Prof. 1 colabora com o conceito de que a *“autonomia também tem regra, também envolve cooperação com o grupo”* e que *“a competição também traz a autonomia”*, desde que o aluno entenda o porquê e as regras da atividade. As regras e seu sistema, conhecida como moral, vem ao encontro das teorias defendidas por Piaget (1994), que fala dos estágios da consciência das regras e suas práticas pela criança e adolescente, da lei do respeito mútuo, da cooperação e da autonomia que sucedem ao egocentrismo e a coação.

O Prof. 5 traz dados muito ricos que caminham junto com o autor anteriormente referido, na seguinte explicação:

“Antes, para chegar na autonomia a pessoa tem que passar por 2 estágios anteriores, que é anomia e heteronomia. Nomia vem do latim e significa regra, heteronomia é o seguinte, que fonte de regras são variadas, às vezes aceita-se e não sabe o porquê. Normalmente isso se dá pela coação. E o que é autonomia? É o sujeito que sabe que existem regras para se viver em sociedade, mas a fonte dessas regras está nele próprio” e para chegar “numa regra comum, essas regras são formadas por um consenso. Autonomia só se consegue através da interação com o grupo. Autonomia, portanto, pode ser compreendida como resultante do processo de socialização que leva o indivíduo a sair de seu egocentrismo característico da heteronomia, para cooperar com os outros e submeter-se ou não conscientemente às regras sociais”.

Na próxima categoria podemos ver que o convívio social, a interação entre o grupo de alunos, a compreensão das regras para não submeter-se sem saber o porquê e todos os outros conceitos inerentes à autonomia são analisados da forma de como ser aplicado e desenvolvido junto aos alunos, conforme aponta o Prof. 3: *“não é dar autonomia e sim desenvolver a autonomia neles”.*

IV.2 Categoria 2 – Estratégias / Como fazer

Nesta categoria de estratégias e do como fazer para que os alunos desenvolvam a autonomia estão dados interessantes trazidos do debate entre os professores e da experiência dos mesmos, pois muitos recorreram ao que aplicaram em suas aulas de Educação Física escolar.

O primeiro aspecto que aparece é fornecido por um dos professores, quando aponta a estratégia de:

Prof. 3 *“Estimular, fazendo perguntas (aos alunos) . O professor não deve dar a solução, deve instigá-los a propor uma solução, estimulando que os alunos encontrem soluções, organizarem-se em quadra, em grupo”.*

A resolução de problemas é apontada tanto como um entendimento do que é autonomia como também uma forma de atingí-la, tal como Freire (2002), para quem o professor pode dar pistas para os alunos, orientar a descoberta e ajudar na resolução de problemas.

A segunda estratégia a ser analisada é a que os professores denominaram como *“aula livre”*, na qual o professor está presente e tem um objetivo e papel fundamental para que o aluno torne-se mais autônomo:

Prof. 2 *“Vamos desenvolver passe e recepção, na próxima aula vocês vão escolher uma atividade de passe e recepção, eu já*

tentei fazer isso uma vez e as crianças não têm essa autonomia. Depois de 3 meses de aula, você dá uma aula livre para eles escolherem.”

Vemos aqui uma seqüência das estratégias anteriores, pois o Prof. 2 fornece um problema para os alunos resolverem, porém, como percebe que depende do nível de desenvolvimento deles, muitas vezes não estão prontos para tal desafio. Então, o professor utiliza-se de uma aula em que os alunos escolhem, mas agora após meses de aulas, onde já têm maiores possibilidades de executarem a atividade proposta. Como o próprio Prof. 2 explica, é uma *“oportunidade para eles escolherem depois que você já trabalhou as atividades anteriormente”*. Já o Prof. 5 mostra que para a sua aula de escolha ocorrer, ele combina uma aula antes com os alunos, para ter um tempo de preparo de materiais.

O Prof. 3 também compartilha esta estratégia, só que de uma forma diferente, onde ele explica: *“levei vários materiais, e em minutos eles percebiam a necessidade de se organizarem para montar uma atividade”*. O comum entre eles é o objetivos dos alunos poderem escolher. Para isso, o Prof. 2 trabalha os conteúdos várias aulas antes, o Prof. 5 combina uma aula anterior e o Prof. 3 na própria aula leva materiais diferentes para os alunos escolherem a atividade. Essa forma de escolha de grupo será posteriormente apontada nesta categoria, em relação a como ser, através de um consenso, votação ou outras maneiras de decisões coletivas.

Afirmam, igualmente, que o professor, ao invés de apontar somente os erros dos alunos, deve incentivá-los a pensar e a refletir a fim de que entendam e corrijam o próprio erro, como uma maneira de adquirir autoconfiança. A reflexão e a criticidade por parte dos alunos constam nas estratégias dos professores:

Enfaticamente o Prof. 1 afirma que o *“primeiro passo, professor desenvolver no aluno a criticidade.”* Esta afirmação precede as falas sobre as escolhas dos alunos nas aulas, mostrando que o Prof. 1 acredita e trabalha anteriormente a capacidade crítica dos alunos.

É interessante notar como o Prof. 3 trabalha com os alunos neste sentido:

“Uma estratégia que eu utilizo é aquela roda de conversa no final da aula, fazendo perguntas, desenvolvendo a criticidade, tentando tirar respostas que é uma forma de desenvolver a autonomia.”

Sobre a reflexão e a crítica o debate enriqueceu-se e outros professores contribuíram com exemplos de como atingir tais objetivos. O Prof. 5 salienta em *“trazer um assunto da nossa área, da década de 70, que a Educação Física era para formar o atleta”*. Este modelo de Educação Física realmente pode abrir uma rica discussão, pois inclusive foi muito criticado por autores da área.

O Prof. 4 inicia as idéias sobre reflexões e posições sobre a mídia:

“Questionar valores impostos pela mídia, padrões de beleza. Tem meninas que não comem, bulimia, anorexia, dentro da Educação Física a gente pode puxar bastante para esse lado”.

Com certeza podemos abordar estes assuntos. O Prof. 5 continua:

“Através de uma manchete. Gravar jornal, os alunos assistem, fazem questões, o professor pergunta o que acham dos padrões estética, riscos de saúde. É qualidade de vida ser magra?”.

Essa construção de idéias traz uma possibilidade efetiva e relativamente simples para os professores de Educação Física que desejam iniciar a reflexão e a crítica dos alunos rumo à uma autonomia frente a diversos fatores.

E mais, o Prof. 1 traz um exemplo já experimentado:

“Eles vão buscar reportagens, fazem o resumo da matéria e daí eles vão tirar a opinião. Eu vi no 1º bimestre que eles de 5ª a 8ª não sabiam fazer opinião, eles não tinham opinião própria. Aí

agora no 3º e 4º bimestre houve uma evolução incrível, começaram realmente a dar opinião. Eu trouxe a reflexão: será que o handebol realmente é rápido? Este tipo de aula abre uma discussão, não é de um dia para o outro, foi o ano inteiro para que eles pudessem dar uma opinião de uma matéria de jornal.”

A reportagem utilizada foi sobre o time de handebol da cidade, onde a treinadora expunha para as atletas que precisavam de mais velocidade, estavam muito lentas e por isso acabaram perdendo a partida.

E o handebol da escola é diferente deste competitivo, como vários outros esportes, e daí são várias possibilidades de debater com os alunos, ensiná-los a escrever uma opinião própria e como o professor relatou, entender que muitas vezes isso leva tempo, mas pode ser possível.

Estas estratégias podem ser relacionadas às idéias de Freire e Scaglia (2004). Para os autores, o aluno, além de vivenciar o jogo e o esporte na escola, deve realizar leituras críticas da mídia esportiva.

O Prof. 5 encerra este tópico de discussão e construção de estratégias mostrando um outro lado da reflexão com os alunos. O professor, em conjunto com os alunos:

“Fazer o governo proporcionar material, local, ter nos bairros uma quadra, um centro esportivo. Despertar o aluno (para) essa política de incentivo ao esporte.”

Nesta reflexão e entendimento dos direitos estão o exercício da cidadania. Para o aluno exercer plenamente a cidadania, também certas estratégias da disciplina de Educação Física podem colaborar para este objetivo. No referido componente curricular existem conteúdos que permitem uma gama de possibilidades em se trabalhar com regras, como os jogos e esportes da escola.

Os professores apareceram com estas idéias no debate, afirmando como trabalham a questão das regras com seus alunos. Vejamos:

Prof. 5 *“Se colocar muita regra, vai diminuindo a autonomia, se você deixar mais livre, com menos regras, vai sendo mais autônomo. Isso eu tirei como conclusão das minhas aulas”.*

Prof 4 *“Entra o bom senso do professor: vamos tirar esta regra? Vamos colocar outras?”*

Este saber adaptar, mudar e criar as regras conforme a capacidade de assimilação dos alunos, o autor Vaz (2005) fornece um exemplo de que a mudança, muitas vezes, é necessária não somente por conta do nível de desenvolvimento dos alunos, mas para permitir que aqueles com menos habilidades tenham mais oportunidades de participar efetivamente num jogo.

Por exemplo, é muito comum nas aulas de Educação Física surgirem aqueles alunos com habilidades motoras mais refinadas e desenvolvidas, por conta de vários aspectos e com isso podem tornar-se, como

dizem os colegas, “fominhas”, o que engloba não passar a bola para os colegas e muito menos para aqueles com habilidades defasadas, os quais, justamente, são os que precisam de uma maior prática. O professor, ao observar estes aspectos, pode sugerir mudanças ou abrir uma discussão de como fazer um jogo onde todos participem efetivamente. Podem aparecer dos alunos as sugestões de regras ou mesmo do professor, desde que explique os motivos para tais regras.

Como exemplo, podemos citar que, num jogo que envolva a presença da bola, a regra é a de que, antes de executar o ponto, gol ou cesta, a equipe tem que executar passes entre todos os integrantes. Desta maneira há uma maior possibilidade de todos os alunos adquirirem uma autonomia na vivência dos jogos e atividades práticas, bem como a compreensão da participação de todos na escola, entendendo inclusive as diferenças do esporte educação e daquele jogado na rua, nos centros de treinamento e nas competições de alto nível.

Em relação ao como fazer os alunos entender as regras, o Prof. 1 apresenta sua estratégia:

“la para a classe, fazia chamada, explicava na lousa e eles já ficavam em sala refletindo, passava trabalhos escritos, eles escrevem, dialogam, refletem a regra que entra.”

Dependendo da classe, o Prof. 1 transmite e media o conhecimento na sala de aula, por conta de diversos fatores, tais como, muitas

vezes se você deixar para passar todos os conceitos e desenvolver discussões em ambientes abertos, como na quadra ou outro ambiente externo, pode permitir uma dispersão maior dos alunos, principalmente dos mais novos como uma quinta série. Mas isto é o caso do Prof. 1, sendo uma estratégia que pode ser tentada por outros professores quando tiverem semelhantes problemas. Vemos também que quando há o objetivo de que o alunos escrevam, a sala de aula torna-se mais eficiente.

Ainda sobre a autonomia dos alunos a qual pode ser desenvolvida nas atividades práticas, diversas idéias e exemplos específicos dos conteúdos e atividades de Educação Física foram dados pelos professores.

O Prof. 4, ao continuar na linha de idéias do Prof. 3 sobre os exemplos práticos da Educação Física, como a roda de conversa feita em quadra nos tempos finais de aula, apresenta outros:

Prof. 4 "A roda é legal, outro exemplo, como jogar uma estafeta: cada time escolhe sua estratégia, qual jeito, vamos escolher time? Vamos escolher uma estratégia de jogo, cada time arma um sistema, é uma autonomia para a prática."

Vemos que as escolhas dos alunos não giram apenas na atividade que desejam para a aula, como o jogar futebol como tanto pedem. Dentro de um conteúdo proposto pelo professor, como o exemplo da estafeta, permite-se também que os alunos decidam sobre tática e disposição das

colunas. Caso o número de alunos dentre as equipes seja diferentes, a equipe que tiver menos integrantes pode ver quem será o colega que repetirá a atividade.

Um fator bastante comum das aulas de Educação Física é o desejo de muitos alunos para a prática do futebol, tão forte e presente na nossa cultura. Uma visão dos professores é entender isso como uma dificuldade para se trabalhar com outros conteúdos, mas não como algo ruim. Ou seja, é muito bom que haja o interesse do aluno pelo conteúdo futebol, porém muitas vezes este gosto somente pelo futebol torna-se um fator de resistência para a vivência de outros conteúdos da Educação Física. Vejamos um exemplo de adaptação das regras do futebol:

Prof. 2 *“No futebol fiz com 5 bolas, autonomia não funcionou muito, eles tinham que se virar. Trabalho com várias bolas para trabalhar a autonomia.”*

Muitas vezes no próprio conteúdo preferido dos alunos, os mesmos não querem nem a troca de regras, mas com objetivo definido o professor pode introduzir desafios, como a regra com várias bolas. De acordo com o próprio professor, tal estratégia não necessariamente ajuda a desenvolver a autonomia dos alunos, porém, com uma devida orientação do professor os alunos podem vir a refletir que, num jogo desordenado com cinco bolas, têm que tomar várias decisões e ações.

Com mais exemplos do futebol contribuíram os professores:

Prof. 4 *“Na escola, inter-classe é só de futebol. Por exemplo, em abril faz futsal mas agosto, vôlei. Outro exemplo, para participar do torneio de futsal, a gente vai ter que fazer um debate, trabalhar um pouco de troca, vai descer e jogar um futebol, mas na primeira aula todo mundo vai ter que fazer as atividades propostas, principalmente com aluno de ensino médio, não acredito que seja o ideal, pode ser uma opção. Para trabalhar um alongamento, de repente o time que fizer o alongamento mais organizado começa com a bola, o time que passar mais a bola.”*

Prof. 3 *“É uma estratégia (a troca).”*

Entendemos que outros conteúdos são de fundamental importância para serem aplicados nas aulas de Educação Física. A experiência do Prof. 4 foi a de estabelecer alguns limites e não permitir que os alunos apenas vivenciem o que mais gostam. O Prof. 3 concorda que a troca seja uma estratégia possível. Logicamente muitos autores e professores que estão distantes da realidade escolar podem criticar e discursar sobre a maneira mais correta de proceder pedagogicamente. O próprio professor que apresenta esta estratégia assume que não é o ideal, porém experimenta o que pode dar certo e ser possível.

O Prof. 3 vem na linha do como intervir na realidade de uma escola com muitos problemas, com uma experiência muito interessante com o futebol:

“Quando eu cheguei (na escola) me desafiaram, queriam só jogar futebol. Disse: primeiro vou ter que ganhar a confiança deles. Quer jogar futebol? Tudo bem, vai jogar futebol. Tinha alguns que não gostavam (do futebol), eu comecei, utilizei uma parte da quadra para estar fazendo rolamento para frente, para trás, estrelinha, mortal, eu estava ali auxiliando. No futebol, eu comecei a entrar devagar, são informações que você está dando para eles, vai trabalhando os limites, agora autonomia eles vão adquirindo conforme o conhecimento que vão adquirindo. Jogavam de forma errada, agora de forma correta.”

De repente o professor que chegar impondo seu plano de ensino e bater de frente com os alunos tem grandes chances de frustrar-se e apresentar problemas de estresse, por vezes, comuns na classe profissional. Uma forma bem sucedida é compartilhada com os colegas, e até um certo alívio e sensação de dever cumprido transparecia no Prof. 3 ao relatar este caso, pois o histórico da escola referida e dos alunos é muito complicado.

Mais uma estratégia de como trabalhar com outros conteúdos importantes para desenvolver a independência e abrir o leque de escolhas dos alunos o Prof. 4 nos apresenta:

“Vou dar uma aula de handebol, tem a maior resistência. Eu falo: handebol é um futebol com as mãos. Faço de um jeito para começar a gostar, talvez ser através de oficinas, do vamos jogar, ver como é, nem passar todas as regras para eles, mas começar um jogo pré-desportivo, com regra adaptada, até engrenar. Eles têm autonomia para escolher as oficinas, mas alguma vai ter que ser escolhida.”

E também, coerente com o que os Parâmetros Curriculares Mais do Ensino Médio (BRASIL, 2002) propõe, como reforçar a autonomia através não somente da oferta de possibilidades de escolha de times, mas elaborar diferentes regras e delegar responsabilidades para os alunos como arbitragem e organização, o Prof. 2 traz a idéia do:

“aluno com outro papel, de apitar, de organizar, de sentirem os outros reclamarem. Num inter-classes escolheram os excluídos de cada sala, foi muito interessante vê-los desempenhando outros papéis, se transformaram, responsabilidade. Alguns professores gostaram e alguns: vai valorizar agora os piores alunos?! E o inter-classes saiu.”

Certos professores desta escola, em suas visões, não concordaram com tal estratégia, afirmando que os alunos indisciplinados não

mereciam ter esses papéis de maior responsabilidade, como a organização e arbitragem do inter-classes.

Chegar a um consenso entre a equipe escolar geralmente pode ser difícil, mas a tentativa tal como relatada pareceu bem válida para se trabalhar com os alunos que apresentam problemas e que muitas vezes estão acostumados com castigos, broncas e punições, mas possuir um papel de liderança para o lado positivo apoiado por parte dos professores foi um fator novo o qual obteve um certo alcance positivo.

Como exposto no início da análise, idéias contrárias foram debatidas, tal como a posição sobre a estratégia da troca apresentada pelo Prof. 1:

“Tudo está no combinado, no planejamento e na estratégia do professor. Tem que ter um estabelecimento de regras, eles têm que se adequar também ao que o professor está pedindo para eles. Eu não faço trato, não trocava com futebol e dava tudo certo. Aluno de 8ª série que não sabia handebol hoje falam para mim, se tivesse que fazer um inter-classe ia ser handebol. Futebol e Copa do Mundo, o planejamento tem que estar de acordo, vai deixar perder a oportunidade? Não, é estratégia e planejamento e aí cabe o resgate deste aluno. Aluno resistente você pode puxar ele para ser seu ajudante.”

Lembrando-se de que exemplos podem ser tirados como parâmetros mas não generalizados. Na visão do Prof. 1, por relatar obter sucesso com suas estratégias, não concorda com a troca na educação. Porém, podemos ver que ambas podem dar certo e atingir o objetivo proposto, e cada profissional carregado de valores e visões diferentes pode escolher e experimentar o mais correto para o contexto em que atua. A idéia do planejamento participativo, conforme apresenta Rodrigues e Galvão (2005), pode ser uma forma efetiva para estes combinados,.

Para o estabelecimento de limites o Prof. 1 continua:

“Trabalhar a autonomia do aluno exige também que ele entre na regra, tem que trabalhar com regras. Tenho umas alunas que se recusavam a fazer a aula, a nota ia abaixando a cada aula e chegou a zerar. Chove vermelha em Educação Física na minha escola, não é nem pela prática, é pelos trabalhos também.”

O feedback fornecido pela nota tirada pelo próprio aluno pode gerar algum retorno positivo, pelo fato de poder entender que precisa ter compromisso e assumir seus deveres. O que ocorre e vamos ver posteriormente na categoria de dificuldades é que a nota hoje em dia, muitas vezes, é desprezada pelo próprio aluno. A nota, que anteriormente foi muito criticada por ser entendida como uma forma de controle e submissão, hoje não faz mais sentido devido à implantação da aprovação automática entre séries

ainda utilizada pelas escolas, com exceção dos finais dos ciclos que são longos e compreendem quatro séries cada, conforme o antigo regime de seriação.

O que convém considerar nestes dados fornecidos pelo Prof. 1 é o fato de tentar promover o aprendizado e a autonomia dos alunos estabelecendo também as suas regras e a da escola. O que precisamos enfocar é que, diante desses fatores, torna-se mais difícil fazer com que o aluno entenda que precisa cumprir seus deveres.

Demasiadamente os professores são responsabilizados, pressionados e cobrados pelo sucesso dos alunos, os quais vários deles somente ficam de corpo presente na escola e não cumprem com outras obrigações. Estas são dificuldades analisadas ainda nesta categoria de estratégias dos professores e serão mais pontuadas na categoria de dificuldades.

Vejamos outras formas aplicadas que despertaram o interesse dos alunos, algo tão exigido dos professores:

Prof. 3 *“Você dá uma aula de escolha, eles pedem o futebol. E a equipe junior feminina de basquete foi lá e fez uma demonstração. E os alunos ficaram apaixonados pelo basquete, nunca tinham vivenciado o basquete, nunca tinham visto, a não ser pela televisão. Depois disso, o que queriam: Basquete professor! Todo mundo, até os que gostam de futebol. A partir do momento que eles experimentarem, vão querer começar a conhecer ou a gostar. A proposta que eu*

tenho é de você levar oficinas para dentro da escola, de lutas, demonstração de voleibol, de handebol, até mesmo de futebol, você vai dando opção para eles, vai abrindo um leque.”

Prof. 2 *“Passar um vídeo antes.”*

Prof. 5 *“Trazer também uma pessoa, um atleta famoso, um habilidoso fazer uma pequena demonstração.”*

Prof. 1 *“Na escola a gente tem um plano. Aproveitar o que a mídia traz. Uma vez levaram uma escola de samba, na semana seguinte as crianças queriam fazer, sambar.”*

Prof. 3 *“A equipe de voleibol foi na escola, falei com a coordenadora, vou estar tentando trazer lutas, uma equipe de judô.”*

Nestas estratégias os professores posicionaram-se de comum acordo e entendimento de que são efetivas e alcançam os objetivos. Além de utilizar recursos da mídia para que os alunos familiarizem-se com o conteúdo a ser trabalhado, oficinas e apresentações de grupos, equipes ou de atletas podem ser trazidos para dentro da escola, pois assistir e mesmo interagir com pessoas de fora possibilitam uma grande motivação para muitos alunos chegarem a aderir à prática.

E se possível, como os professores fizeram, levá-los para outros ambientes, organizar passeios, tais como:

Prof. 2 *“Aquele festival de vôlei? Foi muito legal, devia ter mais.”*

Prof. 1 *“Levei muitos alunos, foi uma forma também de eles saírem da escola e abrir este leque de oportunidades. Não deu tempo de fazer um inter-classes, mas se desse, ia ser voleibol em três pessoas, porque lá eles jogavam em três.”*

Prof. 3 *“E depois tem aqueles alunos: professor, onde tem um centro esportivo que possa treinar o vôlei? Porque eles viram, ele percebeu que se deu bem lá, ele tem essa oportunidade de poder escolher. Se conseguir algum ônibus, vou levá-los a algum centro esportivo mostrar natação. Tudo isso gira em torno da estratégia de levar o conhecimento para o aluno. Depois que ele conhecer, ele vir a escolher.”*

No primeiro caso o Prof. 1 relatou uma experiência gratificante, a de ter levado seus alunos para um festival de mini-vôlei promovido na cidade. A oportunidade de muitos em ter participado de jogos de mini-vôlei pode ter sido a primeira vez, e vimos que o interesse pela prática da modalidade após a vivência foi grande. E posteriormente ao fato, o professor teve menos

resistência de alunos ao conteúdo para oferecê-lo na escola, como fazer um inter-classes de mini-vôlei.

O Prof. 3 compartilha essa idéia e mostra interesse em começar a realizar passeios com os alunos. Mostrar práticas e conteúdos difíceis de serem vivenciados dentro da escola, como a natação, pode também surtir em interesses por parte dos alunos.

Esse objetivo de autonomia para que o alunos venham a escolher uma prática da cultura corporal de movimento, sabendo usufruir de seu tempo disponível de forma consciente e criativa, é confirmado novamente pelos autores Freire e Scaglia (2004). Entendemos que muitas vezes a resistência à uma prática diferente daquelas que gostam pode ser pelo fato de nunca terem experimentado e vivenciado. Vários fatores presentes em nossa cultura influenciam escolhas e hábitos de vida, e a Educação Física escolar, ao fazer parte dessa cultura dos alunos, pode contribuir para estas escolhas e inculcar hábitos de vida mais saudáveis, como a prática de esportes e atividades físicas em geral.

Para poder ser autônomo frente a outro conteúdo, o Prof. 2:

“Eles só querem futebol. Eu montei a rede de vôlei, dois deles começaram a jogar e começou a subir gente, daí tinha 5 times jogando, revezavam: professor, vem jogar junto! Tinha 3, 4 professoras, eu joguei. Você começa a brincar com um aluno, daí vem todo mundo querer jogar.”

Prof. 5 *“Os alunos gostam de jogar com o professor.”*

Outra maneira de permitir um interesse e vivência dos alunos é o professor, ao propor e montar a atividade, começar com aqueles que se mostram dispostos a fazer a atividade, e os colegas, ao vê-los se divertirem com o jogo, inclusive com o professor, acabam aderindo à atividade da aula. É uma motivação ver o professor participar junto, podendo ser uma referência para os alunos ou mesmo uma vontade de pontuar no jogo em cima do professor. A relação professor-aluno pode tornar-se mais próxima através agora da linguagem do jogo e movimento.

Para se desenvolver a prática democrática e o exercício da cidadania autônoma, os professores apresentam as seguintes estratégias:

Prof. 2 “Numa aula, um deles fez falta, começou aquela discussão, até do próprio time falou, deixa ele jogando sozinho. Ele fez o gol, todo mundo: não foi! O próprio pessoal do time dele falou. E eles sozinhos se viraram. Quem vai escolher o goleiro são vocês, vocês vão escolher alguém, façam uma votação de quem vai ser o goleiro. Vamos revezar o goleiro?”

Prof. 5 “Tira par ou ímpar, você é o próximo depois que ele tomar o gol ou tanto tempo.”

Prof. 2 “Uma das coisas é você revezar.”

Prof. 5 *“Por exemplo, tem as panelinhas, uma vez, eu pedi para dividir, percebi que os times estavam equilibrados. Ganhou duas vezes seguidas ia sair se caso acontecesse. Jogavam a mesma quantidade de tempo. Aquele mais habilidoso vai prevalecer, aí pode-se fazer outro jeito, antes de fazer o gol tem que tocar para tantas pessoas.”*

A votação e o revezamento, quando decidido coletivamente, oferecem possibilidades para o exercício de decisões democráticas, considerando o outro e a vontade coletiva. Como Resende e Soares (1997) colocam, por meio da prática da cultura corporal, ou seja, dos conteúdos e elementos que o envolvem na Educação Física, privilegia-se a formação da cidadania, sendo que para isso o professor está presente, orientando e mediando para tais objetivos e princípios serem alcançados.

O conceito de estar com o outro, de considerar as diferenças, as limitações próprias e as dos colegas ajudando e cooperando com todos, é trazido através da estratégia de se trabalhar com os jogos cooperativos:

Prof. 5 *“Jogos cooperativos: aquele que fizesse o gol ia passar para o time e aquele que tomou o gol ia escolher alguém do time para passar para o outro time, expliquei.”*

Prof. 3 *“Foi uma estratégia que você utilizou para desenvolver esta reflexão, para eles pensarem numa alternativa para o time*

deles jogarem bem. Não dá a situação pronta, mas dar pistas para eles proporem uma solução para estes problemas.”

Prof. 2 “Podia começar o ano lecionando jogos cooperativos, atividades cooperativas, jogo cooperativo para eles entenderem essa coisa do próximo, para ele começar a ter autonomia. Então se de repente se trabalhar um pouco mais isso, é um passo na parte de autonomia.”

Prof. 5 “Acho que tem que começar (jogos cooperativos), senão vai reforçar a competição. Tem que haver um equilíbrio. Outro exemplo, você dispõe vários bambolês no chão, vai tirando os bambolês, coloca uma música, você pára a música e todo mundo tem que entrar num bambolê. Eu não dava apenas atividades práticas, comecei conceitos, diferenças entre uma situação competitiva e uma cooperativa, foram duas aulas, eu explico, e fui dar a prova.”

Alguns exemplos de jogos cooperativos estão aqui dispostos. A dimensão das atitudes de cooperação é encontrado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). E Piaget (1974), como visto nos conceitos, traz que a cooperação sucede o egocentrismo, ou seja, o aluno vai começando a não centrar em si as decisões e o mundo, coordenando agora pontos de vistas e decisões com os colegas. A Educação Física escolar através dos conteúdos

de jogos e atividades cooperativas pode potencializar esse desenvolvimento e transição.

O Prof. 5 traz a estratégia de se trabalhar com os conceitos. Vejamos outras:

Prof. 2 *“Marcar um dia por semana que vai ser dentro da sala de aula.”*

Prof. 5 *“Gosto de usar a sala de aula quando chove. Combino de começar a aula na sala senão, já estão tudo na quadra, aí pede para ir na sala? Até eles voltarem... prefiro começar na sala de aula. Eu pedi sala de aula perto da quadra.”*

Prof. 2 *“Eu fazia isso, entrava (na sala), se não entenderam, vamos lá que eu explico o resto na quadra. Vale a pena você pegar esses cinco minutos, ou dez que sejam, dentro da sala.”*

Entender conceitos auxiliam em um aprendizado autônomo dos alunos, pois vimos na literatura que para desenvolver autonomia, um dos passos é a compreensão dos porquês das atividades. A utilização da sala de aula às vezes é preferida pelos professores para trabalhar essa dimensão, o que não significa que quadra ou pátio são locais somente para a dimensão procedimental e que sala de aula somente para a dimensão conceitual. Por conta de eventuais dispersões dos alunos e de salas mais indisciplinadas, o

professor pode utilizar-se da estratégia de começar a aula na sala, como relata os professores 2 e 5, ou marcar dias para dar ênfase nos conceitos.

Vejamos agora a discussão da Categoria 3 que contempla os papéis dos professores e da escola:

IV.3 Categoria 3 – Papéis dos professores e da escola

Nesta categoria estão dados que os professores pontuaram em relação aos papéis do professor e da escola, pois compreendê-los permite reflexões acerca da atuação pedagógica, inclusive para desenvolver a autonomia. Temos os seguintes:

Prof. 1 “Para a autonomia: professor mediar as questões de conflitos, de regras, da capacidade que o aluno terá em desenvolver deixando o aluno fluir com regras.”

Prof. 3 “Professor mediador. Tem que ter um mediador ali para eles entrarem num consenso. O professor tem que passar um pouco de conhecimento, regras. Agora, nosso papel na escola é mostrar para o aluno, porque depois que ele conheceu, se continuar com o futebol, a paixão dele é futebol. Como vai gostar do basquete, do handebol, se ele nunca vivenciou ou nunca viu? Conforme o professor for percebendo as dificuldades, é mediar, mostrar as dificuldades e ajudar os

alunos. A maioria eu vejo que desempenha esse papel de mediador.”

Prof. 5 *“O professor dirige. Você vai estimulá-lo a pensar.”*

Prof. 2 *“Professor está junto e explica.”*

Um dos principais papéis citados pelos professores 1 e 3 reside na mediação que o professor desempenha entre o conhecimento e o aluno. Estar junto, mostrar e dirigir a atividade e a aula também são papéis importantes do professor, conforme Zabala (2003), que traz o professor ora assumindo a postura da direção da atividade, ora tem que sugerir e às vezes exigir desafios, sempre com o objetivo de mediar o aluno e a cultura.

Então a escola tem esse papel de mediação, tal como afirma Gramsci (1985). Para ele, a função da escola é mediar a tomada de consciência, permitindo assim que o aluno adquira um autoconhecimento e torne-se um cidadão autônomo.

E como dito que o papel da educação formal não se restringe ao ambiente escolar, temos:

Prof. 4 *“Na escola também temos que educar para a vida, na escola não pode tudo.”*

Prof. 3 *“O estímulo você dá e vai ser para outras situações.”*

Prof. 5 *“Trabalhar na escola a autonomia para trabalhar a noção de justiça e respeito.”*

Para Freire e Scaglia (2003), o papel da Educação não se restringe à escola, ou seja, os conteúdos trabalhados podem ultrapassar o ambiente escolar. É um grande desafio para o professor permitir que o aprendizado adquirido na escola seja utilizado em outros ambientes.

E no caso de exemplos específicos da Educação Física, temos outros importantes papéis:

Prof. 4 *“Professor intervir, a panela, não deve deixar acontecer.”*

Prof. 1 *“Explica que tem aquele amigo que tem menos habilidade, para ter chance de fazer o gol, tem que ter este capricho.”*

A “panela”, citada pelo Prof. 4, pode contemplar quando os alunos formam grupinhos fechados e não aceitam outros colegas, às vezes por afinidades e como no caso da formação times, não aceitam quem possui menos habilidades para a atividade. Em muitas ocasiões a decisão não é democrática também, e por isso o professor intervém, refletindo com os alunos como o Prof. 1 coloca, explicando as diferenças e a importância da participação de todos os colegas.

Porém, quando a decisão é acatada entre os alunos de forma saudável, a “panela” que os alunos formam permite um bom andamento da aula, pois eles sentem-se mais à vontade para jogar nos grupos que possuem mais afinidades. Neste caso, nem sempre o professor deve desmanchar esta estratégia dos alunos.

Isso envolve também o desenvolvimento da cidadania crítica dos alunos. Vejamos:

Prof. 1 “O papel do professor é o de trabalhar a cidadania do aluno. A função da escola é a de oferecer (leque de oportunidades) e o papel do professor é trazer a reflexão.”

Prof. 3 “Comparar, criticar, desenvolver isso nos alunos.”

Vemos que esta categoria expõe dados sobre os diferentes papéis e funções dos professores e da escola, como a atuação mediadora entre o conhecimento e o aluno, o oferecimento de vários conteúdos, a fim de que os alunos possam escolher o que mais lhe agrada para praticar fora da escola e as tomadas de posições críticas dos alunos para que exerçam a cidadania autônoma.

Certas críticas foram defendidas pelos professores, sendo colocadas na próxima categoria de análise.

IV.4 Categoria 4 – Posições críticas

Há críticas para os professores, para a escola, gestores e ao sistema de ensino no geral. Entender estas posições auxiliam a como podermos atingir o objetivo de desenvolver a autonomia dos alunos e buscarmos assim um ensino com mais qualidade.

Quanto aos professores:

Prof. 4 *“Isso funciona uma vez, duas vezes (os alunos escolherem), mas se o professor fizer isso o ano inteiro não está trabalhando a autonomia. Isso aí é uma maneira de usar a palavra autonomia para uma coisa que não é pra ser usada, isso não é autonomia. O professor que usa sempre a mesma estratégia de repente...”*

Prof. 5 *“Deixar totalmente solto, isso não é autonomia.”*

Prof. 1 *“A falha é ficar falando que são carentes e não têm limites dentro da escola. Todos ali são realmente “autônomos”, eles fazem o quer, chutam a porta, quebram o vidro (tom irônico), é libertinagem.”*

A posição do Prof. 4 é crítica em relação àqueles professores que somente deixam os alunos escolherem e decidirem as atividades das aulas,

sem uma intervenção adequada. É a famosa crítica aos professores de Educação Física, o “jogar a bola” para os alunos, o que na maioria das vezes acabam jogando somente o futebol. Como o Prof. 5 bem situa sobre este fato é que o professor precisa intervir e mediar para que um bom desenvolvimento do aluno ocorra efetivamente.

Esta falta de intervenção e compromisso com a Educação pode gerar problemas, tal como o Prof.1 exemplificou o caso de uma escola em que trabalhou. Os limites, ao contrário do deixar totalmente soltos os alunos e fazerem o que bem entenderem, colaboram para um ambiente mais propício à uma Educação para a autonomia e não para a libertinagem como a ocorrida na escola referida. Estes problemas englobam não somente os professores, mas toda a gestão escolar.

Temos também outras posições em relação à postura dos professores:

Prof. 4 *“Autonomia é para ser trazida para a prática, não se pode ficar só na conversa.”*

Prof. 1 *“Muitas vezes eu não abro espaço (para o aluno).”*

Prof. 4 *“Muitas vezes a gente se pega assim: porque é a regra e você (aluno) não tem que questionar.”*

Prof. 1 *“Educação bancária: Aquela que você só deposita o conhecimento e nada retira do aluno.”*

O professor precisa intervir e estabelecer regras e limites, porém isso não significa ser autoritário, como querem dizer as críticas dos professores, que envolvem aquele professor que centra todas as decisões sempre, não vê o aluno como ser ativo do processo de aprendizagem, somente quer transmitir e depositar o conhecimento nos alunos e sempre não aceitar sugestões e questionamentos, sem refletir sobre suas ações. Essas estratégias colaboram justamente para o contrário da autonomia, a heteronomia dos alunos.

O entendimento da autonomia se faz necessário, senão pode ocorrer o fazer sem saber o porquê com os professores também, conforme o Prof. 3 expõe: os *“professores muitas vezes trabalham a autonomia inconscientemente.”*

Para evitar problemas disciplinares, a escola no geral pode empenhar-se em ser um ambiente prazeroso para os alunos. O Prof. 5 vem com essa idéia ao posicionar-se que *“talvez a escola não tenha oferecido para ele (aluno) algo que interesse.”*

É difícil ter todo um alunado interessado em tudo o que a escola tem a oferecer, mas para evitar um choque de culturas, por exemplo no caso da Educação Física, o professor pode sim começar seu trabalho educativo com conteúdos mais próximos dos alunos, como o futebol, e depois ir introduzindo outros elementos da cultura corporal de movimento.

Conceitos e reflexões são parte da Educação, e o professor de Educação Física não pode se ater destas dimensões e ficar somente com a prática. Uma autocrítica com relação a isto temos do Prof. 2: *“A gente vai muito para a prática e não dá nada de teoria.”*

E posições críticas ao sistema educacional são pontuadas como fatores limitantes à uma qualidade do ensino, principalmente da forma como mudanças foram introduzidas. Vejamos:

Prof. 2 *“Antes você fazia todas as matérias novamente por causa de uma, e agora você pode ficar de todas. Só reprova pela falta.”*

Prof. 5 *“Não reprova mais.”*

Prof. 1 *“Isso aí é uma questão de política mesmo.”*

Prof. 2 *“Tudo evoluiu, e a escola 70 anos atrás? É exatamente isso que é hoje.”*

O que cabe aqui analisar é o fato da aprovação automática em detrimento da avaliação continuada. A primeira apresentou-se como um problema grave já discutido inclusive por candidatos à cargos políticos importantes.

As intenções de mudanças são boas e necessárias, mas têm que ser gradativas, com preparos, objetivos e regras bem definidos, senão correm o risco de terem um efeito contrário, ou seja, ao invés de melhorarem a qualidade do ensino acabam piorando e gerando outros problemas, como por exemplo, ter um aluno concluído nos estudos do ensino médio, mas com capacidades aquém das metas do ciclo I do ensino fundamental.

A seguir serão discutidos aspectos relacionados às dificuldades surgidas nos debates entre os participantes da pesquisa:

IV.5 Categoria 5 – Dificuldades encontradas

A primeira dificuldade é em relação ao sistema educacional, com a questão do tempo e número de alunos por sala:

Prof. 2 *“Muitas vezes a gente não tem tempo. É difícil com os menores.”*

Prof. 3 *“Há a dificuldade de alcançar todos os alunos.”*

Prof. 2 *“Infelizmente o tempo de aula não é suficiente (para passar vídeo, teoria). Duas aulas por semana não é suficiente, e são 40 alunos.”*

Prof 1 *“Muitos alunos por sala.”*

O autor Schön (1992), bem coloca que através da reflexão-na-ação o professor deve ter a capacidade de individualizar seus alunos. Nesta meta não há dúvidas de que o ensino torne-se mais efetivo e com qualidade, e por isso atenções às políticas públicas de Educação precisam ser dadas para superar essas dificuldades expostas das vozes dos professores que estão na prática.

Como o Prof. 2 desabafa, a dificuldade é maior ainda com os alunos de menor idade, como uma quinta série do ensino fundamental, pois por serem mais novos são mais dependentes, com uma autonomia menor desenvolvida, tal como visto na literatura.

Em relação aos alunos atuais os professores também têm suas posições:

Prof 1 *“Ainda não têm organização (alunos).”*

Prof. 3 *“Tem classe que os alunos têm uma capacidade maior de tomar decisões e outras têm uma capacidade menor.”*

Prof. 1 *“Aluno resistente: eles confundem autonomia com libertinagem.”*

Esta análise dos alunos vem ao encontro com a literatura de Piaget (1994), onde apesar de concluir que a consciência da autonomia surge

por volta dos onze anos, muitos alunos de mesma idade, com idade mais avançada e mesmo adultos ainda não conseguem estabelecer decisões autônomas e democráticas. E La Taille (2006) também vem afirmar que adolescentes podem ter uma certa autonomia frente a uma regra moral, mas isso não significa que são completamente autônomos.

Este fator pode ser por conta de um desenvolvimento inadequado em vários ambientes de convívio dos alunos. Por isso o professor, entendendo que o ambiente em que trabalha pode ajudar no desenvolvimento da autonomia dos alunos, estará tentando superar este quadro.

O educador também pode ter a dificuldade de compreender a sua prática pedagógica e o princípio da autonomia, como traz o Prof. 1 ao dizer que um dos problemas e dificuldades é *“o educador estar ciente do que é essa autonomia.”* O Prof. 4 traz a seguinte reflexão:

“Qual a maneira de o professor intervir sem deixar muito solto? Será que a escolha foi democrática mesmo? (de times, goleiros). Na escola é difícil eles saberem que não estão competindo.”

Os limites estabelecidos para os alunos em relação à frequência com que decidem nas aulas não é preciso, ou seja, como o Prof. 4 coloca, se estas estratégias ocorrem demasiadamente, pode se ter a idéia de que o professor não está intervindo adequadamente e que os alunos estão fazendo o que bem entendem nas aulas e na escola. O professor precisa estar atento e

manter a responsabilidade pela aula que ministra, pois apesar da estratégia dos alunos escolherem, há o objetivo do professor por detrás.

As diferenças do esporte-educação de um competitivo é difícil às vezes o aluno compreender, como as dificuldades:

Prof. 5 *“Às vezes a competição é tão exarcebada que eles não respeitam as regras, o colega, há certa violência.”*

Prof. 2 *“A gente passa por dificuldades. Muitas dessas coisas de as crianças serem mais agressivas, hoje em dia o videogame, os jogos são agressivos, a televisão que só se mostra coisa errada. Então a gente está com um problema sério.”*

A reflexão, as conversas e explicações precisam estar constantemente, procurando evitar o exarcebamento da competição num jogo. Entender o contexto em que a criança vive também ajuda nas ações a serem implantadas para tentar superar este quadro.

Uma tentativa de reflexão para estes fatores são os jogos cooperativos, mas que também têm suas dificuldades para serem implantados:

Prof. 2 *“As crianças não sabem o que é cooperar.”*

Prof. 1 *“Atletismo em Ação – Jogos Cooperativos, tudo em cooperação, comigo nada dava certo, porque sou competitiva.”*

Prof. 3 *“A gente tem essa certa dificuldade, por que alguns alunos conseguem deixar esse egoísmo de lado muito cedo e outros levam até a adolescência, até a fase adulta?”*

Diante do Prof. 2, sabemos então que o aluno precisa aprender a cooperar, e este objetivo está na função do professor, apesar de outros contextos não colaborarem e por vezes até terem uma ação contrária à de cooperação.

Para dar certo, o professor precisa acreditar naquilo que está transmitindo e entender suas limitações, senão pode ocorrer frustrações e metas não atingidas, como no caso do Prof. 1. Lembrando-se de que não há certo e errado em Educação, e sim existe aqui a análise de propor o entendimento das concepções e valores que são carregados e estar claro onde quer chegar com os alunos.

A escolha maciça dos alunos para o futebol pode ser encarada como algo bom, mas se o professor desejar ir contra esta cultura, como fazer a maioria gostar de outro esporte, enfrentará muitas dificuldades. Porém, se compreender o futebol no contexto cultural de nosso país, saberá que há uma certa normalidade da maioria dos meninos em sonhar serem atletas de futebol,

e que também, ao introduzir outros elementos da cultura, poderá oferecer outras oportunidades para aquela minoria que não gosta ou não tem prazer pela prática do futebol.

O professores 5 e 2 apresentam este quadro:

Prof. 5 *“Se deixar escolher, vai ser sempre futsal.”*

Prof. 2 *“Só querem futebol.”*

Uma outra dificuldade bastante comum é em relação às tentativas de introduzir as dimensões conceituais dos conteúdos nas aulas de Educação Física. Vejamos:

Prof. 5 *“Lógico que eles não queriam (aulas de conceitos); eles não estudam, é um péssimo hábito. Pode ser o professor mais motivante do mundo, tem a motivação intrínseca. Se o aluno não está disposto a aprender, não tem metodologia de ensino que funcione.”*

Prof. 4 *“Você já vai para uma sala de aula com todo mundo contrariado.”*

Prof. 2 *“Você está dando aula e ele não entende que aquilo é aula (conceitos).”*

Prof. 4 *“Quantas vezes acontece, você está falando na roda, um levanta e diz: professor, que horas que você vai começar?”*

Prof. 2 *“Exatamente.”*

Prof. 1 *“Nossa, direto.”*

Prof. 5 *“Eles não estão acostumados a formar roda. Dependendo da turma nem forma roda.”*

Tanto conceitos dados em sala como na roda em quadra os professores relatam grande resistência por parte dos alunos, e sabemos que esta dimensão colabora para a autonomia. A expectativa em fazer a prática é muito grande e até bem compreendida quando entendemos que os alunos só possuem duas aulas de Educação Física na semana, ficam praticamente o período todo sentados em carteiras desconfortáveis e vão para a quadra ou pátio em grande número, o que muitas vezes precisam aguardar a vez de um jogo por exemplo, para não sair eventuais confusões.

Algumas estratégias para estas dificuldades já foram sugeridas, como deixar a parte de explanação mais teórica para os dias de chuvas, quando no caso da quadra ser descoberta como na maioria das escolas, começar a aula na sala de aula ou começar ou fechar com uma roda de

conversa e reflexão na própria quadra, insistindo na importância com os alunos para criarem este hábito.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo desta presente pesquisa, o de construir junto a professores de Educação Física possibilidades metodológicas para o desenvolvimento da autonomia, primeiramente verificou-se com os mesmos a compreensão do tema, relacionando com a literatura citada.

No geral, todos os cinco professores deram uma boa contribuição para a compreensão das idéias e entendimentos sobre a autonomia, revelando-se como um grupo jovem e estudioso, dispostos a aplicar e experimentar na realidade cotidiana de suas aulas na escola pública estratégias para desenvolver a autonomia de seus alunos.

Ressalta-se que os conceitos, coerentes com a revisão, giraram em torno de que o aluno autônomo é aquele mais independente, capaz de

poder escolher, ter boas decisões e resolver problemas efetivamente. Para todos estes fatores há a questão do ser consciente, que toma as ações sabendo o porquê delas.

A autonomia engloba regras, e por isso está ligada à cidadania. Cidadãos plenos e autônomos sabem decidir e escolher coletivamente, apesar de terem uma opinião própria. Esta autonomia almejada como princípio educacional também envolve a reflexão e as posições críticas.

Diante dos estudos e relatos dos debates, verifica-se que a consciência da autonomia vai aparecendo por volta dos onze anos, onde o indivíduo passou pela fase egocêntrica e começa a considerar e decidir com os outros de forma mais madura.

Após a análise dos entendimentos sobre a autonomia na Categoria 1, verificou-se a contribuição quanto à construção das possibilidades para se desenvolver a autonomia, que contempla as estratégias e o como fazer na prática, presentes na Categoria 2.

Os dados permitem observar que muitos deles foram trazidos das próprias experiências dos professores participantes da pesquisa. Além disso, surgiram sugestões providas do debate da pesquisa-ação.

É interessante observar que as possibilidades apresentadas pelos professores participantes da pesquisa foram bem próximas das realidades escolares e dos alunos. No grupo houve sempre a preocupação do ser possível aplicar, logicamente que críticas e dificuldades foram bem pontuadas e categorizadas a fim de que houvesse uma superação das mesmas, com o

intuito de poder desenvolver a autonomia dos alunos e melhorar a qualidade do ensino.

As principais estratégias e possibilidades de desenvolvimento da autonomia englobaram as ofertas de espaços para os alunos escolherem o conteúdo a ser trabalhado com a estratégia, por exemplo, da “*aula livre*”, a qual engloba o planejamento participativo.

Foram dadas as estratégias das rodas de conversas na quadra, aulas mais teóricas em salas de aulas e pedido de trabalhos como leitura de reportagens de jornais a fim de estimular e atingir os objetivos de: reflexões; questionamentos de padrões impostos pela mídia; saber emitir opiniões e o entendimento de conceitos, todos estes como características do aluno autônomo.

Para o aluno adquirir autonomia e poder escolher e usufruir de maneira correta e sadia uma atividade física, é afirmado que ele precisa vivenciar diferentes conteúdos da Educação Física.

O professor, para oferecer este leque de escolhas, pode utilizar-se de várias estratégias com seus alunos, tais como: a de jogar junto com os alunos para motivá-los; a de trazer apresentações para dentro da escola ligadas ao conteúdo e de levá-los para locais fora do ambiente escolar, as quais são estratégias que potencializam a autonomia e que são confirmadas como formas efetivas de atingir tal objetivo.

O aluno autônomo é aquele com mais responsabilidade. Estratégias didáticas foram construídas no debate para que seja atingido este elemento. Na Educação Física, o professor pode, além de permitir escolhas,

oferecer responsabilidades, como ter o aluno assumindo o papel de arbitragem de um jogo e de organizar festivais. Estas estratégias obtiveram um alcance positivo com alunos indisciplinados, conforme relato do debate.

Combinar regras e estabelecer trocas com os alunos pode ser positivo para que um conteúdo menos próximo do aluno seja ensinado, para que assim ele tenha a oportunidade de escolher mais concretamente aquilo goste e que vai aderir além do ambiente escolar.

Para a escolha de equipes, votações são boas estratégias, além permitir a vivência de decisões democráticas. Para considerar e estar com o outro, os jogos cooperativos podem auxiliar segundo os professores participantes.

Para todos estes elementos serem efetivados na prática dos professores, críticas e dificuldades foram consideradas e debatidas. Certos elementos tornam mais difíceis a atuação do professor com melhor qualidade, como o número de alunos por classe, o tempo e o número de aulas na semana e a aprovação automática entre as séries. Resistência aos conteúdos menos visíveis em nossa cultura e à dimensão conceitual, bem como outras características do novo alunado foram colocadas pelos professores.

Estes aspectos atrapalham o andamento do ensino e o desenvolvimento da autonomia dos alunos, mas vimos que muitas estratégias e concepções foram construídas neste presente trabalho, permitindo a professores atuantes no ensino experimentar e obter uma efetiva prática pedagógica que contemple o princípio da autonomia na Educação.

CAPÍTULO VI

REFERÊNCIAS

BARROS, H.F. Paradigmas, Currículos e Vivências. In: Campello, J.E. (Org.). **Paradigma, Vivências e Currículo**. São Luís: Imprensa Universitária, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª série do ensino fundamental - Educação Física**. v. 8. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN Mais Ensino Médio – Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

COLL, C.; MARTÍN, E. A avaliação da aprendizagem no currículo escolar: uma perspectiva construtivista. In: COLL, C. (Org.). **Construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2003.

DUCKUR, L.C.B. **Em busca de indivíduos autônomos nas aulas de educação física**. Campinas: Autores Associados – Coleção educação física e esportes, 2004.

JUNIOR, A.G.F. Pesquisa em Educação Física: enfoques e paradigmas. In: **Pesquisa e produção de conhecimento em Educação Física**. Rio Claro: Ao Livro Técnico, 1991.

FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. 4 ed. São Paulo: Scipione, 2002.

FREIRE, J.B; SCAGLIA, A.J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional**. São Paulo: Cortez, 2000.

LA TAILLE, Y. **Moral e Ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985.

_____. **Didática**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério 2º grau. Série Formação do Professor).

MACHADO, N. J. **Cidadania e Educação**. Ed. 3. São Paulo: Escrituras Editora, 2001. Coleção Temas Transversais.

MARSHALL, T.H. Cidadania, classe social e status. In: Betti, M. Educação Física, Esporte e Cidadania. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, abril a setembro/1999.

MATTOS, M.G.; NEIRA, M.G. **Educação Física Infantil**: construindo o movimento na escola. Ed. 4. Guarulhos, SP: Editora Phorte, 2004.

NÓVOA, A. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. In: **Educação e Pesquisa**, n.1, v.25, 11-20, 1999.

OLIVEIRA, D.T.R. Educação Física: do papel social da educação ao compromisso com o sensível no processo educativo. In: SOUZA, A.S. (Org.). **Desafios para uma Educação Física Crítica**. São Paulo: Cult, 2005.

PÉREZ-GOMEZ, A.I.P. Qualidade do ensino e desenvolvimento profissional do docente como intelectual reflexivo. **Revista Motriz**, vol.3, n.1, junho, 1997.

PERRENOUD, P. **Ensinar**: agir na urgência, decidir na incerteza. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIAGET, J. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A Psicologia da criança**. 3 ed. São Paulo: Difel, 1974.

PINSKY, J. **Cidadania e Educação**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

RANGEL, I.C.A.; BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Revista Motriz**, vol.2, n.1, junho, 1996.

RANGEL, I.C.A.; VENÂNCIO, L.; RODRIGUES, L.H.; NETO, L.S.; DARIDO, S.C. Os objetivos da Educação Física na escola. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. (Coord.). **Educação Física na Escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Educação Física no Ensino Superior).

RESENDE, H.G.; SOARES, A.J.G. Elementos constitutivos de uma proposta curricular para o ensino-aprendizagem da Educação Física na escola: um estudo de caso. Niterói: **Revista Perspectiva em Educação Física Escolar**, nº 1, 1997.

RESENDE, H.G. **Ensaio sobre a educação física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: SDBEF, 1994.

RIBEIRO, A.M. **A importância da utilização de jogos para o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático e da autonomia na pré-escola**: um estudo de caso. 1996, 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro-SP, 1996.

RODRIGUES, L.H.; GALVÃO, Z. Novas formas de organização dos conteúdos. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. (Coord.). **Educação Física na Escola:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Educação Física no Ensino Superior).

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 34 ed. Campinas: Autores Associados, 2001. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

SCAGLIA, A. Jogo e Educação Física Escolar: por quê? para quê?. In: MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R. (Org.). **Educação Física:** intervenção e conhecimento científico. Piracicaba: Unimep, 2004.

SCHÖN, D.A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VAZ, A.C. Futebol e representações do gênero: engendrando ações afirmativas e pedagógicas. In: SOUZA, A.S. (Org.). **Desafios para uma Educação Física Crítica**. São Paulo: Cult, 2005.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZABALA, A. **A Prática Educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. Os enfoques didáticos. In: COLL, C. (Org.). **Construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2003.

ABSTRACT

One of the principles of the Education is the acquisition and development of autonomy allying students to the conquest of full citizenship: the subject Physical Education can allow a great contribution for it. And facing the difficulties in general found in the public nets of teaching, it is necessary an accomplishment of a pedagogic work with teachers of Physical Education, so the students can obtain larger possibilities to develop the autonomy and all the aspects included, in other words, the objective of this work was to built with Physical Education teachers of public net of teaching methodological possibilities and didactic strategies for the development of the students' autonomy. The methodology used for this study was the research-action, that was constituted of five meetings with five teachers, characterized by a young group with different previously experiences in school, among one to seven years after the graduation. In the beginning of the meetings, a questionnaire was applied with subjects regarding the theme autonomy, with the purpose of identifying facts to build the starting point of the meetings of the research-action. The obtained data of these meetings were contained in categories and they involved: the ideas and autonomy concepts; the strategies to develop them; the functions of the teachers and school; the difficulties and the teachers' critical points. In the general, the obtained concepts were based on the autonomous student is that one more independent and capable of accomplish good choices and to solve problems, always conscious of their actions. The main strategies to develop the students' autonomy include the time for their choices, the reflections and the existence of different contents. For that, the teacher playing with the students, taking them to walks and to bring auditions to the school linked to the purposes contents are successful strategies that power the development of the students' autonomy. Another positive way to reach the students' autonomy is when you make them being more responsible delegating arbitration rolls or arranging festivals. Difficulties and critics views were well punctuated, which disturb the good course of teaching, as the resistance of the students to conceptual subjects and to the visible less contents in our culture. The large number of students per class, the number of Physical Education classes during the week and their automatic approval in the school turn the high level teacher performance more difficult. All these aspects hinder the students' development, but we saw that a lot of strategies and conceptions were built, allowing the teachers to try and to obtain an effective pedagogic practice that contemplates the beginning of the autonomy in the Education.

Key Words: Physical Education, School and Autonomy.

ANEXO I

Questões Iniciais

1- O que você entende por Autonomia dos alunos nas aulas de Educação Física?

2- Você trabalha a autonomia dos alunos em aulas de Educação Física? Forneça algum exemplo:

3- Você se sente à vontade e/ou seguro para trabalhar a autonomia dos alunos? Por quê?

4- Você teve alguma disciplina que abordou este tema? Em caso positivo, comente sobre a mesma:

5- Há alguma sugestão e/ou estratégia que gostaria de apontar para que fosse utilizada em nossos encontros? Quais?

6- Caso queira expor opiniões, dúvidas ou pontos que gostaria que fossem debatidos, por favor aponte-os abaixo:

ANEXO II

TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DAS REUNIÕES

PRIMEIRA REUNIÃO

Neste primeiro encontro vamos discutir mais o entendimento do que é autonomia, e de acordo com os principais pontos retirados das respostas de vocês, como independência, liberdade, soberania, vêm ao encontro com o que encontrei na literatura. Alguém queria começar falando alguma coisa a mais sobre conceito, algum outro aspecto?

Prof. 5 – A autonomia tem que ser dirigida pelo professor, não pode deixar o aluno à vontade e fazer o quer, aí confunde.

Prof. 4 - Isso, autonomia é uma coisa, fazer o quer é outra. Não se pode confundir como muito acontece por aí, principalmente da 5ª série para cima. O professor tem que ter um planejamento. Eu vou trabalhar o handebol, e os alunos escolhem o time, aí sim é uma autonomia para a escolha de times. Agora o aluno escolher o que quiser, aí já é outra coisa. Os alunos devem ter uma autonomia dentro de uma diretriz, de um trabalho e planejamento do professor.

O aluno tem que estar apto a esta escolha....

Prof. 2 - Mesmo porque se a criança tivesse autonomia total não precisava do professor. Autonomia é, dependendo da habilidade que você quer trabalhar, dependendo do objetivo, você faz com que os alunos desenvolvam atividades que atinjam aquele objetivo, então isso é um tipo de autonomia.

Isso é importante que você falou, os tipos de autonomia. O que é ser autônomo? O aluno pode ser dependente em algumas coisas, outras não.

Prof. 1 – Autonomia pra mim é o professor realmente saber mediar as questões de conflitos entre os alunos, as questões de regras, de capacidade mesmo que o aluno terá em desenvolver uma atividade ou habilidade que está sendo proposta ali, então o professor realmente é o mediador do conhecimento, deixando o aluno fluir da maneira que ele acha que convém, com determinadas regras, porque autonomia tem que ter regras também.

Prof. 5 – O professor que tem que dar uma hora autonomia para o aluno fazer as coisas, mas ele dirige. Dividir o time, por exemplo, às vezes tem um bate boca, se não sair briga tudo bem, pode deixar eles resolverem para crescer também, como ser humano, aí tudo bem. Se for pra um lado muito ruim, aí o professor tem que interferir.

É legal pegarmos esta deixa em relação às críticas também, quanto aos sistemas, professorado... Prof. 3, você quer complementar?

Prof. 3 - Para mim, eu entendo que o aluno autônomo é aquele capaz de resolver problemas sozinho, e se organizar sozinho sem, no caso da escola, sem a dependência do professor. Às vezes o professor pode propor uma atividade num determinado grupo e não estar dando certo. Se os alunos não tiverem um pouco a

autonomia desenvolvida, eles vão parar a atividade e esperar o professor ir para resolver o problema. Então, os alunos autônomos conseguem achar uma resolução para resolver aquele problema e continuar a atividade sem a interferência do professor. Quando o aluno não tem essa autonomia desenvolvida, o professor atua como um mediador estimulando o desenvolvimento da autonomia, estimulando que o aluno encontre soluções, organizarem-se em quadra, em grupo.

Prof. 1 – Então você acha que o primeiro passo para a autonomia seria a criticidade? O professor desenvolver no aluno a capacidade da criticidade? Porque você disse em aprender ter autonomia, então para ele aprender ter essa autonomia você não acha que o primeiro passo é trabalhar a parte crítica do aluno?

Prof. 3 - Eu acredito que é estimular, fazendo perguntas, é uma forma. Por exemplo, tem uma situação, os alunos chamam o professor para resolver determinado problema, o professor não deve dar a solução pronta para o aluno, deve instigá-los a propor uma solução. Você então está estimulando eles a serem críticos, a proporem soluções.

Então na fase escolar eles têm essa dificuldade, essa dependência, e quem acaba propondo a resolução de problemas? Então a gente tem esse papel...

Prof. 2 - O trabalho é voltado para a Educação Física escolar, certo? Porque vamos dar um exemplo bobo, na faculdade o professor muitas vezes dava um tema e a gente tinha que ser autônomo, se virar e buscar. E voltando para nós, as crianças não conseguem ter esse tipo de autonomia, você fala: vamos desenvolver passe e recepção, na próxima aula vocês vão escolher uma atividade de passe e recepção, inclusive eu já tentei fazer isso uma vez e as crianças não têm essa autonomia.

Prof. 5 - Depende da faixa etária também. Se eles já vivenciaram também.

Prof. 4 - Isso que o professor falou legal, funciona uma vez, duas vezes, mas se o professor fizer isso o ano inteiro, eu acho que não está trabalhando a autonomia. Isso aí é uma maneira de usar a palavra autonomia para uma coisa que não é para ser usada, isso não é autonomia. O professor que usa sempre a mesma estratégia de repente...

Prof. 5 - É o professor que não domina o conteúdo.

Prof. 4 - Na Educação Física escolar o que ele está fazendo? É o popular jogando a bola. Joga a bola, duas cordas, e quem quiser faz o quer...

Prof. 2 - Isso não é autonomia.

Prof. 4 - Fazer isso uma vez, ok, mas o ano todo...

Cabe a gente refletir, com todas as críticas surgidas, que precisa de estudo, não concordam?

Prof. 1 - É o preparo, né? Preparo de toda uma rede, se a gente prioriza uma determinada teoria, hoje se fala muito em autonomia, mas ninguém sabe realmente como lidar com isso. O aluno dentro de uma instituição escolar tem que

estar apto a aprender lhe dar com capacidades para ele ser autônomo, e se ele não conseguir, o professor que está ali, o diretor, coordenador não estiverem ali pra trabalhar com ele, ele nunca vai aprender a ser autônomo, por mais como o Prof. 2 falou que dá atividade e não consegue, não vai conseguir mesmo, tem que começar do básico, dá para desenvolver.

Prof. 2 - Só lembrando, teve um dia que fui dar aula livre e tem criança que senta.

Uma pausa para entendimento do que é uma aula livre.

Prof. 2 - Depende. Você dispõe de todo um material e pergunta o que querem hoje. Isso para mim é uma aula livre.

E essa estratégia desenvolve?

Prof. 2 - Você depois de 3 meses de aula, você dá uma aula livre para eles escolherem acho legal. Mas ainda nessa aula livre você percebe que tem criança que senta e não quer fazer nada. Elas ainda não têm autonomia.

Prof. 1 - Elas ainda não têm capacidade de organização.

Prof. 2 - Você pergunta, por que você não está jogando vôlei? Ah, porque ele não deixa. Por que você não está pulando corda? Ah, eu não sei... Mas também não tem autonomia para tentar aprender.

Prof. 1 - E aí cabe a quem? Para ajudá-la a trabalhar em equipe? As atividades que citou, isso é organização, isso é trabalho em equipe, isso é postura. Então eu vejo assim, se eu encaminhar a criança para esses espaços da aula, eu estou ajudando-a a ser autônoma, um pouco ela vai estar aprendendo, que no individual ela não vai conseguir. Então aula livre se o professor mediar e não deixar ela correr solta, dá para trabalhar essa autonomia da criança.

Então na verdade não é tão livre assim? Pelo contrário, como disseram, seria uma estratégia?

Prof. 2 - É uma oportunidade que você dá para eles escolherem, mas depois que você já trabalhou as atividades anteriormente. Daí eles escolhem o que gostaram mais para fazerem naquele momento. E também você está desenvolvendo a parte física, a parte social. Então o professor está junto, está olhando. Já aconteceu uma vez que os alunos perguntaram: professor como é o 21 no basquete? Aí você vai lá e explica, ou seja, há uma mediação.

Prof. 5 - O que faço, por exemplo, é combinar uma aula antes o que eles querem, daí eu deixo material já pronto, não chego e trago vários materiais e eles pegam o que querem, porque senão vira bagunça. Acho melhor todos fazendo algumas atividades juntos.

Prof. 3 - Já a minha linha de raciocínio é parecida com a do Prof. 5. Quando eu proponho uma aula livre, eu não deixo cada um fazer o que quer. Eles têm que entrar num consenso do que irão fazer nesta aula, senão teria que ter um espaço enorme se cada um quisesse jogar o que gosta.

Prof. 4 Ia dispersar muito, né?

Então na sua estratégia envolve uma decisão coletiva?

Prof. 3 - Eles vão escolher nesta aula, porque o restante das aulas é o professor que escolhe.

Prof. 4 - É uma aula com conteúdos combinados.

Prof. 1 - E o conteúdo já foi explorado para que esta aula livre ocorra. Se o conteúdo não foi explorado, não vai sair esta aula, por mais que ela seja dirigida, não vai sair.

Isso também não seria um pouco de planejamento participativo? Porque como vocês disseram, eles que escolhem, certo? Porque como estou vendo na discussão são coisas que dão para aplicar.

Prof. 3 - A primeira vez que fiz levei vários materiais, e cada um queria ficar com um. E em minutos eles percebiam a necessidade de se organizarem para montar uma atividade, porque, por exemplo, um sozinho com uma peteca na mão ele vai ficar batendo e precisa de pelo menos dois. Então, eles começam a perceber isso, que precisam fazer uma mudança e daí eu vejo a autonomia e o professor pode propor isso.

Aula livre, ok. E como fica a questão da autonomia nas outras aulas?

Prof. 2 - Eu fiz uma vez, pedi que na próxima aula eles trouxessem atividades sem ser o futebol. Foram cinco, seis que prepuseram e os outros fizeram também. Mas eles que deram a opinião do que fazer naquela aula. Eu penso assim, se a gente trabalhar um semestre inteiro com habilidades, dá para pedir isso como dever de casa. Seria legal, por exemplo, pedir na aula que vem: vocês vão me trazer uma atividade. E eles vão trazer, criar.

Prof. 1 - Só na nossa aula fica difícil, eu particularmente não trabalho a autonomia em todas as aulas, estaria sendo hipócrita se falasse que sim. Dentro de um sistema de 2 aulas por semana eu não consigo. Mas vou dar um exemplo, eu como professor tenho autonomia para trabalhar, eu ia para a classe, fazia chamada, sabia o nome dos alunos, eu conhecia cada problema do aluno, explicava na lousa como seria a situação em quadra e eles já ficavam em sala refletindo, eu passava trabalhos escritos, eles escrevem, dialogam, refletem, que regra que entra.

Então tem que haver todo um trabalho em conjunto...

Prof. 2 - Realmente, muitas vezes a gente não tem tempo.

Prof. 3 - Na aula de Educação Física uma estratégia que eu utilizo é aquela roda de conversa no final da aula. Ali é uma oportunidade de você estar fazendo perguntas para o aluno, desenvolvendo a criticidade deles. Pergunto: funcionou? Não funcionou? O que não funcionou? Poderia ter sido melhor? Como? Tentando tirar respostas dos alunos, que é uma forma de desenvolver a autonomia.

Entra na reflexão, ensino reflexivo...

Prof. 4 - Acho a roda legal para a aula que passou. Um outro exemplo, como jogar uma estafeta: cada time escolhe sua estratégia, escolhe qual jeito vai ser mais rápido para eles, é um exemplo simples? É, mas de certa forma trabalhou a autonomia deles, fora os outros objetivos que você está trabalhando. Trazendo para o esporte, o handebol, vamos escolher time? Ok. Vamos escolher uma estratégia de jogo? Cada time arma um sistema. Isso é uma autonomia trazida para a prática, porque às vezes não se pode ficar só na conversa, eu não costumo fazer muito estas conversas de final de aula, às vezes sim, porque daí acaba em um falatório e autonomia mesmo...

No que o Prof. 3 falou foi mais no sentido da reflexão e o seu mais no sentido da atividade.

Prof. 5 - Às vezes você pergunta no final por que não deu certo e eles acabam colocando a culpa nos outros, criticam os colegas. Aí você propõe para eles como solucionar o problema e eles não têm uma resposta, não sabem.

E como fazer com que encontrem?

Prof. 5 - Talvez a idade em que se encontram interfere, ou, às vezes não está bem trabalhado. Na experiência que tive com mais velhos é mais fácil.

Prof. 2 - Já dei aulas desde o jardim até a oitava série e vi muita diferença. Na 3 e 4ª série eu fiz uma queimada com mais bolas. Com uma bola conseguiam jogar, detectavam os problemas, ok. Com mais, já dependiam de mim, falavam: professor ele foi queimado e não quer ir etc. Daí eu converso e falo para se virarem com as regras. Eles têm que parar o jogo quando um for queimado. No futebol fiz com 5 bolas e foi legal porque todo mundo brincava, só que assim, eu falava: pessoal, por mais que vocês venham me falar, eu não consigo ver as 5 bolas ao mesmo tempo. E eu gostei porque todos fizeram, não teve aquela de só um jogar, porque com 5 bolas todos pegavam a bola em determinado momento. Aí acabou isso de: professor, não peguei na bola ainda. Só que assim, a parte de autonomia não funcionou muito porque vinham direto: professor a bola saiu, professor foi falta. Por mais que eu falasse que eles precisavam resolver, eles vinham falar. E eles tinham que se virar para saber qual que é. Eu fiz também uma super legal com cordas amarradas que não podiam ultrapassar e com 8 bolas, então, eles tinham que se virar, só que também é difícil com os menores, às vezes param o jogo e ficam brigando.

E não só de idade, vocês também devem perceber esta diferença de uma sala para outra, certo?

Prof. 3 - A gente percebe que é um reflexo que vem geralmente das outras aulas, porque se tem classe que os alunos têm uma capacidade maior de tomar decisões e outras têm uma capacidade menor, provavelmente são estratégias diferentes.

Isso se encontra também na revisão, que com a mesma idade ainda se encontram mais ou menos autônomos, pois depende de estímulos.

Prof. 1 - Depende da questão da maturidade, né? Porque a partir da 5ª série, aquele que tem o pai que trabalha e não fica controlando o filho na hora de acordar, na saída do banho, de chegar na escola no horário, ele (aluno) vai ter que estar trabalhando com isso, lidar com essa situação. E é por isso que numa situação

de jogo ou brincadeira que depende desses fatores que estou citando, facilita, porque ele já tem dentro da estrutura familiar e social um suporte melhor. E os menores, tem que avisar.

Prof. 2 - E tem outra coisa que fala de autonomia que é o seguinte, a criança que tem a brincadeira de rua, ela tem mais autonomia dentro da sala. A gente tinha, pelo menos eu que sou um pouco mais velho, eu só brincava na rua e lembro que a gente sabia brincar na escola, na hora do intervalo.

Prof. 4 - É um reflexo da sociedade.

Verdade, todo contexto ajuda. Na rua elas tinham que se virar, não tinha um adulto falando isso ou aquilo. E essas crianças que passam por esse contexto nos auxiliam e temos que tentar passar isso para as outras.

Prof. 4 - Tudo é cultural. Por exemplo, se pedisse para a gente digitar numa máquina de escrever, a gente ia lá. Hoje em dia, uma criança de sete anos já domina o computador. E muitas crianças não têm, moram em condomínios fechados.

Prof. 1 - E trazendo para a nossa aula, essa habilidade manual pode até ter, mas habilidade corporal não tem e por quê? Por causa da vivência que não foi construída.

Prof. 4 - Antigamente nós ensinávamos para o professor, rs.

Prof. 2 - É verdade, né?

Prof. 3 - Hoje em dia as experiências que elas trazem de casa... tem criança que não sabe nem amarrar sapato.

Então tem essa autonomia bem em relação às práticas cotidianas.

Prof. 3 - E a gente sente que as crianças que já trazem isso têm mais facilidade para se organizar.

Fora essas autonomias do cotidiano, como seria aquela que vai se adquirindo ao longo dos anos escolares, mais a longo prazo, em que passou todo o período escolar?

Prof. 2 – Sim, tem esta. Na 6ª, na 8ª, eu armo uma rede de vôlei e eles já sabem, agora na 4ª...

Prof. 3 - Hoje eu vi uma cena, a mãe guardando o caderno na mochila, fechando o zíper e colocando a mochila nas costas do menino.

Prof. 4 - Quantos anos?

Prof. 3 - O menino era 4ª série! Ela chegou na escola carregando a mochila dele. O único trabalho que a criança teve foi o de abrir os braços. E aí quando você percebe essa criança na sua aula, vê que ela não tem autonomia, os pais acabam não permitindo. O excesso de cuidado talvez pode ser uma das causas. Às vezes tem muita coisa que a gente faz na nossa aula que desenvolve a autonomia, aquela falta de conhecimento dos professores que, muitas vezes você trabalha inconscientemente.

Sim, isso envolve o ter consciência do que está trabalhando.

Prof. 4 - Você tem que pensar os objetivos, a autonomia, a série, quais os alunos.

É um princípio que está em todas as aulas? É algo que a gente pode discutir...

Prof. 4 - De repente são em ocasiões não propositais, por exemplo, surge uma situação em que você teve a oportunidade, outra coisa você não trabalhou porque não surgiu aquela situação.

Prof. 1 - Saber diferenciar que é o problema. O sistema educacional hoje pede que a gente trabalhe a autonomia, qualquer sistema educacional, né? Independente da teoria, do embasamento em que você vai trabalhar. Mas o problema realmente é o educador estar ciente do que é essa autonomia, como desenvolvê-la. Pois na minha fala mesmo, eu não acho que trabalho a autonomia como se deveria trabalhar, então é uma falha? É uma falha, mas como a gente poderia chegar nisso? São dúvidas que o sistema não traz para gente.

Prof. 2 - É... eu não falei que trabalho com várias bolas para trabalhar a autonomia? Teve uma aula que eu trabalhei com 10 bolas e não desenvolvi autonomia nenhuma. Era basquete, se eles acertassem na tabela era um ponto, no aro dois e se caísse dentro da cesta valia cinco. E teve um que me ajudou, era só ficar olhando contando os pontos. Nem olhava os alunos, só os pontos, eles se divertiram... e cadê a autonomia deles?

Prof. 1 - Talvez poderia até ter tido esta autonomia. A criança sabe que se quisesse fazer uma de 5 pontos poderia, então você trabalhou.

Prof. 2 - É, a queimada com 3 bolas, eles tinham que ter muito mais autonomia porque tinham que saber quem queimou, parar. E essa do basquete foi menos.

Essas atividades dão bastante opção de escolha.

Prof. 1 - Arremessar de longe, de perto, eles tinham opção. E cai no que o Prof. 3 falou, num final de aula, num momento de reflexão: olha fulano, por que você arremessou 10 vezes na cesta de 1? E o aluno pode até estar falando: porque eu tenho mais habilidade para esta altura. Ou: porque eu sabia que não conseguiria a de 5, tentei na de 1. Então envolve uma reflexão.

E na hora do diálogo a gente reforça a consciência do porquê.

Prof. 2 - Sim, você saber o porquê está fazendo.

Prof. 3 - A autonomia, acredito eu, está intimamente relacionada com a consciência. O aluno teve a capacidade de tomar decisões e saber o porquê está tomando aquela decisão. Ele tomar decisão e não saber o porquê daquela decisão, já fica fora do contexto.

Prof. 5 - E a autonomia também tem a ver com a percepção de regras. Se o professor colocar muita regra, daí vai diminuindo a autonomia, se você deixar

mais livre, com menos regras, vai sendo mais autônomo. Isso não sei se tem a ver com os autores, eu tirei como conclusão das minhas aulas, da reflexão.

E a gente continua depois mais em relação ao como fazer isso, certo?

SEGUNDA REUNIÃO

Quer dar continuidade? Então, em relação ao encontro de hoje eu tirei de alguns pontos do que foi falado. Se falou de crítica, de reflexão e o Prof. 1 até trouxe o livro do Paulo Freire, bem legal. E a gente falou de crítica. E crítica em relação ao quê? É algo que a gente pode discutir, porque a gente fala muito de criticidade e como na Educação Física? É algo que vai mais ao longo da escola? Como fazer estratégias para atingir isto? Prof. 1, quer começar falando do livro?

Prof. 3 - Eu vejo assim, quando você começa a estimular a criança para uma autonomia, aquilo não é só dentro de um jogo. Esse estímulo que você está dando, aquilo eu acho que ela não usa só dentro do jogo, quando ela tiver outros problemas ela vai conseguir, como ela já viu que conseguiu resolver problemas anteriores, então ela vai se sentir capaz de resolver novos problemas, ser capaz de agir sozinha em uma situação que precise. Pelo menos na escola eu não procuro assim, resolver o problema só no basquete, é o estímulo que você dá e esse estímulo vai ser para outras situações.

Prof. 5 - Você vai estimulá-la a pensar, você dá uma certa autonomia para ele pensar, o professor põe um problema e o aluno tem que refletir para resolver aquele problema e esse hábito de fazer isso não reflete apenas na nossa aula, mas sim também fora da escola.

Se torna um hábito que passa para outros contextos...

Prof. 5 - Isso, exatamente.

Prof. 1 - Por isso que eu trouxe aqui a opinião do Paulo Freire. No primeiro encontro eu falei em Piaget. E eu sou muito ligado aos livros do Freire, do que ele fala. Ele trabalha bem o resgate do aluno, então assim, eu trouxe o livro e a apostila de um curso, que eu acho muito interessante. Na apostila o tema é: Repensando a Educação pelo resgate do educador como sujeito de transformação. Então quer dizer, a Educação só vai se transformar quando o educador se transformar. Aí ele fala aqui: trabalhar a autonomia do aluno é você ter um respeito ético à autonomia dele, lembrando que ele é um sujeito sócio-histórico. E ele está sempre na busca do conhecimento e tem o entendimento que a ação pedagógica é uma mudança constante. Então, isso indica para a gente que tudo isso é construído e não reproduzido, o conhecimento se constrói e não se reproduz. E tanto nas aulas de Educação Física ou qualquer tipo de aula entra o conhecimento que se aplica em determinados lugares. Então, aqui voltando para a escola, para as nossas aulas, voltando para o livro especificamente... eu trouxe esse livro Pedagogia da Autonomia, que ele indica os saberes necessários para que essa autonomia ocorra e eu acho interessante porque no livro todo ele fala de ensinar. Então a autonomia está ligada ao ensinar. No 1º capítulo ele diz: não há docência sem discência. Ele fala que ensinar exige regularidade metódica, exige pesquisa, exige respeito aos saberes do educando, olha aí mais uma vez, ensinar exige criticidade, que foi o que a gente falou no 1º encontro, que não só o professor tem que ser crítico, mas deixar que os alunos também sejam, para que eles possam construir a sua autonomia. Ensinar exige

estética e ética, exige consciência do inacabamento, olha que forte isso e tem mais um monte de ensinar. E eu me prendo muito nesse livro, não é só a gente dar aula, tem que haver um compromisso maior e esses ensinamentos, se a gente conseguir a maioria deles, daí sim a gente vai estar trabalhando a autonomia dos alunos e vamos estar dando embasamento para que ele construa isso no seu dia-a-dia, na família.

Prof. 4 - Eu acho complicado o seguinte. Eu acredito que deve haver um consenso dos professores para que isso ocorra. Vamos por lá um jogo com regras, muitas vezes os alunos questionam: por que tem que ser assim um jogo de futsal? Ou de basquete... e muitas vezes a gente se pega assim: porque é a regra e você (aluno) não tem que questionar. Então o professor deve saber até onde pode ir, até onde trabalha a criticidade? Porque eu acho que trabalhar a criticidade é para construir e, às vezes o professor deve ter o bom senso de perceber quando o aluno quer ser crítico para destruir, porque o aluno que já começa a ter certos tipos de comportamentos na aula, de ser crítico em demasia... então de repente você deve trabalhar outros componentes. Numa aula eu acho também que o professor também tem que ter essa sensibilidade para perceber quando você deve trabalhar com o aluno a criticidade junto com a autonomia.

Prof. 1 - Mas aí que entra a questão da reconstrução das habilidades, porque o professor que trabalha numa postura totalmente tradicional, que eu me vejo assim, em todo momento eu que quero passar aquilo que eles devem aprender, então, muitas vezes eu não abro espaço para o aluno recriar. Então, você falou da regra, mas dá sim, a regra está ali.

Prof. 4 - Eu acho que aí que entra o bom senso do professor: professor, vamos tirar esta regra? Vamos colocar outras porque agora cabe mais estas? Aí sim entra o bom senso: isso cabe, isso não. Não é porque a gente vai trabalhar a criticidade que a gente tem que dizer amém.

Prof. 1 - Que é um dos saberes do livro, o quê? Não é só transmitir conhecimento, mas você estar embasado e a todo momento modificar.

E de tudo isso que você falou, essa autonomia, ele tem uma finalidade. A questão é: para quê? É o aluno ter essa independência para quê? O Freire é considerado educador marxista, progressista, já o Piaget fala mais das questões de regras... então o aluno sai da escola com qual finalidade? E aí entra o nosso objetivo maior, que varia para cada um... como quando você fala de tradicional.. como vocês vêem essa parte?

Prof. 3 - Na verdade, quando você pára para analisar as pessoas que têm o perfil de líder, você percebe que essas pessoas são bastante autônomas. Tem capacidade para pensar rápido, resolver problemas, mediar. E é esse objetivo que eu vejo da educação para a autonomia na escola, você fazer com que as pessoas se desenvolvam, porque o mercado de trabalho cobra isso hoje, no trabalho, você precisa ser autônomo, ter este perfil de líder.

Então isso que você diz seria bem para encaixar no mercado?

Prof. 3 - Isso.

E para mudar? Precisaria desta passagem e mais do quê? O que na nossa disciplina a gente vai colaborar? Porque isso envolve também uma visão de mundo...

Prof. 4 - Acho que isso que ele estava falando é importante. Na escola também temos que educar para a vida e às vezes, isso não é muito colocado. Então como o Prof. 1 falou, ele se diz tradicional, mas se embasa em livros que não são tradicionais, então até que ponto ele é? Às vezes ele pode pensar que é e não ser. Então é legal isso, você, como professor, educando para vida está mostrando para aquele aluno que na escola não pode tudo, é sua missão como professor. Se ele está na escola, veja, podemos ser tachados de tradicionais, será que é um erro? É bom ser crítico, mas acho que a escola deve educar mais para a vida e dentro da Educação Física também.

Prof. 3 - E voltando um pouco, estava conversando com minha irmã que também é professora, que conteúdos estes que a gente trabalha que não estão nos livros e ela até falo: eu vi alunos escovando os dentes só na parte da frente. E é uma coisa que o professor deve ensinar.

Essa é uma dependência bem da criança, mas em relação ao Freire, que também escreveu pedagogia da libertação, do oprimido... libertar do quê? Que opressão?

Prof. 5 - Para se libertar no sentido do sistema que foi implantado, no sentido da visão política, no sentido de saber que o governo não deixa o povo a pensar, a criticar. De uma certa maneira os políticos tentam banir um pouco a sociedade, para eles não se revoltarem contra o governo.

E como fazer isso na Educação Física?

Prof. 5 - Através de você fazer o aluno a refletir, a ser crítico. Trazer um assunto da nossa área, por exemplo, da década de 70, que a Educação Física era muito utilizada nas escolas para formar o atleta.

Prof. 4 - Também usar a Educação Física, por exemplo: por que você tem que seguir aquele modelo que a mídia impõe? Eu acho isso importante também trazer para a aula de Educação Física, para mostrar para eles que você não tem que ser magro, não tem que pesar tantos quilos. Então, eu acredito nesse ponto específico da Educação Física, que também é uma educação para a vida... Questionar valores impostos pela mídia, padrões de beleza que alguém impõe.

E quando impõe oprime, né?

Prof. 4 - É, é uma opressão isso. Com certeza, porque tem meninas que não comem, bulimia, anorexia, tudo isso que está ocorrendo por aí. De repente dentro da Educação Física a gente pode puxar bastante para esse lado no sentido de educar para a vida.

E para isso não ficar só no discurso, dá pra fazer? Tem coisa que dá? Como fazer?

Prof. 1 - Dá pra fazer.

Prof. 5 - Através de uma manchete. Gravar um jornal passando essa reportagem. Os alunos assistem, fazem questões, o professor pergunta o que acham dos padrões de beleza que a mídia impõe, de ser magra e outra reportagem também que falou dos problemas de ser magra, se confrontam, se vale a pena esta estética, riscos de saúde. E o que é saúde? Dá para abrir vários leques de conceitos disso aí, se é qualidade de vida ser magra?

Prof. 1 - Porque senão a gente cai naquele que conceito que Paulo Freire fala, que é a educação bancária, né? Aquela que você só deposita o conhecimento e nada retira do aluno. Por isso que você deve levar o aluno a refletir, a ser crítico, a buscar essa autonomia, como vimos aqui que exige alguns ensinamentos básicos. No Estado, eu trabalho nas minhas aulas de 5ª a 8ª desde o primeiro semestre, vou trazer para vocês verem, se chama hemeroteca. É um arquivo de jornal. Então, o que faço todo bimestre? Uso a matéria que estão vendo, explico na lousa, explico regras e nesse trabalho de hemeroteca eles vão buscar reportagens em jornais, revistas, internet, aquele assunto que estou pedindo no bimestre. Então, por exemplo, bimestre passado foi handebol. E eu achei interessante, por quê? Eu faço individual este trabalho, eles levam o jornal para a classe e lá em sala na carteira individualmente eles fazem porque eu quero estar vendo a autonomia deles, eles pegam e fazem, colam numa sulfite, fazem o resumo da matéria, porque eu acho que o aluno tem que aprender a fazer um resumo e daí eles vão tirar a opinião. E eu vi no 1º bimestre que eles de 5ª a 8ª não sabiam fazer opinião, não sabiam o que era opinião, tanto é que eles recopiavam o resumo para mim. Então eles não tinham opinião própria da matéria. Aí agora no 3º e 4º bimestre houve uma evolução incrível, por quê? Porque eles começaram realmente a dar opinião. Teve uma matéria da Rita Orsi (técnica de handebol feminino) que elas perderam em tal lugar e ela ficou brava porque a estratégia não era aquela. E teve uma aluna, as matérias que eu acho mais interessante a gente discute na outra aula e ela colocou que realmente ela tinha que ficar brava porque o esporte handebol tem que ser rápido e pelo que parecia as meninas estavam lentas. E começou aquela discussão, e aí na classe eu trouxe a reflexão: será que o handebol realmente é rápido? E como eles estavam aprendendo os fundamentos, o jogo e não têm aquela habilidade de um jogador, eles começaram a perguntar: professora, mas é realmente rápido assim? E começaram: é rápido professora! Então este tipo de aula abre uma discussão que às vezes não está na pauta e é importante porque você ensina também o aluno a ser crítico. E você vê, não é de um dia para o outro, foi o ano inteiro para que eles pudessem dar uma opinião de uma matéria de jornal. Então o que pretendo com isso? Pretendo assim, que quando futuramente eu encontre estes alunos, que é uma população de um nível um pouco baixo, ou totalmente baixo, que moram em casas... vamos falar, de favela e encontrá-los na faculdade com essa criticidade que eu estou ajudando a criar, por quê? Porque nada é impossível e eles estão conseguindo aos poucos. Então, eu estou formando esses alunos para quê? Eu estou formando eles realmente para serem cidadãos críticos e autônomos, que é o mais importante, porque se hoje sai um assunto de política, como o Prof. 5 está falando, e eles não sabem refletir, analisar essa informação, o que eles vão conseguir ser? Nada. Se eles vêem uma matéria qualquer no jornal, não precisa ser de esporte, e não conseguem ter a opinião própria, como eles não conseguiam no 1º bimestre, o que eles estão sendo? Eles não estão sendo críticos, não estão sendo autônomos, não estão vivendo para a cidadania. E o papel do professor é o de trabalhar a cidadania do aluno.

Prof. 5 - Para mudar a sociedade primeiramente tem que saber analisar sobre determinado fato e ter uma opinião formada, senão não muda a sociedade, aceita do jeito que é.

E as dificuldades de se fazer isso?

Prof. 3 - Há a dificuldade de alcançar todos os alunos. Porque você consegue uma parte dos alunos, mas aquele que não gosta da sua disciplina, que tem aquele comportamento de baderna, você não consegue alcançá-lo. Tem que fazer um trabalho diferenciado para este aluno e a gente acaba pecando porque acaba não dando a aula pro geralzão, aqueles que precisam um pouco mais acabam sendo excluídos.

Prof. 4 - Às vezes, o professor tem que ser criativo e também dançar conforme a música. Não sei: olha pessoal, nós vamos fazer um debate e todos irão participar e, por exemplo, para participar do torneio de futsal, a gente vai ter que fazer um debate que será um requisito para a inscrição. Às vezes a gente tem que trabalhar um pouco de troca: olha, na 2ª aula a gente vai descer e jogar um futebol de areia, porque na escola tem uma quadra de areia, mas na 1ª aula todo mundo vai ter que fazer as atividades propostas. E isso principalmente com aluno de ensino médio. Então de repente pode ser um método, não é o ideal, eu não acredito que seja o ideal, você para participar do torneio de futsal vai ter que participar do debate... não sei, pode ser uma opção.

Prof. 3 - Mas de repente é uma estratégia que você consegue atingir.

Prof. 1 - E em educação não tem certo e errado, que nem ele está citando, tem que ter a troca. E como o Prof. 3 colocou, às vezes não atinge todos, mas a gente não vai atingir todos realmente. Só que trabalhar a autonomia do aluno exige também que ele entre na regra. Porque trabalhar autonomia não é não trabalhar com regras, você tem que trabalhar com regras. Autonomia a gente tem que lembrar que exige regras.

É o obedecer não por medo, né?

Prof. 1 - Eu tenho umas alunas de 5ª a 8ª no 1º bimestre que se recusavam a fazer a aula e a partir do momento que a nota ia abaixando a cada aula e chegou a zerar, como aconteceu, elas começaram a entender que as regras ali, era o professor que determinava as regras, mas elas tinham que dançar conforme as regras. Eu dava hemeroteca e se recusavam a fazer, se eu dava trabalho, se pedia não faziam, não entregavam, se ia para uma prática não faziam, então? Mas e aí? A escola exige regras e para a gente trabalhar a autonomia do aluno eles vão ter que entender e refletir.

Prof. 4 - Se eu quero participar de um torneio, jogar na 2ª aula... porque nem sempre faz o que você quer, você faz um pouco do que você quer, um pouco do que não quer no seu trabalho, na sua família, em todo lugar. Então, se a escola partir deste princípio, pode ser uma pressão do professor, mas é uma escolha, ele tem a escolha: você não vai fazer? Então tudo bem. E às vezes acaba fazendo por estímulo.

Em relação ao torneio, na minha escola. No 1º semestre sobrou tudo para mim. E na escola tem o grêmio e a outra professora falou: vocês querem? Vocês vão organizar. Era o pessoal do ensino médio e também vão fazer para o período da tarde. E eles apitaram.

Prof. 4 - E o aluno está tendo um outro papel, não só de apitar, de organizar, de se sentirem como é apitar e os outros reclamarem. Então eles vêm

esse outro lado. Eu tenho uma experiência este ano que a diretora e a coordenadora resolveram fazer um inter-classe. E que elas fizeram? Escolheram os excluídos de cada sala, 2 de cada, mas os piores, os piores, mas foi muito interessante vê-los desempenhando outros papéis. Eles se transformaram, a gente não enxergava mais aquele aluno. A responsabilidade com a tabela, com o quadro de pontos, com quem vai apitar o jogo. Alguns professores, aqueles mais profissionais, gostaram, e alguns: vai valorizar agora os piores alunos?! Eu acho que os melhores deveriam, porque isso está valorizando a marginalidade na escola. Por outro lado, você vê que a escola tentou incluir aqueles que foram excluídos pelos professores. Não sei... e quem está errado?

E deu certo?

Prof. 4 - Deu, o inter-classes saiu, mas este ponto de quem tinha que organizar eram os melhores, não sei até que ponto está certo.

No outro ano vai mesclando. Eu gostaria de que participassem todos. Um professor disse que uma vez conseguiu, mas colocando uns 2 minutos cada um para jogar. E enfrentou muita resistência. Quando você dá escolha você vê que uns optam por só torcer e eu não obriguei todos a participarem.

Prof. 3 - Se você escolhe uma modalidade, por exemplo, o futebol, vai ter uma minoria que não gosta de futebol.

E foram eles que escolheram.

Prof. 5 - E se deixar escolher, vai ser sempre futsal. Aí é que tá.

A gente acatou a decisão da maioria. Talvez algum dia após um trabalho de anos, por exemplo, com o handebol você escute: ó professor, gostei bastante do handebol.

Prof. 4 - Gente e olha aqui, se o objetivo é trabalhar a autonomia, por que não pegar o esporte que eles mais gostam?

Prof. 5 - Tem que estabelecer com eles uma troca. Se eu der futsal, eles têm que fazer outra modalidade também. Porque senão eles não fazem. Eu acho que tem que ser uma troca senão não dá.

E eu falo para os alunos: eu também tenho minhas preferências, mas aprendi um pouquinho de tudo. Porque se ficar só no futebol é a mesma coisa, por exemplo, a professora de matemática só dar contas de adição o ano todo. E na minha escola até que eles aceitaram bem, ficou um bimestre só com o futebol.

Prof. 1 - Tudo está no combinado, no planejamento e na estratégia do professor, porque se na primeira semana de aula eu disser: olha, nós vamos fazer a troca para que ocorra o futebol, não dá certo. Porque você vai trabalhar o futebol o ano inteiro e tem que ter um estabelecimento de regras. O meu planejamento pede o quê? O meu plano está ali, então eles têm que se adequar também ao que o professor está pedindo para eles, a importância de ter aquela aula, aquela atividade. E eu não faço trato com meus alunos não. No 1º bimestre foi tal modalidade, não trocava com futebol, no 2º bimestre foi outra e dava tudo certo. Então, aluno de 8ª série que não sabia pegar uma bola de handebol e arremessar com as mãos, que não sabem, hoje

falam para mim, se tivesse que fazer um inter-classe, ia ser handebol. Então a vivência eles nunca tinham tido por causa do educador que estava ali. E você pergunta, será que meu aluno vai fazer aquilo? Pôxa! Tudo tem uma regra na vida. Se você for pegar um ônibus tem um horário, o vestibular, tudo tem regra.

E também não haveria problema se chegasse no final do ano, você não se sentiria frustrado se eles escolhessem futebol para um inter-classe. Porque vai além do nosso alcance, isso é uma questão cultural muito forte. Se for ver, nem o futsal é valorizado na mídia.

Prof. 1 - E se eu tivesse colocado o futebol no último bimestre, e a Copa que foi antes? Então, o planejamento tem que estar de acordo também. Na Copa foi ali, entrega de trabalho sobre a Copa, hemeroteca... por quê? Porque já está vivenciando aquilo, aquilo está sendo explorado demais pela mídia, então, você vai deixar perder a oportunidade? Não. Dá pra colocar na sua aula também. Então é estratégia e planejamento.

Eu também coloquei o futebol no 2º bimestre por causa da Copa. Você organiza de acordo com a realidade, com o contexto, do que está acontecendo. Handebol aqui você deu o exemplo da Rita Orsi, em São Paulo seria outra. Entra no respeito sócio-histórico do aluno.

Prof. 1 - E entra no que o Prof. 4 colocou sobre os piores. Você vê que eles não são os piores. Porque este aluno não é como os outros que ficam na classe acatando, ele quer desafiar, ele tem uma autonomia própria e às vezes ele não é bem compreendido por isto, ele é excluído.

Prof. 5 - Muitas vezes ele está reclamando do conteúdo que você dá, da metodologia que está utilizando, mas porque ele não gosta da atividade que está sendo dada, um exemplo, ou alguma coisa que ele tenha uma crítica. Aí, no caso talvez a escola não tenha oferecido para ele algo que interesse, ele está por obrigação, porque os pais colocaram lá.

Prof. 1 - E aí cabe o resgate deste aluno, né?

Prof. 5 - Tem que tentar explorar o aluno pra ver o que ele tem de bom, para elogiar.

Prof. 1 - Pode ser que tenha um aluno resistente à prática do voleibol. Se, no entanto, você não engajá-lo na aula e ele continuar resistente, você pode puxar ele para um outro lado, ser seu ajudante, a distribuir bola, ele faz isso com todo o prazer. Por quê? Porque ele quer desafiar e se o professor não der moral para ele, vai continuar resistindo mesmo e não vai ter oportunidade na vida.

Já passamos também pelas dificuldades. E como solucionar e superar?

Prof. 1 - Acho que o Prof. 3 pode colocar mais. Ele pegou uma escola que para mim em 2002 era um terror. E agora ele está conseguindo ter um trabalho como ele falou, de ginástica olímpica como falou ontem para mim, acho legal você colocar isto. Porque lá eles quebravam a escola e tal e a coordenadora vinha falar para mim: olha, estamos trabalhando a autonomia dos alunos. Então o que é esta autonomia? E ela não sabia responder. Então agora acho que cabe um pouco o Prof.

3 contar como está o sistema lá, que ele está conseguindo façanhas que eu em 2002 nunca consegui na vida.

Prof. 3 - Na verdade os alunos, quando eu cheguei lá, eu já fui com 7 escudos na mão pela fama que a escola tinha, pelo público, clientes, os alunos que são carentes, que têm problemas de família. E quando eu cheguei me desafiaram, mostraram que quem mandava eram eles, que eles queriam só jogar futebol. Aí eu disse, primeiro, para eu tentar implantar alguma coisa aqui vou ter que ganhar a confiança deles. Se eu chegasse: não vai jogar futebol! Vai ser este conteúdo aqui! Eu ia conseguir nada. Quer jogar futebol? Tudo bem, vai jogar futebol.

Prof. 1 - Ó a estratégia...

Prof. 3 - E como tinha alguns que não gostavam (de futebol) e fora tinham uns colchões, eu comecei, eu falei, deixa eles jogarem futebol. E utilizei uma parte da quadra pra estar fazendo rolamento para frente, para trás, estrelinha e tinha uns alunos que tinham menos medo, eu comecei com mortal, eu tava ali auxiliando. E no caso do futebol, eu comecei a entrar devagar, comecei não como árbitro, mas, por exemplo: olha pessoal, vocês jogam futebol, mas a bola toca a linha vocês falam que é fora. Será que é fora? Aí você pára a bola, coloca a bola em cima da linha. Na verdade são informações que você está dando para eles, aí eles já param de brigar. Ahh! Foi fora! Foi fora! Agora só quando a bola sai escancaradamente que foi fora. Então, você vai trabalhando os limites, eles vão te ouvindo mais, conquistei a confiança deles, por quê? Entrei na onda deles, agora autonomia eles vão adquirindo conforme o conhecimento que vão adquirindo. Eles jogavam futebol de forma errada, agora já estão jogando de forma correta. Tem que ter um mediador ali para eles entrarem num consenso.

Prof. 1 - Isso eu achei muito legal, eu até queria comentar a fala dele a questão do limite, porque autonomia para o aluno não é libertá-lo de uma vez e não trabalhar o limite, porque autonomia também está ligada ao limite. Tem o limite do entendimento, da reflexão e tem um momento para tudo. Eu fiquei muito feliz de ver que ele está conseguindo fazer isso. Porque eu não consegui e a falha da coordenação é ficar falando que são carentes. E quem conhece o bairro é muito bom em relação aos piores, tem carro, casa com sobrado. Então, pegou-se uma fala que são carentes e não têm limites dentro da escola. E fala-se: estamos trabalhando a autonomia destes alunos porque não têm uma vida social boa, não estão engajados na sociedade. Só que se pegou esta fala para justificar a incapacidade da escola com os problemas aparentemente grandes, mas que são pequenos.

Prof. 3 - Na escola, eu achei ali que os alunos têm um nível de autonomia, eles têm opinião, têm personalidade, só que o professor ali tem que passar um pouco de conhecimento, regras que lá na comunidade deles talvez não tenham: ah, você derramou esta tinta aqui na minha casa? Vai limpar, não vai? Então pá! (tiro), resolvem do jeito deles. E não tem o conhecimento sobre harmonia, sobre consenso, sobre viver em comunidade.

Prof. 1 - Tem aquela coisa de ser coitadinho e entra na escola e nem a escola põe limite para ele. Então acham ali que eles têm uma autonomia grande? Todos ali são realmente autônomos, eles fazem o querem, chutam a porta, quebram o vidro (tom irônico).

E o legal é que você (Prof. 3) chegou mediando, não impondo conteúdos. Tem hora que enfrenta um pouquinho, enfrenta, mas tem um jogo de cintura.

Prof. 1 - Acho bom a gente citar, porque quando a gente pega uma escola mais complicada como o Prof. 3 está, e aí como que faz? Onde fica a autonomia? Num grupo onde tem autonomia sem limites..

Libertinagem, né?

Prof. 1 - É, libertinagem.

São escolas com problemas. De repente, você está ali com o futebol parecendo não fazer nada, mas só o fato de intervir porque só resolvem na briga... eles querem resolver tudo na briga.

Prof. 1 - E é engraçado como é localização. Hoje eu trabalho num lugar que ninguém gostaria de pegar. Só que não troco pela escola do Prof.3, onde a estrutura é muito melhor. Porque moram em favela mesmo, em casa de barraco mesmo onde a chuva leva embora, e na escola do Prof. 3 não. Eles não têm mais casa de barraco e eles é um desrespeito tão grande, uma falta de educação. E o bairro que é considerado o principal ponto de tráfico, não tem o que tem (no bairro da escola do Prof. 3), é regional mesmo o negócio. E eles confundem autonomia com libertinagem, porque autonomia não é você fazer o que quiser dentro da escola, só que eles confundem autonomia com libertinagem como você falou.

TERCEIRA REUNIÃO

No encontro passado a gente discutiu Paulo Freire, de como ser crítico, em como transformar, de como fazer isso na escola. E de acordo com o que a gente falou.... Prof. 2, quer colocar alguma coisa?

Prof. 2 - Pode retomar, depois eu falo.

Então, mais agora em relação à questão de se sentir à vontade, por exemplo, pegamos a discussão de quando deixamos os alunos escolherem, em relação ao futebol que eles sempre acabam escolhendo, então a questão que a gente pode continuar é: como mudar isso, superar esta escolha que sempre acaba recaindo no futebol?

Prof. 3 - Nesta semana passada, lá no (escola) mesmo, onde eles fazem tudo o que você pede, mesmo assim quando você dá uma aula de escolha, eles pedem o futebol. E a equipe junior, se não me engano, feminina de basquete foi lá na escola e fez uma demonstração, desde treinamento, aquecimento, alongamento e o jogo em si de basquete. E os alunos ficaram, assim, apaixonados pelo basquete e por quê? A gente perguntou lá e a grande maioria nunca tinha vivenciado o basquete, nunca tinham visto, a não ser pela televisão alguns lances. Eles acharam maravilhosos aqueles arremessos, de longe, de verem as meninas jogarem. Depois disso, nestas duas últimas semanas em que uns alunos nem foram, eu perguntei para o pessoal o que queriam: Basquete professor! Todo mundo, até os que gostam de futebol. Então é o seguinte, eles acabam querendo só o futebol porque na televisão só vêem futebol, dificilmente vêem um jogo de voleibol, de basquetebol. Faz muito tempo que eu não vejo um jogo de basquetebol na televisão. De tênis, em canal aberto você

não vê, só quando o Guga tava lá jogando que eles passavam, agora não passa mais. Então, pela falta de informação, de conhecimento... e a partir do momento que eles experimentarem, vão querer começar a conhecer ou a gostar. A proposta que eu tenho é de levar oficinas para dentro da escola, oficina de lutas, um time para fazer demonstração de voleibol, de handebol, até mesmo de futebol para eles verem que o futebol que se joga com regras é diferente daquele futebol que jogam, é mais sério. Lógico que você não vai privá-lo de criar, de jogar como quer. Mas eu acho o seguinte, é nessa linha, a partir do momento que você vai dando opção para eles, você vai abrindo um leque. Às vezes você fala um esporte e o quicar a bola, eles: o que é quicar a bola professor? Nunca viram um jogo de basquete.

Prof. 4 - De repente isso é uma coisa cultural também. Nos Estados Unidos o basquete é muito mais vivenciado que no Brasil. De repente lá eles são tudo perna de pau, não sabem chutar a bola. Igual aqui no Brasil não sabe bater bola. Ah, vou dar uma aula de handebol: não quero jogar handebol! Tem maior resistência. Não, handebol é um futebol com as mãos, tentar fazer de um jeito para começar a gostar, porque a cultura do futebol no Brasil é muito forte, nós somos muito pequenos para lutar contra isso. Então, tem que talvez ser através de oficinas, através do vamos jogar? Vamos ver como é? De repente nem passar todas as regras para eles, mas começar, um jogo pré-desportivo, um jogo com regra adaptada, até engrenar...

Essas são suas sugestões. E quais mais sugestões?

Prof. 2 - De a gente trabalhar com vídeo, acho uma coisa muito legal e não se usa. A gente vai muito para a prática e não dá nada de teoria. Creio que o que a gente dá dentro da nossa aula é pouca coisa para eles. Passar um vídeo para eles, que infelizmente o tempo da nossa aula não é suficiente. Mas é coisa para se fazer, porque se passar um vídeo antes de basquete, de um jogo de handebol e depois vai trabalhar com eles, nossa, é outra coisa. Eu lembro outro dia um cara foi lá na escola e passou um vídeo pra gente de tchoukbol, aquele que joga a bola na rede e tem que voltar para fazer o ponto. O cara foi lá, falou e ninguém se interessou, aí pegou e mostrou o vídeo. Saí de lá todo mundo queria jogar, eu acho que é isso aí mesmo, aticar aquilo na criança de: olha aquele jogo!

Prof. 4 - São estratégias...

Prof. 2 - Essa oficina que ele falou, eu acho excelente, o vídeo também, o que mais a gente pode?

Prof. 5 - Pode trazer também uma pessoa, um atleta famoso, um habilidoso, pode fazer uma pequena demonstração, seria ótimo também.

Prof. 4 - Na escola inter-classe é só de futebol. Daí, por exemplo, em abril a gente faz futsal, mas o de agosto vai ser vôlei, um vôlei misto, 3 meninas, 3 meninos, nada competitivo, mais para socializar.

Prof. 5 - É a mídia. Tem que parar só com esse negócio de futebol de campo direto. Não passa outro esporte. A TV devia mudar um pouco.

Prof. 3 - A mídia vai aonde rende mais. Agora o Brasil é assim. É como ele falou, nos Estados Unidos provavelmente o basquete deve dominar os horários na televisão. Agora, nosso papel na escola é mostrar para o aluno, porque depois que ele conheceu, se ele quiser continuar com o futebol é porque realmente a paixão dele é

futebol. Como ele vai gostar do basquete, do handebol, se ele nunca vivenciou ou nunca viu? Então, cabe a nós tentar passar estas informações para eles, mostrar como é a modalidade ou o jogo.

Prof. 2 - Aquele festival de vôlei? Foi muito legal, devia ter mais.

Porque às vezes eles nunca jogaram vôlei em festival. (festival na cidade de mini-vôlei, sendo as escolas e centros esportivos convidados).

Prof. 1 - E era adaptado, você não jogava na quantidade correta.

Você levou muitos alunos, né?

Prof. 1 - Levei porque era o bimestre que eu estava trabalhando com o vôlei. Então foi uma forma também de eles saírem da escola e abrir este leque de oportunidades, como ele falou. Foi muito legal. O retorno deles, professor!... É porque não deu tempo de fazer um inter-classes, mas se desse, ia ser voleibol em 3 pessoas, porque lá eles jogavam em 3.

Prof. 3 - E depois tem aqueles alunos: professor onde que faço? Onde tem um centro esportivo que possa treinar o vôlei? Porque eles viram uma coisa gostosa, de praticar algum esporte, principalmente aqueles que, por exemplo, no caso do futebol é uma modalidade em que você corre bastante, já no voleibol é um pouco diferente, tem gente que tem mais habilidade com as mãos do que com os pés. Então ele percebeu que se deu bem lá e não jogava tão bem o futebol, provavelmente ele vai escolher essa outra modalidade, mas se você não mostrar, ele não tem essa oportunidade de poder escolher.

Prof. 1 - É mesmo, porque dentro da escola a gente tem que criar um leque de oportunidades para o aluno. É claro que ele, como o Prof. 3 falou, ele pode continuar com o futebol, só que a função da escola é a de oferecer. E também o aluno tem que ter o discernimento que na escola a gente tem um plano, volto naquilo dos primeiros dias, tem algumas habilidades a serem cumpridas e isso ele leva para a vida, fora ali da unidade. Se ele quer ir para uma academia, uma escolinha de futebol que ele acha que se adapta melhor, ele vai procurar fora dali, mas ele vai ter os aprendizados das modalidades, da vivência dos jogos, coisas diferentes dentro da escola.

Aprender ajuda a escolher...

Prof. 1 - Ajuda na escolha dele. Está trabalhando a autonomia dele na escolha de vida dele mesmo.

Prof. 3 - É porque se ele não escolher outros, a mídia vai estar escolhendo por eles, ou nem está escolhendo, mas dando somente esta única opção.

Prof. 2 - Quantas vezes vocês já viram álbum de figurinha de voleibol? De basquete? Não tem, é só de futebol.

Prof. 3 - Olha o que um aluno deu pra mim? É de futebol.

Prof. 4 - E esses campeonatos mundiais? Proporcionalmente como são poucos divulgados.

Prof. 1 - Mas a gente também pode aproveitar o que a mídia traz. Por exemplo, está na moda Rebeldes, se for trazer na nossa aula de Educação Física, por que não explorar uma dança? Não precisa ser nos moldes que o Rebeldes traz, mas uma coreografia ou chegar e deixar eles trabalhando em grupo, decidindo, que saia uma atividade legal. Então tem que aproveitar também, se a mídia traz algo do futebol, ou seja, de um grupo famoso, o professor está ali para adequar.

Prof. 3 - Quando a equipe de voleibol foi na escola, quando eu senti a vibração dos alunos, eles torcendo, depois eles pedindo, eu falei com a coordenadora da escola, se eu continuar lá ano que vem, eu vou estar tentando trazer, por exemplo, lutas que são modalidades olímpicas, por exemplo, o judô, tentar levar uma equipe de judô, pra ver se algum aluno se interessa procurar alguma escolinha de judô ou algo assim. Se conseguir algum ônibus, levá-los a algum centro esportivo mostrar natação, alguma coisa assim, por quê? É uma forma de você estar passando essas informações para eles. Ginástica Olímpica...

Prof. 1 - Eu lembro uma vez na escola que eu estava levando uma escola de samba, e foram a caráter, as mulatas e aquela coisa toda, super bonito e foi muito interessante porque na semana seguinte as crianças queriam fazer, a ensinar a sambar, porque o sambar não é uma habilidade tão fácil. Então a demonstração é importante e traz para dentro da escola o que até então as crianças não tinham.

E está no contexto, né?

Prof. 1 - Motiva, né?

Prof. 3 – É, tudo isso que se está falando gira em torno da estratégia de levar o conhecimento para o aluno, para depois que ele conhecer, ele vir a escolher o que ele realmente se interessar mais.

Falou-se em reflexão, estratégia, de se trabalhar com a mídia, bem legal. Prof. 5?

Prof. 5 – É, porque além de despertar o professor, fazer com que o governo faça a outra parte também que é, além de proporcionar isso, dá o material, o local na escola para os alunos praticarem as modalidades esportivas, ter nos bairros uma quadra que tenha não só as marcações do futebol, mas tenha também uma cesta de basquete, ter vôlei... Não sei, passar um barbante, ter os postes, sabe assim? Ou outras modalidades, fazer uma marcação de handebol. Porque às vezes, o pessoal está interessado e vai no centro esportivo, mas tem um horário determinado, mas é legal as crianças jogarem na hora que elas quiserem, juntam a turminha, vão lá na quadra e jogam, assim como no futebol. Às vezes não tem um lugar, pode jogar na rua, mas outras modalidades esportivas já é mais difícil, por exemplo. Também tem isso para despertar o aluno e aqui no Brasil não tem essa política de incentivo ao esporte, tem esse lado.

A dificuldade que a gente fala é a cultura, é a cultura, às vezes a escola se for ver é a cultura dos 4 esportes que estão marcados em 90% (das quadras), tem lá a quadra com as 4 linhas, futebol, basquete, vôlei e handebol e acaba sendo mais fácil. Você diz, se tivesse uma sala de dança, coisas assim que...

Prof. 5 - E coisas mais públicas, além do centro esportivo oferecer, ter também na rua livremente, no próprio bairro ter um local, assim, comunitário, vão na hora que quiserem e jogam. Isso aí incentiva mais a pessoa a praticar.

Prof. 1 - Mas isso muda até mesmo de cidade para cidade, porque o que a gente vê em cidade mais do interior, por exemplo, os campinhos de pelada. Então você não vê. Por exemplo, Jundiaí você vê centro esportivo, mas é uma forma também de incentivo, porque tem local aí que nem isso a gente vê. No Rio é praticamente inteiro assim. É cultural, se você pegar Rio de Janeiro eles jogam o quê? Vôlei na praia e futevôlei, então é regional também.

Prof. 5 - O local favorece também, né? Tem a areia...

Prof. 1 - O professor que trabalha em Santos, por exemplo, o que ele pode colocar no planejamento dele? O surfe, ou mesmo atividades de areia. Então isso depende do contexto de cada um, do que você quer passar, da região.

Prof. 5 - Tem aquele tênis também lá... como chama?

Prof. 1 - Frescobol.

E às vezes, mesmo quando não der para vivenciar dentro da escola, dá para fazer de outra forma. Se der, ótimo.

Prof. 1 - Esses dias veio a lista de material, tinha peteca. Eu odeio peteca! As minhas crianças odeiam peteca. Por que as crianças de Jundiaí não estão habituadas com petecas? E tem campeonatos em Minas. Minha irmã chegou com uma camiseta, que ela viaja bastante, de campeonato na rua. Você passa, estão jogando peteca, peteca. É uma coisa cultural, mas é regional.

Prof. 3 - E às vezes eles nunca viram alguém jogando peteca. Eles pegam a peteca, eu já experimentei levar peteca para a aula, eles ficam jogando, se batendo, arremessam...

Prof. 5 - Eles não conseguem bater e aí o que acontece? Eles começam a arremessar.

E sobre dificuldades, quais exemplos deram certo? Quais não deram? A peteca...

Prof. 2 - Eu já tive, por mais que a gente tentasse, vamos pensar assim, eu filmo o pessoal na praia jogando frescobol, levo raquete para a quadra e as bolinhas para eles treinarem. Eles não tem habilidade para isso, nenhuma, eles não acertam nem a posição da raquete e conseguem chegar perto da bolinha. O outro bate na bolinha vai lá muito longe e fica desmotivado por falta de habilidade para aquilo. E quantas aulas você vai tentar trabalhar isso? Ou melhor, quantas aulas a gente pode ficar tentando? Concorde que se tiverem várias aulas para isso eles vão começar a aprender? E aí eles vão chegar na praia e vão utilizar isso no lazer deles? Eu acho que o lazer é uma extensão da nossa aula, por que a gente dá aula? Para criança aprender, colocar aquilo dentro dela e usar lá fora, porque qualquer coisa que a gente dá na nossa aula, seja um pré-desportivo ou uma brincadeira, o adulto não vai brincar de lenço-atrás, só que o adulto vai jogar o quê? Esporte. Não é isso que a gente quer que a criança saia de lá? Com intenção de gostar de uma atividade física que vai levá-

la ao esporte ou onde for? E quantas aulas a gente tem para o frescobol? Você vai fazer em 2 aulas? Não dá, é pouco. Então, a gente não tem tempo para isso. No nosso padrão de Educação Física que deram para gente, 2 aulas por semana, não é suficiente.

Prof. 3 - No contexto de 5ª a 8ª, alguns jogos já dá pra você estar trabalhando.

Prof. 2 - 40 alunos!

Prof. 1 - E aí cabem outras questões envolvidas, muitos alunos por sala.

E não é que a gente está dando desculpa que não dá, mas o fato de você chegar lá na escola e já não tem o espaço e mais 40 alunos, não tem material: Ah! Faz o material alternativo... mas é uma dificuldade que a gente enfrenta.

Prof. 3 - Tem menos de 1 minuto para cada aluno.

A gente tem que trabalhar superando a dificuldade. Eu vejo assim, sempre estamos tentando superar. Tem escola que nem tem sala de vídeo.

Prof. 2 - Você vai perder um tempo da sua aula passando um vídeo, contando quando surgiu, você pode fazer isso, mas você está perdendo a parte prática. Podia pedir para outro professor.

Prof. 1 - Mas aí eu já discordo, que perda de tempo você está querendo dizer? Porque se for programado, você consegue ir ao vídeo, ficar na sala de aula, com uma roda de conversa, dá para fazer. Os alunos se moldam ao professor, se o professor tem uma expectativa, se tem um planejamento a ser cumprido e os alunos sabem qual é a importância daquilo, vai, vai e é uma beleza. Isso é programação.

Prof. 2 - E quantas habilidades você consegue fazer?

Eu entendo, você quis dizer que, se tiver um trabalho interdisciplinar ajuda? Por exemplo, Copa do Mundo, se você tiver que dar, por exemplo, a vivência, o sistema de jogo, estatística, a história e tudo, nossa, por que só você? E é uma dificuldade em trabalhar em conjunto. Porque lá na minha escola tinha o projeto de Copa do Mundo, acabou fazendo, mas a professora de matemática ficou com a estatística, só que não ficou um negócio amarrado, a professora de artes também fez. E é uma dificuldade porque a gente não está habituado.

Prof. 1 - Já na minha, a coordenadora e a diretora sentaram e: qual é o desenvolvimento do trabalho? A professora de matemática ficou com a parte da estatística, o professor de artes ficou com toda a parte de produção visual, eu fiquei com a parte explicativa de classe mesmo, de quando começou, do ranking dos países que mais ganharam. Foi feito um painel, a escola inteira interagiu naquilo.

Fizeram em HTPC?

Prof. 1 - Em HTPC.

Então havia um espaço para trabalhar em conjunto, porque isso é importante. Por que a gente está falando dessa interdisciplinaridade? Que vocês falaram que ajuda no leque de escolhas, na autonomia. Tem mais outros exemplos que deram certo? Você falou da hemeroteca, você lá da estratégia no (escola do Prof. 3)...

Prof. 2 - Teve um dia eu cheguei e eles só querem futebol, futebol. Um dia eu montei a rede de vôlei, só saiu xingo: É, não vamos jogar essa porcaria! Falaram os palavrões que eles falam e começaram a sair (da aula). Dois deles começaram a jogar e começou a ir gente, daí tinham 5 times jogando, os times revezavam, saía um, entrava outro: Professor, vem jogar junto!

Você jogou junto?

Prof. 2 - E não só eu. A professora de história, o professor de matemática jogou. Mas assim, eles foram e jogaram também porque estavam no horário de oficinas e eu estava lá na quadra. Eles só querem futebol, pus a rede, eles: não! E quem quiser vai jogar. Então foi bem assim, imposição, só que se eu não tivesse imposto, eles ficam só no futebol.

Prof. 1 - Desafiar mesmo. Porque isso é desafiar.

Na verdade você não está tirando a autonomia deles, porque não é chegar lá e fazer o quer. Tem um objetivo por detrás, se eles jogarem vôlei, na verdade, vai ajudar na autonomia depois, de escolha.

Prof. 2 - Eles vão poder escolher outra coisa, exatamente.

Está sempre mediando. Jogar junto é uma estratégia. De repente você ficar falando muito, eles não querem. Daí você pega: então vou jogar eu. Às vezes você fala, aí eles: ô professor, deixa eu jogar também?

Prof. 2 - Quantas vezes, isso nas séries mais iniciais, 3ª e 4ª, você dá uma aula com várias coisas, você começa a brincar de basquete com um aluno, daí vem todo mundo querer jogar basquete. Então, eles não têm essa autonomia, às vezes eles até gostam, mas não têm aquela coisa de pegar e começar a jogar.

É um estímulo ver o professor jogando.

Prof. 5 - Os alunos gostam de jogar com o professor, bastante.

E surgiu também um ponto interessante (resposta questionário): até que ponto a autonomia é bom para os alunos? A gente pode discutir.

Prof. 5 - Até o ponto que você consegue... não deixar totalmente solto, deixar totalmente solto isso não é autonomia.

Prof. 5 – É, isso a gente falou.

Isso é legal para por, os pontos em comum do que é autonomia. Então a gente falou em relação ao conceito e que não significa fazer o que quer e o professor se omitir de algo, porque mesmo quando os alunos escolhem, foi o professor que preparou, está sempre lá uma mediação.

Prof. 4 - Na verdade, ele tem uma autonomia para fazer aquilo que é proposto, dentro de um procedimento, você tem que ter na verdade uma rota, tem a autonomia, mas não pode se perder. De repente, esse que é o problema da autonomia. Tem muitos coordenadores que usam essa palavra autonomia para justificar uma completa desorganização da escola e não é por aí.

É uma dificuldade, pois é um entendimento errado do que é autonomia e causa uma dificuldade de se trabalhar.

Prof. 2 - Até que ponto a autonomia é importante? Até o ponto em que não vire falta de opção ou falta de estrutura escolar. Se eles estão usando ela para tomar decisões, crescer pessoalmente, nesse momento ela é importante. A partir do momento que o aluno fica sem opções do que fazer, aí não.

Prof. 4 - Gente, vamos supor: olha, vão ter 5 oficinas e vocês vão ter autonomia para escolher três ou uma, não sei. Aí eles pegam e falam: Ah, não, a gente não quer nenhuma. Isso não é autonomia. Eles têm autonomia para escolher as oficinas, mas alguma vai ter que ser escolhida. Não é assim, ah, a gente não quer nenhuma. E às vezes acontece isso.

Eles não estão com autonomia ainda, não estão com a consciência.

Prof. 4 - E isso acontece em muitas escolas.

Prof. 2 - Um outro exemplo, Educação Física tem falta? A maioria nem chamada faz. Reprova por Educação Física? Se você colocar que o aluno não comparecer nas suas aulas, que não fez nenhuma atividade, está com nota vermelha... isso é uma denúncia, mas é o que acontece. Você simplesmente falar o aluno não apareceu e está com vermelha na minha aula e os outros professores estiverem com nota azul, não acontece nada.

Essa é uma outra dificuldade. O sistema de "aprovação automática". Hoje em dia até o aluno que quase não vai na escola, nem isso reprova...

Prof. 2 - Pode português, matemática, ele não faz Educação Física, não gosta da sua aula, não acontece nada. Ele chega na sua aula e senta, batem papo, ficam namorando, em algumas escolas até fumando.

Prof. 5 - Mas não é só na aula de Educação Física, nas outras acontece também.

Prof. 2 - Você não consegue reprovar o aluno hoje. Deram autonomia para escolher?

Prof. 5 - Matemática também não reprova mais hoje em dia se ele não fizer nada também. Reprova por falta só. Só na 8ª série e isso com mais de 3 matérias que reprova.

Só colegial (que pode reprovar). Isso é uma dificuldade mesmo e o aluno já sabe na 5ª (que não reprova), com 11 anos e não está com aquela consciência. É diferente do que falar para um adulto. Outro dia um aluno veio perguntar: é verdade que a 5ª não reprova? E você vai esconder isso?

Prof. 1 - Mas aí também é uma outra questão, porque não é que deram uma autonomia para o aluno escolher ou não o que fazer. Isso aí é uma questão de política mesmo, de governo, que cai sobre as escolas, para massificar a alfabetização. Então na verdade isto daí é uma outra questão. Isso não traz nem uma autonomia para o professor poder dizer se isso é bom ou ruim, porque é uma coisa que vem de cima imposta, para massificar a alfabetização, para dizer que o Brasil é um país completamente alfabético?

Para conter gastos.

Prof. 1 - Totalmente ao contrário. A criança sai de uma 1ª e vai para um colegial muitas vezes sem saber escrever o nome. Quer dizer, é querer encobrir, acobertar.

Prof. 2 - Que o Brasil não tem reprovação.

Prof. 3 - Tem que cumprir metas com o Banco Mundial.

Prof. 1 - E aí que está o papel do professor. Tem que trazer a reflexão, que como o Prof. 5 falou, até na matemática acontece, realmente acontece, só que se o professor não colocar onde o aluno vai usar a matemática básica, no dia-a-dia para ele poder se virar. Então, ele vai ter que refletir, discernir para ele o que é bom e o que é ruim.

E isso que é difícil para uma criança de 10, 11 anos. Porque você falar para um colegial: você já está aprovado. E para ele entender isso?

Prof. 5 - Enquanto não chegar o futuro para eles, não vão entender. Mesmo ensino médio.

Prof. 2 - É uma inversão de valores total. Antes, você fazia todas as matérias novamente por causa de uma, e agora você pode ficar de todas.

Prof. 1 - Pois é, hoje em dia é a mesma coisa, o aluno não sabe nada, não sabe escrever nem o nome e só reprova pela falta. Você está passando, passando sem saber nada e antigamente, ficava numa matéria revia tudo, mas...

Prof. 5 - Você não foi bem durante o ano e fazer apenas uma matéria seria mais justo, tudo bem, o problema na prática, no sistema é difícil fazer isto. Por exemplo, a 5ª série é turma da tarde, aí passa para a 6ª, onde que faz?

Quando era uma até passava, 3 que ficavam.

Prof. 4 - Olha, eu vim do Centro Paula Souza e lá era esse regime de DP. Vamos supor, se você ficasse de DP de física, você só fazia física. E eu já vi gente ficando de DP de Educação Física, dava trabalho. Só que era um DP tão...

Prof. 2 - Mas em compensação, no colégio Rosa, tinha 4 matérias, você podia escolher qual das 4 você não queria fazer. Você tinha uma carga horária maior do que o normal. Aí você dizia: ah, não quero fazer Educação Física. Você tem que fazer as outras 3: ah, não quero Artes.

Prof. 4 - Mas assim, existe um núcleo comum que tem que ser posto e tem as opcionais que de repente podem sobrar. O que não pode é tirar do núcleo comum, não sei. Educação Física faz parte desse núcleo comum.

Prof. 1 - Chove vermelha em Educação Física na minha escola, que é de zero a dez, e chove vermelha mesmo, não é nem pela prática, é pelos trabalhos também.

Você não avalia só a prática.

Prof. 1 - E o que a diretora falou para eles? Vocês não têm que querer fazer, é componente curricular e obrigatório, está na lei. Se tiver aquela visão de que é componente curricular obrigatório, não tem que dizer: eu não quero fazer. Eu não gosto de acordar cedo, no entanto, levanto seis horas da manhã para trabalhar. Então, ou opto em ficar em casa e não ganho meu salário, ou vou trabalhar num horário que não gosto, e estou lá.

E você, seguindo isto, tem uma independência, você cria uma autonomia.

Prof. 3 - Tem muito aluno que não gosta de matemática, de português e mesmo assim ele faz, porque entende que está num currículo.

E Educação Física faz pouco tempo que é componente curricular obrigatório. Tanto é que, se a gente for pensar na noite, só porque o adolescente é trabalhador, isso minha professora falou, ele é um cidadão com um pouquinho menos de valor porque ele não precisa ter o conhecimento de Educação Física? Fala que tem só por ter, joga de sábado e faz quem quer. É obrigatório oferecer, mas não cumprir.

Prof. 4 - E é complicado, por exemplo, eu via todo mundo fazendo DP de física, de química, agora de Educação Física nunca vi. Eram feitos só trabalhos. Eu sei como era feito a de química, tinha exercícios, agora Educação Física? Então, o professor para deixar um aluno de DP ou repetir um aluno, tem que ter muita responsabilidade e depois explicar o porquê, de fazer ele refletir mesmo o porquê.

Em relação às dificuldades ainda, se sente à vontade, aí tem: precariedade do sistema; dificuldades com os alunos de compreensão e falta de compromisso e outra de: meio inseguro, pois há o receio de só se escolher o futsal. Foi o que a gente falou.

Prof. 2 - Para você dar autonomia para ele, eles não conseguem... vai ser o futebol.

Prof. 3 - Mas acho que no contexto da autonomia, não é nem dar autonomia e sim desenvolver a autonomia neles.

Quando a gente fala em dar autonomia, é no sentido de dar opção de escolha. Algo que desenvolve a autonomia, não é isso?

Prof. 2 - Isso.

Prof. 5 - Autonomia também não cabe só à escolha de algo, de uma modalidade esportiva, mas também solução de problemas. Isso é até mais importante.

Como a gente falou ontem do ser crítico, da criticidade. Quando pego o livro do Paulo Freire, ele tem um objetivo, é crítico em relação ao sistema, a ser um cidadão numa sociedade mais justa, isso está claro. E a gente tem vários objetivos, tem autonomia para escolher uma modalidade, mas também ter autonomia para transformar um jogo, tudo isso são tipos ou é uma autonomia só?

Prof. 5 - Tem tipos né? Um tipo que foi citado bastante é a escolha de algo, foi muito enfatizado. Autonomia é o professor deixar o aluno escolher determinada modalidade esportiva, escolher o time por exemplo, a outra é eles resolverem um problema de decorrência da atividade que o professor propõe.

Prof. 1 - E tem a questão da disciplina, até onde vai chegar com aluno, a que ponto você quer chegar? Que ele desenvolva o quê com as suas aulas? Isso é difícil.

Envolve valores, uma visão mais histórica...

Prof. 1 - Porque o próprio professor de Educação Física já foi bastante castigado. Tinha uma época de ataque e livros citando a autonomia até mesmo para o professor, por que a Educação Física o que era? Totalmente militar, então, você trabalhava a autonomia do aluno? Você desenvolvia o quê no aluno? Você dava oportunidade de ele ser autônomo no quê? E hoje o que se cita na área educacional? Tem PCN's, LDB, tem o Estatuto da criança, tem o Paulo Freire aí, tem o Piaget, tem Vygotsky... tem um monte de autor que fala da autonomia na educação, então, clareia um pouco. E a disciplina foi mudando ao longo do tempo. Agora, tem que parar e refletir, cabe ao professor também.

Que envolve até cidadania. A gente fala em cidadão autônomo, mas e aí?

Prof. 1 - No quê?

No quê? Cidadão para quê? Para seguir? Cumprir o dever? Para transformar? Como trabalharia isso? Porque o PCN's fala em cidadania, mas e aí? Como a gente acaba trabalhando essa cidadania? Na aula de Educação Física no dia-a-dia, o que estamos colaborando? Para que tipo de cidadão?

Prof. 3 - Por exemplo, no caso a criança, o aluno, ele, num futuro, quando estiver maior, conseguir escolher bem um candidato. Por exemplo, conseguir escolher uma profissão, conseguir escolher algo sozinho, sem depender de pai: meu filho, faz medicina, vota no fulano. Não tem aquela autonomia para escolher, por quê? Porque não consegue comparar, criticar, e é isso que acho que a escola, a estrutura de ensino devem procurar desenvolver nos alunos.

Prof. 5 - Autonomia também pode ser um jeito de trabalhar valores também, normas, a parte atitudinal. Às vezes, trabalha isso sem perceber, acaba passando os nossos valores, as nossas normas para o próprio aluno que também tem as próprias regras. Tem na própria escola também, que ajuda o aluno a ser esse cidadão autônomo. O cidadão autônomo tem que seguir uma determinada regra que a sociedade impõe também, ele não pode fazer a sua própria autonomia baseado por si,

tem essa questão também. Essa autonomia também não pode prejudicar os outros. Você tem autonomia para escolher uma coisa, mas essa ação que você vai tomar não pode prejudicar o outro também. Isso também é importante.

Prof. 2 - Vou dar um exemplo que vi numa aula, foi muito legal a situação. Os meninos estavam jogando futebol, aí um deles fez falta e foi falta, não foi, foi, não foi e começou aquela discussão. E continuou a jogar e os outros até do próprio time dele falaram: deixa ele jogando sozinho, pára, pára, deixa ele fazer o gol. Ele chutou, fez gol: gol. E todo mundo olhou para a cara dele: não foi, ah, mas eu fiz gol. Não valeu! O próprio pessoal do time dele falou: não valeu! Esperou ele fazer o gol, porque ele continuou correndo com a bola. Daí pegaram a bola, colocaram no lugar da falta e deram para o outro time para cobrar. Ou seja, isso é uma coisa de autonomia, porque até então normalmente sairia muita briga. Professor, professor, foi ou não foi? E eles sozinhos se viraram.

A gente fala cidadão autônomo, que vem do quê? Cidade, um conjunto, não é algo individualista.

Prof. 2 - E normalmente eles acham que a autonomia, a maioria acha depende da idade, que é pegar as coisas para ele, ou seja, para ele estar se saindo melhor. Então, você vê que em qualquer tipo de atividade que fizer, ele tem que ganhar, nem que for ganhar roubando, mas ele quer. E é o que vi nesse jogo, o aluno fez errado, continuou fazendo e o próprio pessoal do time falou: deixa ele jogar.

Prof. 5 - É, quando faz uma atividade em conjunto, a autonomia tem que ser coletiva, não pode decidir sozinho. Tem a autonomia individual também, você decidir eu estou aqui, vou para casa, isso é problema meu.

Prof. 2 - O que ia comentar também, um exemplo com 3ª e 4ª série, mesmo de 5ª a 8ª, é assim, vai fazer um jogo, futebol que é mais fácil: professor, eu posso ser o goleiro? Não eu, eu, e tem uns três que querem ser goleiros: não, eu começo. E quanta vezes eu não falo: gente, quem vai escolher o goleiro são vocês, vocês vão escolher quem vai. Aí normalmente eu paro: pessoal, vocês escolheram ele? Não, não. No caso do chute inicial: eu quero dar o 1º chute. Pessoal, dá para todo mundo dar o primeiro chute? Não. Então vocês vão escolher alguém. Então, é um tipo de coisa que eu trabalho. Professor, posso isso? É seu o time, você tem que escolher, façam uma votação, algum tipo de coisa, de quem vai ser o goleiro. Daí vão 2, 3 falarem. Então, esse tipo de autonomia falta para as crianças.

Uma decisão democrática.

Prof. 2 - E é uma coisa que eu trabalho muito nas minhas aulas. Eu chego e falo: pessoal, é vocês que vão escolher alguma coisa, não sou eu, eu sou o juiz a partir de agora. Vocês têm um time montado.

Prof. 3 - Autonomia tem sua etapa também.

Está desenvolvendo, que vai até o colégio, na vida adulta e vai aprendendo.

Prof. 4 - Mas qual seria a maneira autônoma de o professor intervir nessa escolha de time, nesses problemas, sem deixar muito solto?

Prof. 2 - No caso do goleiro: ah, vamos revezar o goleiro.

Prof. 5 - Tira par ou ímpar para ver quem começa. Você ganhou, você é o próximo a ir no gol, depois que ele tomar o gol ou tanto tempo. Não tem uma solução só de problema, né?

Prof. 4 - E será que a escolha foi democrática mesmo? Aquele outro que queria ser goleiro...

Prof. 2 - Uma das coisas mais comuns que eu vejo por aí é você revezar, até eles já sabem isso. Quinta série já sabe isso, tomou gol, sai.

Prof. 3 - Se precisar colocar menina, eles colocam também.

E uma outra pergunta, também não teria problema se o time inteiro falasse: pode ir ele. Se o time inteiro realmente quisesse que aquele fosse: ah, deixa ele! De repente eles não querem revezar. Aí, se um quiser e o outro falar: não, não deixo. Peraí, a gente vai deixar essas coisas? Entra a nossa mediação, tem oportunidades para todos, igual deixar se virar toda a aula e eles fazerem o quem ganha fica.

Prof. 4 - Daí eles fazem uma panela, um time bom.

Isso. E tem que estar intervindo, porque isso não é dar autonomia, a gente está o quê? Favorecendo uma posição de alguns. Tem que estar sempre de olho, por isso que a gente não deixa livre.

Prof. 2 - Senão a gente vai prejudicar os alunos.

Prof. 5 - Na minha 6ª série, por exemplo, tem as panelinhas, os caras mais fortes e mais velhos mandavam na sala de aula, aí sempre eles ganhavam na maioria das vezes, aqueles que perdiam jogavam pouco e já saíam fora. E o que fiz uma vez, eu pedi para dividir, tinha uns 15 alunos, pedi para eles terem autonomia para dividir o time só que, por exemplo, o fulano que joga melhor seria o capitão, aí tinha mais 2 e eles seriam os cabeças. São os melhores jogadores, eles que iam dividir e colocar os nomes numa lista, porque sempre seriam essas pessoas que iam jogar toda aula. Aí o que acontecia, aquele que faltar azar do time, por quê? Para incentivá-los a virem na aula de Educação Física, para não faltar, porque se faltar o time vai ficar mais fraco. E eles tinham o compromisso de não faltarem porque senão o time ia perder. O colega vai lá e cobrar dele: por que você faltou? Mancada que você deu, hein? Então, não podia faltar e sempre jogava com o mesmo time, e o que acontecia? Eu percebi que os times estavam equilibrados, se não equilibrasse, eu ia fazer o seguinte, aquele que ganhou duas vezes seguidas ia sair e jogar perdedor com perdedor, se caso acontecesse seria com essa medida, que já tomei em outras classes, porque sempre tinha time que ganhava e eu fazia isto. E aí para cada classe que eu via um problema, tentava resolver de maneira diferente e não tem receita de bolo.

E isso supera o deixar alguns de fora.

Prof. 5 - E tem um que era péssimo, mas independente disso ele estava sempre em um time, sempre jogava a mesma quantidade de tempo que os outros colegas. Então, ele participava da aula de Educação Física em quantidade de tempo

igual a dos outros, acho que aí está fazendo justiça. Infelizmente aquele mais habilidoso vai prevalecer, vai receber mais a bola. Aí pode-se fazer outro jeito, tem outra maneira, antes de fazer o gol tem que tocar para tantas pessoas.

É, quando eu ponho as meninas jogando junto eu coloco umas regrinhas tipo, as meninas cobrando lateral.

Prof. 5 - Só menina faz o gol.

Senão você fala: não está tocando a bola, como vamos fazer? Aí você joga a pergunta, como vocês solucionam esta panela aí? Que não é democrática.

Prof. 4 - Por que a gente só pensa em trabalhar nas situações de jogo a autonomia? Por que não: vamos trabalhar um alongamento? Porque antes do jogo é importante e julho é inverno, de repente, começar a jogar no seco assim pode dar distensões. Se você também não tentar puxar uns alongamentos, situações anteriores, de repente o time que fizer o alongamento mais organizado começa com a bola. De repente o time que for mais equilibrado, passar mais a bola, de repente essas panelas e essas situações de jogo é difícil o professor intervir, vai o bom senso na hora, é o tom que o aluno está falando que você intervém, poxa, agora se intervir não vai adiantar, vai tumultuar mais ainda. Então de repente, nesse X da questão, a panela, não deve deixar acontecer, não tem como.

Prof. 5 - Eu fiz também no 1º bimestre, estava dando jogos cooperativos, futebol cooperativo, aquele que fizesse o gol ia passar para o time que recebeu o gol, e aquele que tomou o gol ia escolher alguém do time para passar para o outro time, a fim de equilibrar o time, você entendeu? Às vezes na 5ª, 6ª série, eles não pensavam numa estratégia o seguinte, se eu quiser manter tal pessoa no meu time, ah, ele podia fazer o gol, então, ninguém pensava deste jeito, outros eram mais egoístas, queriam fazer o gol, aí passavam para o outro lado, não queriam. Aí eu falava: a gente não tinha combinado isto daí? Quer dizer, eu tinha imposto. Eu falei: vai ser deste jeito o jogo, porque é um futebol diferente. Tudo o que é diferente talvez eles tenham rejeição, você entendeu? Eu não ia conseguir que eles fizessem a aula deste jeito, tinha que impor mesmo, nesse momento eu impus.

Mas você explicou, não foi?

Prof. 5 - Expliquei e a aula vai ser assim.

Acho que aí é que está, impor é chegar: vai ser assim e acabou.

Prof. 1 - Você explica que tem aquele amigo que tem menos habilidade, para ter chance de fazer o gol. Então, você tem que ter este capricho.

Prof. 5 - Isso, eu expliquei.

Prof. 1 - Os professores reflitam em cima da estratégia proposta.

Prof. 3 - Se você for pensar assim, Prof. 5, que você impôs, não, foi uma estratégia que você utilizou para desenvolver esta reflexão, para eles pensarem numa alternativa para o time deles jogarem bem, para o time jogar bem mesmo que um saia e outro entre. Agora, nós temos que trazer estas situações, não é que você vai impor, se você não "impor", eles vão fazer o que quiserem.

Prof. 2 - Eu não acho ruim impor...

Prof. 3 - Não é imposição, isso aí é uma estratégia que a gente está tentando. Não tem essa que você está sendo o sargento lá e impondo, é uma estratégia que você está utilizando com determinado objetivo, que você vai ter um retorno.

Você está ressignificando, e o legal o que você falou, dá pra fazer isso com um alongamento, com um texto de história do esporte. E aí no jogo, que contexto esportivo que é? Esse jogo parece algum esporte que a gente vê na TV? Às vezes parece a atividade, mas é um jogo diferente, como um outro professor, estava comentando do handebol, poderia dar um outro nome na minha escola, porque foi um handebol totalmente diferente, por quê? Parecia handebol, gol com a mão e não entrava na área, algumas regras eram parecidas. Você tinha que pisar na linha para cobrar lateral? Eles mesmos faziam, só podia fazer gol depois que todos tocassem. E quando saía muita falta, só podia roubar a bola atrás da linha pontilhada, e qual outra regra? Olha, ele não está arremessando. E aí? Era minha estratégia para todo mundo tocar na bola. Tive dificuldades, tive, tinha hora que eles arrancavam a bola da mão, não acontece muito isso, o arrancar a bola da mão?

Prof. 3 – É, conforme o professor for percebendo as dificuldades, é mediar, ele tem que mostrar essas dificuldades para os alunos e ajudar os alunos, não dá a situação pronta, mas dar pistas para eles proporem uma solução para estes problemas.

Porque se o objetivo fosse handebol competição... mas não, o que era? Era trabalhar a atitude, a cooperação, a participação de todos e trabalhar a habilidade também, não deixamos de trabalhar a habilidade.

Prof. 4 - É aí que se confunde muitas vezes a Educação Física, porque o esporte competição... na escola é difícil eles saberem que não estão competindo, eles estão jogando ali para eles, estão competindo. De repente, o nível de competição é muito baixo de quando eles estão num torneio.

É o que se fala em esporte educação. Talvez essa Educação Física que numa época foi muito criticada, era porque queriam preparar atletas, então selecionavam, não era isso?

Prof. 3 - Selecionar os melhores, né?

Prof. 1 - Se parar para analisar a questão da competição, quem não é competitivo?

Prof. 3 - A Educação Física no Brasil, estive conversando com uma professora que foi fazer uma especialização no Canadá, a Educação Física escolar lá é extremamente tecnicista, dá para ver que no Brasil, quando a gente consegue trabalhar a Educação Física da maneira como estamos discutindo aqui, a gente consegue alcançar um objetivo grande, né? Porque o tecnicismo você deixa mais para os Centros esportivos, não sei se é essa maneira que eles utilizam para ensinar o esporte, mas eu acho mesmo que alguns professores não têm esse conceito de autonomia, não tenham feitos trabalhos ou discussões como essa para trabalhar a autonomia, acabam que inconscientemente alguns acabam trabalhando, por quê? A maioria eu vejo que desempenha esse papel de mediador, eu acho que mesmo na

época em que eu fazia Educação Física, tive professores que soltavam a bola e era deixar os alunos fazer o querem. Se quer fazer faz, se não quer, não faz. E mesmo aqueles outros que mediavam: isso aqui não está dando certo, vamos tentar resolver o problema aqui... e naquela época acho que eles nem discutiam autonomia, no curso deles. Tive professor que fez Educação Física na década de 70 e não fez especialização mais. Para mim, este é um tema recente.

Legal, a gente pode encerrar aqui, continuando isso no próximo encontro e se alguém tiver alguma outra proposta pode trazer, outra coisa que fez na escola pode trazer, trazer algum livro como a Prof. 1, lembrar alguma disciplina que falou ou não falou, fica em aberto.

Prof. 3 - Eu tenho 2 livros aqui que tratam da autonomia. Esse aqui é um livro da Luiza Irene, ela fez mestrado na Unicamp, ela faz uma análise, como nós temos aqui a capacitação, lá em Goiás eles têm também um centro de capacitação e lá eles abordavam, tentavam trabalhar em cima da teoria... você leu este livro?

Eu li.

Prof. 3 - E ela está tentando fazer uma análise de quais tendências ela consegue desenvolver melhor a autonomia dos alunos nas aulas de Educação Física. E aqui a Educação como Prática Corporal, do João Batista Freire e do Alcides.

Então você pode começar a discussão falando... outros também para enriquecer o encontro, tudo bem?

Prof. 3 - Pode ser.

ÚLTIMA REUNIÃO

Prof. 5 – Ah! Eu procurei as coisas. Nesse livro, Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas, do Julio Groppa, e aqui na página 103 o autor trata sobre autonomia. Ele dividiu em duas partes esse livro, a primeira parte em conceitual, sobre autonomia, que antes para chegar na autonomia a pessoa tem que passar por dois estágios anteriores, que é anomia, heteronomia e autonomia. Esse nomia vem do latim e significa regra, e A é negação. Então a 1ª fase que é anomia, quer dizer, a não-regra. Isso acontece muito no recém-nascido, que a criança não tem nenhuma regra, ela nem sabe que existe regras na sociedade para ela. Aí, a segunda fase, a pessoa passa por um processo chamado heteronomia, que é o seguinte, que fonte de regras são variadas, pode ser dos pais, professores, principalmente aqueles que até aceita (a criança), às vezes aceita e não sabe o porquê. Sabe que tem coisas que devem ou não ser feitas e quem as determina são os outros. Normalmente isso se dá pela coação exercida pelos mais velhos. Quer dizer, os mais velhos tentam, vamos dizer, “coagir” as crianças a obedecer, através... da fala mesmo: se você não fizer tal coisa, vai ser punido e tal e a criança acaba obedecendo por medo. E o melhor jeito de obedecer não é só por medo, também tem por afeto e aí chegando nessa fase chama-se autonomia. E o que é autonomia? É o sujeito que sabe que existem regras para se viver em sociedade, mas a fonte dessas regras está nele próprio, mas pode confundir, como disse Ulisses Ferreira de Araújo, professor da faculdade de educação da Unicamp, que ele diz que autonomia necessita de um acordo entre as partes envolvidas. Então, não significa que a pessoa formula a sua própria regra, tem isso, mas não basta isso. Saber também trabalhar em conjunto as regras, para chegar numa regra comum e isso que é autonomia, não a pessoa formular a sua própria

regra. Muitas escolas ditas progressistas deixam os alunos livres para decidirem sobre as regras, esquecendo que vivem em sociedade, quer dizer que: ah! vou deixar os alunos livres para escolherem o que quiserem. Só que aí não forma os alunos para a sociedade, porque a sociedade tem determinadas regras. E essas regras (dos alunos) não é formada por um consenso, cada um faz o que quer, os alunos fazem o que querem na escola, é isso que o autor quer dizer. E isso, segundo esse autor Araújo, ele chega à conclusão de que isso se parece mais com a anomia, ou seja, sem regras. É importante também trabalhar na escola a autonomia para trabalhar a noção de justiça e respeito, as regras têm que ser construídas pelos indivíduos pela sua interação com o mundo, ou seja, o grupo construir a regra e vivenciar também. Então, construir a regra no geral para se conseguir chegar à autonomia, porque se deixar a pessoa isolada fazendo a própria regra, jamais vai se chegar à autonomia. Autonomia só se consegue através da interação com o grupo, que ele diz aqui, segundo Piaget, com o mundo, com as pessoas. E na parte de heteronomia, que a criança sabe o que é certo e o que é errado, apesar das crianças não compreenderem a necessidade das regras para o convívio social, acabam acatando as normas dependendo da fonte de ordem humana. Quer dizer, obedecem as regras de uma determinada pessoa, se você não conhece a criança e pedir para fazer tal coisa ela não vai nem te escutar, aí, se for o pai ou a mãe que determinou, ela tende a escutar os pais porque estão mais próximos dele e talvez o professor, dependendo do professor, a pessoa mais próxima desta criança. E o desenvolvimento humano da pessoa passa primeiro pelo estágio ou fase, do egocentrismo, depois ele vai fazer a interação, socialização. E nessa socialização ocorre a cooperação. E nessa cooperação que você consegue desenvolver a ética da solidariedade e reciprocidade nas relações e com isso vai se chegar, se você conseguir cooperar, você conseguir ter o respeito mútuo entre as pessoas. Você cooperando também pode conseguir desenvolver a autonomia. E o importante que quero enfatizar nessa fase aí é o desenvolvimento humano que você quer desenvolver e o respeito humano. Você precisa aprender a cooperar com as pessoas, senão sem isso jamais um vai respeitar o outro. Se um não se relacionar, não tentar ajudar o outro, jamais vai ter respeito. Autonomia, portanto, pode ser compreendida como resultante do processo de socialização que leva o indivíduo a sair de seu egocentrismo característico da heteronomia, para cooperar com os outros e submeter-se ou não conscientemente às regras sociais. Às vezes você sabe as regras, mas não está afim de cooperar com o grupo ou obedecer as regras sociais. Às vezes, você tem autonomia, só que o problema é que você não quer seguir determinadas regras que a sociedade impõe. Aí acontece muito, um maior exemplo no Brasil, é político, ele tem autonomia, ele sabe o que é certo o que é errado, mas ele age de má fé.

Prof. 2 - Vamos para a prática. De tudo o que falou eu tive uma idéia, eu acho que se a gente pegar o que esse autor diz, que acredito ser verdade, que para ter autonomia você precisa aprender a cooperar, eu acho que isso é uma grande verdade, a gente podia começar então o ano lecionando jogos cooperativos, atividades cooperativas.

Prof. 5 - Isso eu fiz no Estado no 2º bimestre, porque eu percebi que as crianças eram muito egoístas e o mundo está muito egoísta, cada um fica no seu cantinho, por causa da violência fica em casa jogando o seu videogame. Então, fica no seu mundinho lá e não aprende a cooperar com as pessoas, fica só individualista. E sendo individualista a pessoa vai ser egoísta, acaba sendo mesmo porque, para a pessoa cooperar, tem que interagir com as pessoas.

Prof. 2 - Mas é sério isso que você está falando.

Prof. 5 - Por isso que trabalhei no Estado jogos cooperativos.

Prof. 2 - Entre a gente mesmo podemos começar a pensar em alguma coisa e desenvolver um trabalho cooperativo, jogos cooperativos. Primeiro e segundo mês, aí você vai começar a dar para eles autonomia para as outras aulas nossas.

Prof. 5 - E outros professores ajudando também.

Prof. 2 - Sim, sim.

Prof. 5 - Para fazer isso aí bem, você precisa cooperar.

Prof. 2 - E tem alguns autores que falam sobre jogos cooperativos, eu já vi, como é mesmo o nome daquele...?

Prof. 1 - Fábio Broto.

Prof. 2 - Já li com intenção de fazer na prática umas duas atividades, mas nada com intenção nisso. Agora que você deu esta idéia, de repente o jogo cooperativo para eles entenderem essa coisa do próximo, para ele começar a ter autonomia... Que por mais que gente fale de autonomia, o que eles têm? O egoísmo, aquela coisa do eu quero ganhar, eu quero fazer, dane-se os outros. Acho que se trabalhar um pouco isso aí a gente consegue melhorar um pouco.

Prof. 1 - Mas não quer dizer que nas nossas aulas de Educação Física vai estar trabalhando a autonomia somente nos jogos cooperativos.

Prof. 2 - Não, não.

Prof. 1 - Porque esse autor que o Prof. 5 acabou de citar, que é o Julio Groppa Aquino, que tem esse livro indisciplina na escola, por que ele cita essas fases até chegar na autonomia? Que é anomia, heteronomia a autonomia, porque ele cita a questão da indisciplina na escola, que a indisciplina na escola é justificada porque: ah, a gente deu autonomia para os alunos, por isso são indisciplinados na escola. Não. Está errado, então ele começa a citar essas fases, dá para colocar no trabalho, é bem legal, por quê? Porque é confundida a liberdade com indisciplina, por que qual é a causa? Aí justifica porque deu essa autonomia para a criança, então a criança pode fazer o que quer dentro da unidade escolar porque foi dada autonomia para ela? Não. É um termo confuso de liberdade com amizade e autonomia. Então, por isso que ele fala destas fases para chegar que a indisciplina na escola não é pela autonomia, porque autonomia também tem regra, também envolve cooperação com o grupo. Então quando o Prof. 2 fala: ah, legal começar no 1º bimestre já com os jogos cooperativos. Eu sou totalmente competitiva, só que eu sei cooperar, porque a gente, eu pelo menos, tive uma formação tão familiar quanto escolar, puxando para quê? Para eu me libertar, acatar algumas coisas, aproveitar aquilo, enxugar e ver o que é melhor para mim, nem sempre o que é melhor para mim é melhor para ele ou para ele. Então eu tenho essa reflexão. Essa reflexão aconteceu desde a minha adolescência porque eu já tive uma base nisso, tanto escolar quanto familiar. Então autonomia para mim nas aulas de Educação Física não se resume somente a jogos cooperativos.

Prof. 2 – Ahh, não (sem ironia). Não é isso que eu falei.

Prof. 1 - Não, eu entendi.

Prof. 2 - Seria um exemplo legal. Eu também sou totalmente competitivo, qualquer coisa que você falar: duvido! Eu quero provar, mas eu sou totalmente cooperativo quando precisa, eu sou muito cooperativo, só que eu gosto de uma competição, mas na aula as crianças não tem isso, eu já sou formado, você já é formada, como você falou, você já teve uma formação, mas as crianças não sabem o que é cooperar. Eu fiz uma vez aquela atividade da dança da cadeira inversa, em vez de tirar a cadeira e a criança sair, você tira a cadeira e as crianças ficam duas numa cadeira, três em outra... e eles se tapearam, se chutaram, se empurraram, se socaram, todas as classes. Eu fiz em todas as classes, eu falei: uma delas vai dar certo. E não deu. Todas elas, isso porque eu conversei antes: olha pessoal, você são amigos, vê se conseguem ajudar. Eles não sabem fazer isso. Então, se de repente se trabalhar um pouco mais isso, é um passo, um passinho pequeno, mas é um passo para frente na parte de autonomia. Porque realmente o que o Prof. 5 falou, está lá no livro, a autonomia depende da criança saber cooperar, senão não é autonomia, é liberdade (sentido de libertinagem). Porque tem muita diretora confundindo autonomia com liberdade.

Liberdade que vira libertinagem.

Prof. 2 - É. Ahh, mas deixar o aluno sozinho fazer as coisas, ele não está desenvolvendo a autonomia. Então está errado esse negócio, como a escola de Portugal, que o pessoal acha porque lá deu certo e aqui vai dar. Muitas escolas fazendo isso e não está dando certo, estão dando libertinagem em vez de autonomia.

Prof. 1 - Desenvolve a autonomia estar dentro da sala de aula com várias séries ao mesmo tempo? Séries multiseriadas e tal? Mas tem 5 professores para cada grupinho ali de 5 alunos. Então quer dizer, a diferença está nisso, eu posso muito bem concluir alguma coisa com 5 alunos, ou estar dando uma base melhor porque a estrutura é totalmente diferente. Só que o como a gente trabalha hoje, no sistema em que a gente trabalha, isso se torna inviável. Para mim, jogos cooperativos, já tentei fazer uma vez e eu particularmente não gosto, eu não gosto, então é claro que a minha turma não vai dar certo, porque eu acho que eu tenho que embutir neles a questão da reflexão, porque se tiver reflexão, independente se for totalmente competitivo, a pessoa pode saber o momento em que está se trabalhando num grupo, que está se adequando no grupo. Então eu sou do contra, ano passado, vamos começar com jogos cooperativos, eu tenho até o projeto lá, Atletismo em Ação – Jogos Cooperativos, tudo atletismo em cooperação. Poxa, comigo nada dava certo, porque sou totalmente competitiva, e os alunos se moldam ao professor, então para mim foi algo que não deu certo. Por exemplo, se fosse fazer essa dança da cadeira, para mim também não daria certo, eu acharia uma babaquice, porque a partir de 3ª em diante o aluno já tem que ter uma reflexão de aula, de corpo, de mundo e o professor vai mediando, mediando, o mundo é competitivo, a sociedade é competitiva.

Prof. 2 - Não, veja bem, eu até fiz um desafio para os outros professores. Eu fiz com 16 salas de aula, eu vi que não deu certo na 1ª na 2ª eu continuei a fazer, só que cada aula eu explicava: pessoal, são seus amigos, vocês não têm que empurrar, chutar, só ganha se todo mundo sentar, e fui explicando, não funcionava, sempre tinha uns 2 ou 3 que ficavam empurrando e chutando. Então fiz um desafio, se um dia alguém conseguir, vocês vão lá e me chamam. Então eu acho que tem que desenvolver atividades que funcionem, porque essa eu vi que não funcionou, essa talvez tinha que ficar depois de um tempo em que já tivesse rolado outras atividades que já tivessem entendido o que é a cooperação.

Prof. 1 - A idéia central é legal, de cooperar com o grupo, não visar o resultado.

Prof. 2 - E tem um resultado, só que eles não entendem que é todos ficarem sentados na cadeira.

Prof. 5 - Ninguém vai ser excluído.

Prof. 2 - O legal da brincadeira é o nós ganhamos.

Prof. 5 - Exatamente.

Prof. 2 - E eles: eu ganhei, acabou o nós.

Até quando é time eles falam: eu fiz o gol! Não sei se já repararam quando o do próprio time faz o gol e um fica bravo porque ele queria fazer o gol.

Prof. 2 - É, verdade. Por que você não tocou? (risos). Então, alguém que já trabalhou algo e tentar os que deram certo, para depois embutir nesses outros que são mais difíceis. Mas acho que seria um passo.

Prof. 5 - Acho que tem que começar. Se você não fizer isso, vai reforçar mais ainda a competição e vai chegar num tal ponto a sociedade que vai... se torna prejudicial.

Prof. 1 - Mas a competição também traz a autonomia.

Prof. 5 - Eu sei, mas pode ir para o lado extremo da competição, aí se torna negativo.

Prof. 1 - Ah sim.

Prof. 5 - Se você não trabalhar na escola, que é a base da educação, depois de um certo tempo você não consegue moldar mais a criança.

Mas é uma questão de visão, porque a gente vive em sociedade e é uma cooperação também viver em sociedade.

Prof. 5 - Tem os 2, tem que haver um equilíbrio (competição / cooperação).

Porque às vezes você fala que trabalha bastante a competição em uma visão, mas dentro de outra está cooperando.

Prof. 5 - Uma hora tem que ser competitivo, outra hora cooperativo, ou os dois unidos juntos. Tem os dois juntos, é legal saber trabalhar os dois, isso é importante. Deixar de trabalhar, no meu ponto de vista, se torna negativo, principalmente quando exacerbar a competição.

Prof. 4 - Dentro de jogos de competições pode ter situações de cooperação. Então, de repente a gente fica muito preso num jogo. Vamos trabalhar um jogo cooperativo, não vai ser totalmente cooperativo. Jogo competitivo, não é totalmente competitivo.

Prof. 2 - Mas existe atividade só cooperativa.

Prof. 5 - Vou dar outro exemplo também que eu fiz, que é o seguinte, você dispõe vários bambolês no chão, ou pode fazer um risco no chão, aí você vai tirando o bambolê, coloca uma música ou você espera um determinado tempo, você pára a música e todo mundo tem que entrar num bambolê, isso aí tem ganhador? Não tem, 100% cooperação, porque você tem que deixar o colega entrar, você vai deixar ele para fora? O objetivo é todos estarem dentro do bambolê. E tem uns que enfatizam mais a competição e outros mais a cooperação, é difícil ter um 100% cooperativo, isso é mais difícil, mas com os dois tem.

Prof. 2 – Ah, o próprio time, dentro de um time tem cooperação.

Prof. 5 - E às vezes pode não ter, às vezes a competição é tão exarcebada que eles não respeitam as regras, o colega. Às vezes, dependendo da postura do professor que incentiva tanto a competição, acaba passando isso para os alunos e eles mesmos acabam jogando, mas com certa violência. Aí é negativo, você entendeu? É um exemplo.

Entra de novo a mediação.

Prof. 5 - Sem dúvida. Se o professor for muito competitivo, aí não consegue dosar às vezes e fica perigoso, o time está ficando meio agressivo, está desrespeitando.

Prof. 3 - Eu também concordo com aquilo que vocês estão dizendo. Se você parar para analisar as fases de desenvolvimento do ser humano, da criança, você vê que até os 5, 6 anos de idade ela é bastante egoísta, isso aí é uma coisa que vem de dentro.

Está na fase egocêntrica.

Prof. 3 - É uma coisa assim... natural do ser humano, todo mundo passa por isso. Então, a gente tem essa certa dificuldade mesmo, por que alguns alunos conseguem deixar esse egoísmo de lado muito cedo e outros levam até a adolescência, até a fase adulta? Existem pessoas que às vezes não conseguem dar certo em algo, na convivência a dois, alguma coisa porque não deixou de ser egoísta, não criou maturidade, não aprendeu a conviver, porque conviver demanda ser solidário, generoso, você tem que pensar no interesse coletivo, pensar mais no interesse coletivo do que no próprio interesse. E a partir disso que a pessoa vai desenvolvendo a autonomia, tendo consciência daquilo que está fazendo, daquilo que pode fazer. Aqui, o Alcides e o João, eles falam que é um péssimo cidadão aquele que não consegue ser generoso ao de limitar seus próprios interesses diante dos interesses coletivos. E é verdade, só respeitando os outros é que você vai começar a ter atitudes autônomas.

Legal, essa parte aí de conceito de autonomia, como o Prof. 5 falou de sociedade com regras, por isso não é fazer o quer, a gente discutiu algumas coisas e as fases do desenvolvimento... passam pela fase egocêntrica, isto é do desenvolvimento mesmo e por que alguns passam por essa fase mais rápido? Depende do estímulo, do ambiente como foi, como é que ele foi estimulado, tanto na escola, todo o contexto em que ele vive. E é o resultado da interação, e aí o Prof. 2

falou que, ou você dá um jogo cooperativo, ou através da reflexão, fala mais da cooperação, é uma estratégia.

Prof. 2 - Tentar, né? Porque a gente passa por dificuldades para trabalhar este tipo de coisa na escola. Muitas dessas coisas de as crianças serem mais agressivas, hoje em dia o videogame, os jogos são agressivos, a televisão que só se mostra coisa errada, desenhos, né? Então, a gente está com um problema sério e a hora que ele falou aquilo lá deu aquela coisa de vontade de tentar fazer alguma coisa, ele falou que já trabalhou e mesmo assim ajudou pouquíssimo, né?

Prof. 5 - Pouquíssimo... acho que valeu a pena, pelo menos eu contribuí para alguma coisa, alguma coisa levou, e eu não dava apenas atividades práticas, eu também comecei nas primeiras aulas conceitos, de jogos cooperativos, conceito de competição, conceito de cooperação, aula teórica mesmo, os alunos na sala de aula escrevendo, depois teve prova disso aí também, diferenças entre uma situação competitiva e uma cooperativa, foi isso que abordei. Gastei duas aulas fazendo isso.

Você deu ênfase no conceito?

Prof. 5 – Isso, eu queria mais conceituais.

E os alunos na sala de aula?

Prof. 5 – Ah, lógico que eles não queriam, nossa, Educação Física queria ir para a quadra e o professor chega em sala de aula?

Tem muito, né?

Prof. 5 - Tem, tanto é que tem dia que eles não sabem: professor, nós vamos para quadra? Sempre perguntam.

Prof. 4 - E isso atrapalhou o desenvolvimento do seu trabalho? Conseguiu contornar? Porque quando você já vai para uma sala de aula com todo mundo contrariado, como é você trabalhou isso? Deu certo?

Prof. 5 - Alguns copiam e alguns só copiam por copiar, tem outros que nem copiam, alguns prestam atenção.

Prof. 4 - Você achou, por exemplo, a estratégia de passar na lousa, explicar o que é, mostrar, achou que foi válido?

Prof. 5 - É, entender o conceito eles entendem, transcrever do jeito que o autor escreve está longe.

Prof. 4 - Eles escreviam definição com o que eles pensavam?

Prof. 5 - O que eles pensavam, porque eu explico e fui dar a prova, isso no 2º bimestre. Então, eles já até esqueceram e fora que eles não estudam, esse é um péssimo hábito que eles têm. O que é competição? Ah, competição é competir. E cooperação? Cooperação é cooperar. E acabou a resposta, é assim, e eles escrevem errado, competição. Eu corrijo depois.

Quando eu fiz uma provinha de handebol, eu fazia questões assim: por que tinha tal regra? Eu falava. Quais eram as regras para atingir isto e tal? Por exemplo, de só fazer o gol depois que todo mundo tocar. E alguns, daí você fala, quantos atinjo? Aí varia, os que estudam, os que se empenham. Porque fica um peso em nós, ah, você tem que estimular, você tem que motivar e eles não têm mais dever nenhum, né? Se você não é o professor super motivante, super legal...

Prof. 4 - Mágico.

Prof. 5 - Pode ser o professor mais motivante do mundo que não funciona, tem a motivação intrínseca, a mais importante que tem. Se o aluno não está disposto a aprender, não tem metodologia de ensino que funcione, não tem mesmo.

Prof. 4 - Hoje eu vi uma professora preenchendo relatório de ficha espelho de aluno por aluno e li alguns, eu pedi. E só elogios para todos os alunos, aí eu falei para ela: nossa, a turma está boa! Aí ela falou: não, não é essa questão, nós professores não podemos colocar os defeitos dos nossos alunos, nós temos que colocar só o que eles conseguem, o que eles não conseguem, a culpa é nossa.

Absurdo (geral)

Inculcou na professora que a culpa é dela.

Prof. 5 – É, mas o sistema faz isso. E a indisciplina é culpa do professor.

Então, agora em relação a parte da formação, quem teve alguma disciplina, alguém quer começar a falar? que lembra, que foi falado...

Prof. 5 - Eu não aprendi nada especificamente de autonomia, abordar esse assunto não.

Prof. 1 - Eu tive uma matéria, crescimento e desenvolvimento, que fala das janelas de oportunidades, que ele cita a autonomia da criança, fala das fases do desenvolvimento, citando a parte do leque de oportunidades que a criança deve ter para desenvolver a autonomia.

Prof. 3 - Eu, foi falado muito de autonomia nas aulas de didática, de metodologia. O professor inclusive já escreveu sobre autonomia, é o Alcides, defensor ferrenho dessa tendência. Então, ele procurava nos ensinar a utilizar atividades que desenvolvesse a criticidade do aluno.

Prof. 2 - Mas ele chegou a dar dicas de aulas práticas?

Prof. 3 - Sim, nas aulas de didática, na parte teórica a gente discutia algumas tendências e também a gente ia para a prática, os alunos desenvolviam e montavam as aulas e a gente ia para a prática aplicar.

Prof. 2 - O interessante para a gente, por mais que a gente tenha teoria, é por na prática, é tentar leva isso para a prática.

Prof. 5 - O problema é que a aula é curta.

E a gente acaba falando de conceito, reflexão na roda também, né? Mas é uma dificuldade que eu tenho às vezes, de juntar para isso.

Prof. 5 - Sim.

Prof. 1 - Não é só você não.

Prof. 2 - Não lembro quem comentou, mas de marcar um dia por semana, ou a cada duas ou três, naquele dia já se sabe que vai ser dentro da sala de aula.

Prof. 4 - Quantas vezes acontece você está falando na roda um levanta e diz: professor, que horas que você vai começar?

Prof. 2 - Exatamente.

Prof. 1 - Nossa, direto.

Prof. 5 - Por isso que eu gosto de usar a sala de aula quando chove, aí eu preparo e não tem jeito.

Mesmo chovendo já tive aluno que ficou bravo porque está querendo ir para a quadra na chuva: ô professor, mas dá para ir.

Prof. 1 - Se o aluno saber qual é a importância, por mais que ele rateie que não goste de ficar na sala de aula, mas ele vai, um pouco ele vai conseguir refletir, nem todos.

Prof. 2 - Os que mais atrapalham a nossa aula não prestam atenção.

Prof. 5 - Eu sempre combino de começar a aula na sala, sempre, padronizar, porque senão: ah, professor, vamos para a quadra ou sala de aula? Eles já estão tudo na quadra, aí pede para ir na sala? Até eles voltarem.

É você tem uma aula de 50 minutos com quarenta, aí já perde maior tempo...

Prof. 5 - É, por isso eu prefiro começar na sala de aula, sempre começo. Eu pedi até para a diretora colocar sala de aula perto da quadra, só que não foi possível, porque tem outros professores, aí vai sair de lá de cima...

Prof. 2 - Quando você tem 50 minutos de aula, dá para você usar a própria sala deles, antes de eles saírem, você já entra na sala de aula explica qual vai ser a atividade, que eu fazia isso, eu entrava: hoje o jogo vai ser o seguinte, desenhava rapidinho, desenhava a quadra na lousa, quem estiver de colete azul vai fazer não sei o quê, quem tiver de vermelho vai fazer isso, entendeu? Se não entenderam, vamos lá que eu explico o resto na quadra, e ia para a quadra. Então em uma hora de aula, dá tempo você perder cinco minutos na sala.

Prof. 1 - Não é perder, né?

Prof. 2 - Vale a pena você pegar esses cinco minutos, ou dez que sejam, dentro da sala, e aí você consegue dar os outros 40 na quadra, do que você levar eles para a quadra e todo aquele barulho.

Prof. 5 - Eles não juntam, dispersam, não dá, você tem que brigar muito, eles não estão acostumados a formar roda. Dependendo da turma nem forma roda. Então, na sala de aula fica mais fácil para controlar, aquele que tiver fazendo bagunça, você chama a atenção dele, e na quadra não, tem que ficar gritando, eles somem, maior complicado, é melhor na sala mesmo, para dar um recado também é bom, chamada.

Prof. 3 - A gente sabe que, estava vendo o fechamento da sra. Duckur, no livro dela Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de Educação Física, ela diz que a educação sozinha não vai transformar a sociedade, mas essas novas tendências que estão surgindo para nos auxiliar, não só na Educação Física, elas nos ajudam a construir novas práticas pedagógicas que vêm superar a discriminação, a seletividade, marginalidade e tudo isso com o intuito de possibilitar uma melhor qualidade no ensino mesmo, buscando sempre uma sociedade mais democrática, mais justa, e isso é dar possibilidade para o aluno de ser autônomo, de buscar a autonomia. Eu acho muito legal isso.

Prof. 5 - Acho que depende de quem trabalha, né? Porque não é só dentro da escola que ele vai trabalhar a autonomia. E depende de quem atuar na escola.

Prof. 3 - Às vezes, a gente como professor mesmo, por exemplo, o professor ser autônomo em sala de aula não quer dizer que ele vai ser autônomo como pai de família. Às vezes, a gente vê um aluno sendo autônomo na sala de aula e num outro contexto ele não é autônomo. Então, a gente tem que tentar diversificar ao máximo essa autonomia, não é somente ser autônomo em situações de jogo, por exemplo. Às vezes a gente se foca muito nessa situação, precisa conversar com os alunos.

Prof. 4 - Olha para o nosso passado um pouquinho e quanto a escola contribuiu para a gente ser o que é hoje? Quanto a escola que você passou, que todos nós passamos, até a faculdade, contribuiu para a gente ter a personalidade que temos hoje? Às vezes, a gente olha vários alunos, a gente vai intervindo sempre neles, será que a gente não está transformando vidas? Quantas pessoas até viraram professor de Educação Física porque se espelhou no seu professor? De Educação Física, matemática, inglês. Às vezes, temos que estar muito atentos a isso, temos uma responsabilidade muito grande e podemos muito mais do que a gente pensa.

Prof. 2 - Deixa eu aproveitar a sua fala, vamos voltar 70 anos atrás, tinha internet? Nem computador existia, não? Tinha TV? Nas casas normais não tinha aqui no Brasil, tinha carro? Eram carroças, ou seja, tudo evoluiu, e como que era a escola 70 anos atrás? É exatamente isso que é hoje, a mesa, professor na frente, carteiras uma do lado da outra, não mudou. As pessoas mudaram, as crianças já nascem de olhos abertos e nós fechados. Hoje, criança, eu tenho um sobrinho de 5 anos que já mexe no computador e meu pai tem 70 anos e não sabe. As crianças hoje são outras crianças, o mundo é outro e a escola não mudou. Não mudou gente, aquela mesma coisa, carteirinhas enfileiradas. Como a gente quer que o mundo de hoje, a escola, as crianças consigam modificar alguma coisa?

Prof. 1 - Por isso que o embasamento teórico está aí, para que haja mudança pelo menos de paradigma e do que a escola era e pode vir a ser, por isso que tem esse tema de hoje que o Eduardo está colocando em seu trabalho do mestrado que é a autonomia, porque é um termo novo, atual, que tem a ver com a educação e tem que saber aplicar.

Prof. 2 - E a criança já é um pouco autônoma na casa dela com o computador. Será que a criança não é autônoma no computador? Mas só no seu mundinho, saiu de lá...

Aí envolve a interação. Apesar de muita evolução a interação...

Prof. 3 - Prof. 2 , é o que falei antes, os alunos são autônomos em determinadas situações e em outras não. Aquele aluno que solta pipa, sobe em árvores, que fica jogando bola, vai para a sua aula de Educação Física, você percebe que ele é super autônomo, toma decisões rápidas, já aquele que é autônomo em casa, sabe navegar, dá um problema no computador, sabe resolver, joga ele para a Educação Física, mal sabe correr, aquela coisa toda. E como o Prof. 4 falou aqui da escola dele, que às vezes alguns alunos se espelharam no professor, isso não é só a educação que vai transformar a sociedade, porque eu tenho um primo que estudou até a 7ª na mesma escola que eu, só que existe uma diferença de princípios familiares entre a dele e a minha. O pai bebe, nunca incentivou, nunca foi numa reunião de pais etc. O menino parou de estudar na 7ª série, e sinto pena, poxa vida, nasceu junto comigo, estudou nas mesmas escolas que eu, porque que, talvez não seja grande coisa eu estar formado aqui, mas hoje eu estou formado e ele trabalha lá de peão, tem minha idade. Então, é uma questão de princípios, de família, não adianta a gente querer resolver tudo na escola, porque se a família não der uma contribuição, esquece.

Eu queria agradecer, foi bem legal. Agora meu trabalho é pegar e juntar o que é conceito, estratégias...